



# Universidade de Brasília

Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Departamento psicologia Clínica e Cultura  
Programa Pós-Graduação Psicologia Clínica e Cultura

Rafael A. Moore

## **Prevenção da violência no namoro e engajamento masculino**

Avaliação de necessidades com homens jovens

Brasília  
2023



# Universidade de Brasília

Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Departamento psicologia Clínica e Cultura  
Programa Pós-Graduação Psicologia Clínica e Cultura

## **Prevenção da violência no namoro e engajamento masculino**

Avaliação de necessidades com homens jovens

Rafael A. Moore

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília.

Área: Psicologia Clínica e Cultura  
Linha de pesquisa: Saúde Mental e Cultura

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Sheila Giardini Murta

Brasília  
2023



Tese apresentada para obtenção do título de Doutor em Psicologia junto ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília no programa pós-graduação em psicologia clínica e cultura.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Sheila Giardini Murta  
Universidade de Brasília – UnB  
Presidente da Banca

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Isabela Machado da Silva  
Universidade de Brasília - UnB  
Membro Titular

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dais Gonçalves Rocha  
Universidade de Brasília - UnB  
Membro Titular

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luisa Fernanda Habigzang  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS  
Membro Titular

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karine Brito dos Santos  
Universidade Federal de Integração Latino-Americana - UNILA  
Membro Suplente

*Dedico esse trabalho aqueles  
que buscam crescer e construir um mundo  
que seja melhor do que aquele que herdamos.*

*“Não há nada de nobre  
Em ser superior ao seu semelhante.  
A verdadeira nobreza é ser superior  
Ao seu antigo eu.”  
- Walter Lorenzo Sheldon*

## Resumo

Moore, R. A. (2023). Prevenção da violência no namoro e engajamento masculino: Avaliação de necessidades com homens jovens. Tese (Doutorado) - Departamento de psicologia clínica e cultura. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília. Brasília.

A violência no namoro é tema relevante por impactar a saúde mental de jovens, sendo associada a maior risco para depressão e transtornos ansiosos e ser preditora de violência conjugal. A prevenção da violência no namoro foca em programas que adereçam psicoeducação sobre violência no namoro e sexismo, atitudes acerca da violência no namoro e treino em habilidades de vida. Porém, as masculinidades como fenômeno associado à prática de violência masculina têm recebido pouca atenção, bem como programas de prevenção da violência no namoro alcançam menos participação masculina. Essa tese tem como objetivo a produção de uma avaliação de necessidades de um programa de prevenção da violência no namoro que favoreça o engajamento de homens na faixa etária de jovens adultos. Os objetivos específicos são: levantar e analisar fatores que possam prejudicar o engajamento masculino à projetos de prevenção da violência no namoro; identificar e apontar fatores que tenham o potencial de melhorar o engajamento masculino à projetos de prevenção da violência no namoro; produzir ao final um protocolo de medidas a serem adotadas visando alcançar o público masculino em projetos de prevenção da violência no namoro. Para alcançar tais objetivos foi realizada a etapa de elaboração do modelo lógico do problema de acordo com a abordagem de Mapeamento de Intervenções, em que constam três etapas: 1. Revisão bibliográfica do tipo escopo acerca de programas de prevenção da violência masculina na América Latina e Caribe nos anos de 2010 a 2021; 2. Grupo de planejamento com encontros presenciais e virtuais com membros com experiência nas áreas de saúde, educação, cidadania, masculinidades e direitos humanos visando maior conhecimento teórico e prático sobre as referidas áreas; 3. Realização de 10 entrevistas individuais, com participantes divididos em dois grupos, jovens adultos e de professores que trabalhem com jovens adultos abordando programas de prevenção da violência no namoro, masculinidades e engajamento masculino. Os resultados apontam interesses em temas de sexualidade, gênero e relacionamentos; estruturas que favoreçam maior participação e construção ativa; importância da avaliação de pares na participação masculina em programas de prevenção e da equipe de facilitadores dos programas contarem com homens que apresentem modelo não-hegemônico de masculinidade. Programas que aderecem aspectos da comunidade, inserindo temas relevantes para o contexto podem alcançar maior engajamento e maior sustentabilidade. São necessários estudos futuros que explorem as relações das masculinidades

com o racismo, as identidades LGBTQA+, etnias, bem como a importância do gênero na estrutura dos programas de prevenção da violência no namoro.

Palavras-Chave: Masculinidades, Violência no namoro, Prevenção, Promoção da saúde, Avaliação de necessidades.

## **Abstract**

Moore, R. A. (2023). Dating violence prevention and masculinity engagement. Needs assessment with youth men. Tese (Doutorado) - Departamento de psicologia clínica e cultura. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília. Brasília.

Dating violence is a relevant topic because it impacts the mental health of young people, being associated with a greater risk for depression and anxiety disorders and being a predictor of marital violence. Dating violence prevention focuses on programs that address psychoeducation about dating violence and sexism, attitudes about dating violence, and life skills training. However, masculinities as a phenomenon associated with the practice of male violence have received little attention, as well as dating violence prevention programs reach less male participation. This thesis aims to produce a needs assessment of a dating violence prevention program that favors the engagement of men in the young adult age group. The specific objectives are: to identify and analyze factors that may harm male engagement in dating violence prevention projects; identify and point out factors that have the potential to improve male engagement in dating violence prevention projects; produce at the end a protocol of measures to be adopted in order to reach the male public in dating violence prevention projects. In order to achieve these objectives, the logical model of the problem was elaborated according to the Intervention Mapping approach, which consists of three steps: 1. Bibliographic review of the scope type on male violence prevention programs in Latin America and Caribbean in the years 2010 to 2021; 2. Planning group with face-to-face and virtual meetings with members with experience in the areas of health, education, citizenship, masculinities and human rights, aiming at greater theoretical and practical knowledge about these areas; 3. Conducting 10 individual interviews, with participants divided into two groups, young adults and teachers who work with young adults addressing dating violence prevention programs, masculinities and male engagement. The results indicate interests in themes of sexuality, gender and relationships; structures that favor greater participation and active construction; importance of peer evaluation in male participation in prevention programs and the fact that the program's facilitating team has men who present a non-hegemonic model of masculinity. Programs that address aspects of the community, inserting themes relevant to the context can achieve greater engagement and greater sustainability. Future studies are needed to explore the relationship between masculinities and racism, LGBTQA+ identities, ethnicities, as well as the importance of gender in the structure of dating violence prevention programs.



Keywords: Masculinities, Dating violence, Prevention, Health promotion, Needs assessment.

## Resumen

Moore, R. A. (2023). Prevención de la violencia en el noviazgo y encajamiento masculino: Evaluación de necesidades con hombres jóvenes. Tesis (Doctorado) - Departamento de psicología clínica e cultura. Instituto de Psicología. Universidade de Brasília. Brasília.

La violencia en el noviazgo es un tema relevante porque impacta en la salud mental de los jóvenes, asociándose a un mayor riesgo de depresión y trastornos de ansiedad y siendo un predictor de violencia conyugal. La prevención de la violencia en el noviazgo se centra en programas que abordan la psicoeducación sobre la violencia y el sexismo en el noviazgo, las actitudes sobre la violencia en el noviazgo y la capacitación en habilidades para la vida. Sin embargo, las masculinidades como fenómeno asociado a la práctica de la violencia machista han recibido poca atención, así como los programas de prevención de la violencia en el noviazgo alcanzan una menor participación masculina. Esta tesis tiene como objetivo la producción de una evaluación de necesidades de un programa de prevención de la violencia en el noviazgo que favorezca al compromiso de hombres en la faja etaria de jóvenes adultos. Los objetivos específicos son: recolectar y analizar los factores que puedan obstaculizar el compromiso masculino con proyectos de prevención de la violencia en el noviazgo; identificar y señalar factores que tengan potencial de mejorar el compromiso masculino a proyectos de prevención de la violencia en el noviazgo; producir, al final, un protocolo de medidas a ser adoptadas visando alcanzar el público masculino en proyectos de prevención de la violencia en el noviazgo. Para alcanzar tales objetivos, fue realizada la etapa de modelo lógico del problema, en acuerdo con el modelo de Mapeo de Intervenciones, que consta de tres etapas: 1) revisión bibliográfica del alcance acerca de programas de prevención a la violencia masculina en América Latina y el Caribe entre los años de 2010 y 2021; 2) Grupos de planificación con encuentros presenciales y virtuales con miembros con experiencia en las áreas de salud, educación, ciudadanía, masculinidades y derechos humanos, visando a mayor conocimiento teórico y práctico a respecto de las referidas áreas; 3) Realización de 10 entrevistas individuales, con participantes divididos en dos grupos, adultos jóvenes y docentes que trabajan con adultos jóvenes abordando programas de prevención de violencia en el noviazgo, masculinidades y compromiso masculino. Los resultados apuntan interés en temas de sexualidad, género, relacionamientos, estructuras que favorezcan mayor participación y construcción activa, importancia de la evaluación por pares en la participación masculina en los programas de prevención y que el equipo de facilitadores del programa cuente con hombres que presenten un modelo de masculinidad no hegemónico. Los programas que aborden aspectos de la comunidad, insertando temas relevantes al contexto propuesto, pueden alcanzar mayor

compromiso y mayor sustentabilidad. Se necesitan estudios futuros para explorar la relación entre las masculinidades y el racismo, las identidades LGBTQA+, las etnias, así como la importancia del género en la estructura de los programas de prevención de la violencia en el noviazgo.

Palabras-Clave: Masculinidades, Violencia en el noviazgo, Prevención, Promoción de salud, Evaluación de necesidades.

## Lista de tabelas

Tabela	Página
Tabela 1 Termos adotados na pesquisa bibliográfica .....	41
Tabela 2 Artigos selecionados para análise com nome dos autores/ ano de..... publicação, título e país do estudo.	43
Tabela 3 Integrantes do Grupo de planejamento por Gênero, Profissão e Campo... de experiência.	45
Tabela 4 Informações sobre participantes segundo gênero, idade, classe social e... ocupação.	47
Tabela 5 Descrição dos artigos analisados por Referência, Título, Cidade/País, .... Etapa e Delineamento.	50
Tabela 6 Componentes de programas de prevenção/promoção indicados como favoráveis à participação masculina	97

## Lista de Figuras

Figura	Página
Figura 1 Esquemática comparativa de ações de promoção de relacionamentos..... saudáveis, prevenção da violência no namoro, tratamento e reabilitação.	29
Figura 2 Mapeamento de Intervenções com etapas e tarefas.....	38

Sumário	Página
Apresentação	1
Introdução .....	7
Violência no namoro .....	21
Prevenção da Violência no namoro e promoção de relações saudáveis ....	26
Diferentes níveis de prevenção .....	31
Programas de Prevenção da violência no namoro .....	35
Justificativa .....	41
Objetivos .....	43
Método .....	44
Mapeamento de intervenções .....	44
Revisão de Literatura .....	46
Grupo de Planeamento .....	51
Entrevistas .....	52
Resultados e Discussão .....	57
Programas de Prevenção da Violência Masculina .....	57
Grupo de Planeamento .....	64
Entrevistas .....	69
Síntese .....	100
Conclusão .....	105
Referências Bibliográficas .....	110
Anexos .....	121



## **Apresentação**

*“O macio é mais forte do que o duro.  
A água, mais forte do que a rocha.  
O amor, mais forte do que a violência.”*

Herman Hesse

Esse trabalho surge de uma inquietação. Uma inquietação com a psicologia, com a ciência e com o campo da saúde. Que é na verdade o resultado de uma inquietação com o mundo em si. Essa inquietação leva a um objetivo acadêmico e outro objetivo político para esse trabalho.

Quanto ao primeiro, o objetivo acadêmico, ao longo da minha formação acadêmica e do meu trabalho como psicólogo frequentemente me deparei com uma constatação, anedótica, mas que eu vim a acreditar pela minha experiência. Essa constatação é a de que muitas vezes as pessoas que estão em sofrimento agem sobre o mundo de maneira disfuncional, se isolando das outras pessoas, negando ajuda por não conseguirem confiar, desistindo de tentar pelo medo, usando de violência para defender o próprio mundo.

Nossa sociedade tende a dividir o mundo entre opostos, entre binômios irreconciliáveis, destinados a se confrontar. Ao estudarmos as vítimas da violência, surge então a grande questão de quem são os agressores. De vítimas e agressores logo outros significados são atribuídos e não demora muito para que esses agressores sejam os vilões da história.

E é nessa divisão do mundo, entre homens agressores e mulheres agredidas, que minha inquietação foi crescendo ao longo do tempo. Quem são esses homens e o que os levou a posição social de serem os vilões?

O impacto dessa posição, ou como eu entendo conceitualmente, essa construção, pode ser avaliada de diversas formas, nos produtos culturais que se multiplicam sobre masculinidade tóxica, sobre ‘boy lixo’, um conjunto de sentidos negativos atrelados ao ser homem que são veiculados em diversos meios.

Na interação entre as diversas esferas individuais, grupais e institucionais, a construção dos sentidos sobre o ser homem afasta esses indivíduos de posições de cuidado, seja de autocuidado, seja das instituições responsáveis por oferecer diversas formas de cuidado. Ao atrelar o sentido de homem ao de humanidade, este homem ganhou acesso à poder, mas perdeu nas possibilidades de identificações grupais importantes para compreender suas particularidades.

Esse trabalho surge então da possibilidade de des-universalizar estes homens, entendendo-os em suas peculiaridades, suas vulnerabilidades, seus desejos e medos. Entender quais os sofrimentos são guardados na masculinidade e assim poder encontrar caminhos para a construção de vínculos saudáveis, abertura para pedir ajuda, para a aceitação do medo e por último, mas não menos importante, o enfrentamento da violência que perpassa a experiência de ser homem.

Para tanto eu me propus um desafio conceitual. Compreendo a partir da fala de Joan Scott (1995) que gênero é o campo primário no meio do qual, ou pelo meio do qual, o poder é articulado. Pensar em gênero é então pensar em relações de poder que perpassam outros campos. Ao trabalhar com violência e masculinidade entendo que a questão das masculinidades perpassa o fenômeno da violência, de modo que a violência é definida e delimitada pelo gênero. Como Kimmel (2022) fala, a violência é majoritariamente um ato cometido por homens, mas também direcionado em grande parte de suas manifestações a esses mesmos homens. Os homens são os veículos da violência e suas maiores vítimas.

Portanto, para discutir violência eu entendo que é necessário discutir as masculinidades, porque esses delimitam e constroem a violência. Mas esse trabalho tem outro eixo temático central, que é a prevenção. A prevenção e o campo da promoção, como ramo da ciência que vem crescendo e desenvolvendo série de estudos interessantes apontam para possibilidades de construção de sociedades focadas no bem-estar, na saúde, na qualidade de



vida, fugindo da lógica remediativa do campo da saúde tradicional. Possibilidades intrigantes e motivadoras. Mas sendo o gênero um campo primário de construção de poder, esse poder perpassa também o campo da saúde, logo o campo da prevenção e da promoção. Esse impacto pode ser visto pela resistência masculina em se engajar em cuidados em saúde e adotar hábitos saudáveis (Gomes & Nascimento, 2006).

O desafio que eu antevi era então de integrar os três eixos temáticos de forma que eles se implicassem mutuamente. Seria demonstrar na construção desse trabalho que não se pode pensar em violência sem se pensar em masculinidade, não se pode pensar em melhora da qualidade de vida e indicadores da saúde sem se adereçar a questão da violência, não se pode pensar em prevenção e promoção da saúde com homens sem contemplar as masculinidades. Da forma como são entendidos aqui, esses três conceitos se integram de maneira fundamental.

Tendo em mente essa interdependência conceitual esse trabalho foi construído visando a integração da violência e da prevenção e promoção da saúde com as masculinidades como eixo central que perpassa todo o trabalho. O intento de integrar delimita a adoção do formato do trabalho.

Assim, essa tese foi construída buscando integrar os conceitos da masculinidade, da violência e da prevenção/promoção em um todo coeso. Para isso optou-se por um formato tradicional de trabalho único, que permitisse que as diferentes camadas fossem acrescentadas pouco a pouco, para assim alcançar como resultado um produto que valorize a complexidade dos fenômenos abordados.

Na parte introdutória são apresentados os dados sobre a violência no país e na América Latina, os números elevados de vitimização masculina para diferentes formas de violência e a delimitação das masculinidades como fenômenos socioculturais. Depois a violência é delimitada em uma de suas facetas, aqui nesse estudo a manifestação da violência no namoro foi adotada pela associação do campo de prevenção com a violência em relacionamentos

afetivos, com produção em diversas etapas do desenvolvimento e avaliação de intervenções. Por último o campo da prevenção e promoção da saúde são apresentados, contextualizados e delimitados em uma perspectiva teórica alinhada epistemologicamente com o restante do trabalho.

Na segunda seção deste trabalho a Metodologia adotada é explicada. A estruturação metodológica se baseia na abordagem de Mapeamento de intervenções desenvolvida por Bartholomew, Parcel e Kok (1998) que estrutura a construção de programas de prevenção baseados em evidências em seis etapas, sendo a primeira delas a elaboração de um modelo lógico do problema, que prevê a avaliação de necessidades. Este trabalho foi planejado e executado de acordo com a etapa primeira do Mapeamento de intervenções de um programa de prevenção da violência no namoro e promoção de relacionamentos saudáveis, que foca na construção inicial da delimitação teórica, da avaliação do problema, da literatura da área, de acesso ao contexto e ao possível público-alvo da intervenção. Para tanto foram realizadas três etapas, sendo elas a revisão de literatura do tipo escopo sobre programas de prevenção da violência que adotem as masculinidade ou gênero em sua estrutura; grupo de planejamento com profissionais de referência no campo de educação, saúde e justiça com experiência com jovens para discutir o acesso ao público-alvo, instrumentos de coleta de dados, temas de interesse, dificuldades para acessar a população, entre outros; entrevistas individuais com grupo de jovens adultos (18 a 25 anos) e com profissionais de educação que trabalhem com jovens discutindo programas de prevenção da violência no namoro e promoção de relacionamentos saudáveis e o engajamento masculino nestes programas.

A terceira sessão traz os Resultados e a Discussão. Os resultados são apresentados e discutidos por subseções, de acordo com as três etapas de coleta de dados, primeira subseção sobre a revisão de literatura, segunda subseção sobre o grupo de planejamento, terceira subseção sobre as entrevistas, contando ainda com uma quarta subseção para um exercício de

síntese de todos os resultados, buscando organizar os principais pontos para aumentar o engajamento masculino em programas de prevenção da violência no namoro e promoção de relacionamentos saudáveis.

O trabalho se encerra com a seção final de Conclusão. Espero que esse trabalho possa contribuir para o campo da saúde, da ciência da prevenção e do enfrentamento da violência. Espero também que este trabalho possa dar destaque a questão da vitimização masculina para a violência, para a necessidade de considerar os homens como um grupo com características particulares que demandam atenção especializada. Espero ainda que esse trabalho possa ser uma pequena contribuição para a questão que me inquieta, de que homens ao serem visto como vilões não recebam a atenção necessária para sair da prisão da masculinidade hegemônica e que ao continuarem sendo oprimidos suas respostas ao mundo continuem a ser violência. Este é meu objetivo político para este trabalho.

*“Meu padrasto me batia com fios, cabides, pedaços de pau  
Depois de cada surra ele me dizia:  
- Dói mais em mim que em você. Só fiz isso porque te amo.  
Ele me transmitiu a mensagem errada sobre o que era o amor.  
Durante muitos anos eu achei que o amor tinha que fazer mal.  
Eu fazia mal a todo mundo que eu amava.  
Eu media o amor em relação à dor que alguém pudesse suportar.  
Foi só quando vim para a cadeia, esse ambiente desprovido de amor,  
que comecei a entender melhor o que era amor e o que não era.”*  
Human, documentário de 2015 de Yann Arthus-Bertrand

## **Introdução**

Eu seus estudos sobre masculinidade, Kimmel (2011) nos leva a um questionamento ao apontar um dado claro, porém muitas vezes invisível às nossas representações, de que os acontecimentos chocantes e marcantes envolvendo violência, sejam eles perpetrados por brancos ou negros, em grandes centros ou pequenas cidades, são praticamente sempre praticados por homens. Esses dados de envolvimento do homem com a violência podem ser explorados continuamente para revelar um majoritário envolvimento masculina com a violência. O envolvimento com a violência é aspecto tão relevante que Kimmel (2022) chega a afirmar que a maior diferença comportamental entre os gêneros é a violência.

Em estudos internacionais, homens possuem maior risco de sofrer mortes violentas que mulheres, em especial em idades precoces, morrem três vezes mais em acidentes de transporte e homicídio e cometem suicídio duas vezes mais em comparação a mulheres (Alves et al., 2012). Em estudos no Brasil (Souza, 2005), verificou-se que 82,2% das mortes por causas externas (homicídios, suicídios e acidentes de trânsito) no período de 1991 a 2000 foram com homens, representando cinco vezes a taxa média das mulheres no período analisado. A vitimização masculina para violência é indicativa do maior envolvimento com o fenômeno da violência.

Importante estudo realizado no Brasil sobre o tema, o Mapa da Violência (Waiselfiz, 2014), chama a atenção para o recorte por idade pelo alarmante número de mortes na faixa etária de 15 a 29 anos, corroborando os dados de Souza. Aqui, no entanto, destaca-se o recorte por sexo, apontando que 91,6% das vítimas são homens, 93,3% na faixa etária jovem. No ano de 2012, ano de maior mortalidade, a taxa masculina de morte por homicídio foi de 54,3 homicídios por 100.000 habitantes, 11 vezes a taxa feminina (4,8). Importante ressaltar que a violência possui caráter engendrado, em que a violência contra a mulher ocorre

principalmente em espaços privados (Pires et al., 2019) e o espaço público com grande vitimização de homens, como homicídios e acidentes de carro<sup>1</sup>.

Retomando Kimmel (2011), temos que apesar dos dados apontarem essa constante e absoluta presença masculina no envolvimento com a violência, tanto na execução quanto na vitimização, quando avaliou a criação de comissões especiais para tratar do tema da violência juvenil que indicam número crescente de violência, acesso a drogas, envolvimento com gangues, punições físicas, negligência parental, abuso de substâncias, preconceito, pobreza e falta de programas sociais de combate à violência, em nenhum momento ele encontrou o termo masculinidade.

As consequências disso podem ser vistas no Brasil pela falta de programas específicos das instituições de segurança nacionais ou de saúde pública que tenham o homem como foco (Nascimento, Gomes & Rabello, 2009). Programas com foco em violência tendem a focar em jovens, negros, situação de pobreza ou exclusão social, reforçando o aspecto de que homens não são entendidos como um grupo social, mas como a norma, portanto recebem atenção à medida que se perfilam em outros grupos, homens jovens, homens negros, homens de baixa escolaridade. A universalidade do homem, que se torna sinônimo de ser humano, tem como outro lado da moeda a invisibilidade dos homens como grupo (Kimmel, 2022).

Marco importante de mudança nessa perspectiva foi o programa de Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem – PNAISH (Ministério da Saúde, 2008) que aponta maior vitimização masculina para a violência, reconhecendo maior vulnerabilidade do homem à violência e tendo a socialização de papéis masculinos tradicionais como elemento que leva a maior exposição a riscos devido ao culto a uma ideia de homem como invulnerável. Para os autores, a violência é entendida como uma forma de poder social, passando a ser buscada como forma de empoderamento masculino, com graves consequências para a saúde, tanto física quanto psíquica.

Em 2021, a PNAISH foi instituída por portaria GM/MS nº 3.562 de 12 de Dezembro (Ministério da Saúde, 2021), que trouxe importantes aspectos para o cuidado da saúde masculina, entre eles a compreensão da questão das masculinidades como importante determinante social, a modificação dos serviços de saúde para que homens possam associar os serviços de saúde também como espaços de cuidados, o foco na atenção primária (prevenção e promoção de saúde), oferta de ações de prevenção para mortes por causas externas, como acidentes de transporte, acidentes de trabalho, violências e suicídio.

Para entender o interesse da ciência sobre a relação entre homem e violência, Gomes, Ceccheto e Nascimento (2017) produziram revisão bibliográfica de publicações nacionais sobre homens, masculinidade e violência, encontrando 237 publicações, entre artigos, teses e dissertações. Apontam uma predominância de artigos da saúde pública (60%), com abordagem epidemiológica (76%). Entre os assuntos mais pesquisados encontraram o envolvimento masculino na criminalidade urbana; influência do álcool e drogas no comportamento violento; abuso e violência sexual contra crianças, adolescentes e mulheres; participação de adolescentes em atos infracionais; violência entre parceiros íntimos e intrafamiliar; traumatismo decorrentes de acidentes de trânsito e/ou violência recorrentes nas emergências hospitalares; suicídio e a violência contra pessoas idosas.

Apontam ainda que a maioria das pesquisas focam em estudos com homens e mulheres (85% dos artigos), dando enfoque à prática de violência no espaço público e privado e à vitimização pela violência no espaço público (Gomes et al., 2017). Os autores discutem como a vitimização pela violência e a prática desta aparecem como a face da mesma moeda – a masculinidade e a socialização em normas de gênero tradicionais.

Nascimento et al. (2009) defendem que o ser homem é associado a modelos hegemônicos de masculinidade, apontando a heteronormatividade, ser forte e dominante como o motor que leva os jovens ao envolvimento com comportamentos de risco numa busca

por maior dominância sobre outros homens e mulheres, com conseqüente comprometimento da sua saúde e de outros. Desta forma o homem é representado como o agressor, aquele que pratica a violência, violência que passa a ser vista como atributo masculino por estar ligada a força e poder, características predominantemente masculinas (Moore, 2015). Resta à mulher o papel de vítima da violência, passiva e vulnerável, mesmo que dados apontem a maior vitimização do homem a homicídios, acidentes de trânsito e suicídios (Alves et al., 2012; Alvim & Souza, 2005; Sarti, Barbosa & Suarez, 2006).

Kimmel (2022) ao discutir a masculinidade e a violência levanta aspectos de culturas violentas em comparação a culturas comparativamente pacíficas, apontando que a diferença entre os gêneros, quando os gêneros são vistos como polos opostos, se associa a maiores índices de violência. Os temas que seriam preditivos de sociedades violentas seriam: 1. Ideal masculino como guerreiro feroz; 2. Liderança pública associada à dominação masculina; 3. mulheres proibidas de participar da vida pública; 4. Interações públicas são majoritariamente masculinas; 5. Crianças separadas sistematicamente por gênero; 6. Iniciação masculina por meio de restrições, separação das mulheres e obediência à homens mais velhos; 7. Demonstrações elaboradas de virilidade, ferocidade e sexualidade; 8. Ritual de fertilidade foca na sexualidade masculina; 9. Atividades econômicas e produtoras masculinas são mais valorizadas que as femininas (pp. 628-629). Esses argumentos levam à conclusão de que a diferença de gênero é produtora de violência e que maior igualdade entre homens e mulheres, garantia de direitos civis e políticos às mulheres e emancipação feminino levariam à construção de uma sociedade menos violenta.

Em uma tentativa de conceitualizar a violência masculina, Kaufman (1987) a define baseada em um tripé, da violência dos homens contra outros homens, da violência do homem contra si mesmo e da violência dos homens com as mulheres. Desta forma, é possível entender os níveis de violência conjugal e de gênero como um reflexo também do grande



envolvimento masculino com a violência e que a violência de gênero não é apenas a violência direcionada às mulheres, mas também a violência de homens contra outros homens.

Michael Flood (2006) defende que projetos de combate à violência contra a mulher devem focar também em homens porque são eles os maiores perpetradores dessa forma de violência e porque homens que possuem papéis tradicionais de masculinidade, dominância masculina e privilégio masculino têm maior tendência a perpetuar formas de violência contra a mulher. Para o autor, programas de prevenção à violência masculina devem focar em confrontar crenças, valores e discursos que dão suporte a essa forma de violência, desafiar relações de poder patriarcais e construir outras formas de masculinidade não-violentas.

A masculinidade é um construto social fluido, que muda ao longo do tempo e espaço, em suas características históricas e sociais (Coles, 2009). Para Connel (1995), a masculinidade “é uma configuração de prática em torno da posição de homens na estrutura das relações de gênero” (p. 188), dando enfoque aquilo que os homens fazem de fato, não apenas naquilo que se espera que eles façam, que a prática compreende uma esfera racional dos atos, que a posição masculina compreende uma construção histórica sobre corpos engendrados e, por último, que as relações de gênero envolvem mais que a interação entre homens e mulheres, mas também esferas políticas, econômicas e institucionais.

Kimmel (2011, 2022) entende as masculinidades a luz do construtivismo social como uma relação de gênero. Para o autor as relações de gênero são um construto social, fruto da nossa interação com valores, imagens e prescrições existentes no mundo ao nosso redor, em instituições que são também marcadas por gênero; são identidades formadas por um fluxo de sentidos e comportamentos construídos a partir de valores, imagens e prescrições disponíveis no meio em que estamos inseridos (Kimmel, 2022). Elas são tanto fruto da diferença (moldadas pelos choques com as diferentes vivências em sociedade – raça, classe, identidade sexual, etnias), como produtoras dessas diferenças, reflexo do desequilíbrio de poder. O autor

defende que o tema poder é central para a compreensão das relações de gênero, de modo que uma teoria sobre masculinidades deve conseguir explicar as questões de diferença e dominação.

A relação de diferença e dominação é entendida pelo autor como algo central dentro da teoria de masculinidades. Kimmel (2011, 2022) argumenta que não é a diferença que causa a dominação, mas o oposto. São as relações de dominação que exacerbam e reforçam a diferença. Segundo o autor, as diferenças entre homens e mulheres não são maiores do que as diferenças entre homens ou a diferença entre mulheres. Mas as relações de gênero, por serem construídas na diferença percebida entre homens e mulheres, dependem dessa diferença percebida. Dentro dessa ideia ele aponta a grande participação das instituições na construção das relações de gênero. É necessário ressaltar ou mesmo criar a diferença dentro dessas instituições, que são em si engendradas, de modo que as instituições produzem as diferenças que assumimos como propriedade dos indivíduos.

Como exemplo, ele utiliza o trabalho de Erving Goffman sobre banheiros (como citado em Kimmel, 2011) abordando como a existência de banheiros separados para homens e mulheres é considerada normal, mesmo que em nossas casas não façamos essa divisão. Esses espaços diferenciados são construídos a partir da afirmação que, por terem aparatos biológicos diferenciados, demandam então espaços arquitetônicos também diferenciados. Goffman (1977, p.316) afirma que:

A função da diferenciação dos órgãos sexuais está envolvida, mas não existe nada nessa funcionalidade biológica que recomende a segregação, esse arranjo é uma questão totalmente cultural... Segregação dos banheiros é apresentada como a natural consequência da diferença entre as classes-sexo quando na verdade é um meio de honrar, se não de produzir, essa diferença. <sup>2</sup>

Kimmel (2011) argumenta que é a institucionalização dessa diferença, supostamente biológica, que nos leva a adotar padrões comportamentais designados como masculinos e femininos, é ao nos diferenciarmos pelo uso do espaço físico que nos tornamos as “damas” e “cavalheiros” destinados a utilizar tais instituições. Ao se separar homens e mulheres em espaços diferenciados são criadas as justificativas para separá-los.

O conceito de masculinidade por ser postulado na diferença – diferença entre homens e mulheres, mas também diferenças entre homens, como homens brancos e negros, heterossexuais e LGBTQ+ - e nas relações de poder, que são tanto causa como consequência das diferenças (Kimmel, 2011). Sendo assim, as relações de gênero precisam ser compreendidas em suas dimensões relacional e situacional. Portanto, as relações de gênero devem ser compreendidas em seu caráter histórico e cultural; devem principalmente ser compreendidas dentro das relações de poder, poder que alguns homens detêm sobre mulheres, mas também que alguns homens detêm sobre outros homens, ou mesmo que algumas mulheres detêm sobre outras mulheres. É a partir dessa ideia de relações de poder diferencial que o autor postula o conceito de masculinidade hegemônica.

Conceito criado por Connell (1995), a masculinidade hegemônica busca descrever a construção das masculinidades não como um molde, em que todos os homens são formados iguais, mas mais como um projeto, que se concretiza dia a dia, no encontro do sujeito com instituições e forças culturais por meio de relações dialéticas, reafirmando com isso o papel ativo do sujeito na determinação de sua identidade. O conceito busca defender também que a hegemonia não é totalitarismo de gênero, pois as masculinidades hegemônicas se formam juntamente com outras masculinidades de forma relacional. A busca pela hegemonia garante a esses homens vantagens materiais e psicológicas, levando a constantes desafios ao padrão hegemônico.

Masculinidade hegemônica (Kimmel, 2011, 2022) se baseia em um modelo ideal, prototípico de homem; um ideal normativo de homem que é a métrica segundo a qual todos os homens são comparados, por seus pares masculinos ou por mulheres – e que quase invariavelmente serão considerados inferiores. Esse modelo ideal possui características excludentes para diversos grupos. Em nossa sociedade incluiria elementos como cor (homem branco), idade (adulto), classe social (classes médias altas), identidade sexual (heterossexual), corpo (corpo atlético) e um caráter fundamental das masculinidades que é a negação do feminino. Todos aqueles que não se encaixam nesse modelo lhe seriam então subordinados. É em busca desse modelo hegemônica de masculinidade que muitos homens se engajam em diversos comportamentos de risco, como agressividade, consumo excessivo de álcool e drogas, símbolos de poder (carro, armas, dinheiro), jogos de risco, todos símbolos que remetem ao machismo pós-moderno (Machado, 2001).

Kimmel (2011, p.119) afirma que:

Quando nós mudamos da análise da experiência individual para um contexto diferente, as relações entre homens emergem como relações de poder – poder baseado em classe, raça, etnicidade, sexualidade, idade, entre outras. São grupos específicos de homens, não homens em geral, que são oprimidos dentro de relações patriarcais, e essas situações estão relacionadas de maneiras diferentes com a lógica da subordinação das mulheres aos homens. <sup>3</sup>

O conceito de masculinidade hegemônica apresenta suas limitações, no tocante a compreender que não apenas uma forma de masculinidade alcança hegemonia em uma sociedade num determinado tempo. Diferentes padrões hegemônicos podem coexistir em diferentes contextos – o jovem homem de negócios com sua postura agressiva e direta, um policial carismático e conquistador, um atleta com personalidade competitiva e arrogante. Todos esses padrões se encaixam no modelo idealizado de masculinidade, alcançando

hegemonia em seus contextos. Qual deles é então o hegemônico? Como estabelecer relações de dominação e subordinação entre diferentes masculinidades dominantes?

Buscando superar essas limitações conceituais, Coles (2009) traz os conceitos de *habitus*, campo e capital da teoria de Pierre Bourdieu para o campo de estudo da masculinidade. O *habitus* é a incorporação da estrutura social pelos agentes, predispondo de formas de sentir, pensar e agir; campo é a representação de um espaço simbólico no qual ocorrem disputas entre os agentes, legitimando representações simbólicas, é no campo que são estabelecidos os códigos específicos que validam os códigos de valores, daquilo que é ou não adequado; o capital trata da acumulação por parte dos agentes de alguma forma de poder, podendo este ser social, cultural, econômico ou simbólico (Bourdieu, 1989, 2012; Thiry-Cherques, 2006).

Ao buscar incorporar os conceitos de Bourdieu ao de masculinidade hegemônica, Coles (2009) entende o *habitus* como a incorporação dos aspectos de masculinidade ao repertório de ações, gestos, posturas, falas, como uma estratégia para navegar em questões cotidianas. O campo é transposto como o conjunto de representações dominantes masculinas, em especial a representação de um corpo masculino em que o capital masculino passa a ser representado, sendo este o físico masculino. O capital físico, representado pelo corpo atlético e forte, possui também relações intrínsecas com questões de classe social, atribuindo valor simbólico a esse corpo.

A partir dessa articulação teórica a existência de múltiplos campos (e subcampos) que se sobrepõem, possibilita a o surgimento de masculinidades hegemônicas diversas, cada uma gerida pelo seu próprio conjunto de representações masculinas, com seu capital próprio. Nesta multiplicidade de campos, que regem domínios idiossincráticos de representações hegemônicas, uma dada masculinidade pode existir como dominante, ao mesmo tempo que é subordinada a outra representação que coexiste em outro campo.

Ao se considerar estas relações de gênero entre homens e mulheres, a questão da dominação e da diferença muitas vezes leva à violência. Buscando compreender a manifestação dessa violência, o termo *gender-based violence* – GBV (violência baseada em gênero) é um recurso conceitual que permite compreender as situações em que atos que resultam em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico contra uma mulher (United Nation Population fund [UNFPA] & Promundo, 2010). GBV corresponde ao uso de violência para reforçar papéis tradicionais de gênero e a desigualdade por meio de abuso físico, sexual e psicológico, podendo ser aplicado sobre homens e mulheres, em diferentes idades.

Tem aumentado o consenso entre pesquisadores da área que a violência masculina, em especial a GBV, está enraizada em normas de gênero e na socialização a que garotos são submetidos (UNFPA & Promundo, 2010). A repressão das emoções e raiva, crenças sobre percepção de direitos a certos privilégios, uso de punição quando não atendidos em suas expectativas são exemplos de socialização problemática que recorrentemente levam a prática de violência. A socialização na violência e pela violência pode advir tanto da família como da comunidade e da cultura que os cerca. Normas tradicionais podem tanto facilitar a prática de violência, quanto dificultar mulheres a encontrar ajuda e proteção, sustentado por crenças populares como a não interferência em assuntos do casal - “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, ou ainda argumentos como a defesa da honra, argumento legal que garantiria o direito de um homem matar a mulher em caso de traição que foi julgado pelo Supremo tribunal Federal em 2021, negando a legalidade do argumento por considerar que o mesmo naturaliza a violência contra a mulher e contribui para a sua perpetuação (Portal STF, 2021).

Em um estudo de Smith et al. (2015), sobre a desconstrução de masculinidades hegemônicas, abordando os papéis do antifeminismo, subordinação a mulheres e dominância sexual na perpetração masculina de violência, as autoras/autores trazem a hipótese que a

violência sexual contra a mulher é uma forma de reafirmar a dominância sobre a mulher. Defendem que homens que aderem a modelos de masculinidade hegemônica mais rígidos são mais prováveis de experienciar estresse em situações nas quais a masculinidade é ameaçada. A avaliação individual de tais situações como estressantes e indesejáveis é definida como “*masculine gender role stress*” (estresse de papéis de gênero masculino – tradução livre), em que homens que têm experiências desse tipo de estresse, por não conseguirem alcançar papéis tradicionais masculinos em determinadas situações, tendem a reagir de formas que reafirmam a masculinidade.

Outra teoria que busca compreender a prática da violência masculina decorrente das relações de gênero é a de *Discrepancy stress* (estresse de discrepância ou divergência – tradução livre) (Reidy et al., 2014; Reidy et al., 2015). Essa teoria decorre do conceito de papéis de gênero, segundo qual o comportamento masculino e feminino é definido por um conjunto de normas e expectativas sociais rígidas, que definem o que é apropriado ou não para os indivíduos de acordo com seu gênero de acordo com sua cultura. O *discrepancy stress* surge quando os homens falham em atender ao modelo ideal de masculinidade, sendo a violência e agressividade uma forma efetiva de reafirmar os papéis masculinos e desencorajar aqueles que poderiam tentar desafiar essa masculinidade.

Estudo sobre masculinidades hegemônicas com estudantes universitários encontrou que frente a movimentos estudantis feministas e campanhas contra práticas sexistas no campus ocorreu um contramovimento que intensificou ações contra mulheres, como assédio, agressão, vandalismo e músicas sexistas (Barbosa, Dias & Berlato, 2022). Este estudo demonstra como uma possível ameaça a posição de dominação masculina resulta em práticas violentas como estratégia de reafirmação dessa posição.

O comum entre esses esforços teóricos de explicar a violência masculina reside em compreender o papel que ela exerce nas relações e de que a violência não é um atributo do

indivíduo, mas um elemento constituinte da própria relação (UNFPA & Promundo, 2010). Se a violência é, portanto, um fruto da relação, o esforço de enfrentá-la deve envolver também os homens como parte essencial desse processo. Outro argumento importante para a inclusão de homens na agenda de enfrentamento da violência envolve a influência grupal, homens influenciam outros homens, de modo que é o suporte masculino, implícito ou explícito, aos estereótipos negativos de gênero ou relações desiguais que contribuem para a perpetuação da GBV. Homens também participam menos de programas de combate à violência, o que acaba por gerar a falsa percepção que enfrentar a violência é um assunto feminino e deve ser tratado apenas por mulheres. Parte importante dos esforços para o enfrentamento da violência deve ser destinado ao engajamento masculino. Homens precisam ser convencidos de que é importante que eles participem de ações para o enfrentamento da violência, demonstrando que eles não praticam e não apoiam práticas violentas, incluindo práticas de violência contra a mulher. Isso só pode ser alcançado pelo entendimento de que os homens também se beneficiam desse esforço, bem como suas parceiras, filhas e a vida de outras mulheres e garotas que eles conhecem e se preocupam.

Em um esforço para pensar programas enfrentamento da violência a UNFPA e a Promundo (2010) defendem que os homens são parte do problema e parte da solução, mas que programas e campanhas que em sua abordagem utilizam de argumentos que colocam os homens como vilões ou colocam visões estereotipadas dos homens como agressores vão contribuir pouco para alcançar esse engajamento. Citando o trabalho de Kaufman (2004), UNFPA e Promundo (2010, p. 95), apontam que argumentos que fazem os homens se sentirem culpados por coisas que eles não fizeram ou que foram ensinados a fazer vão levar homens a se sentirem alienados. Outro estudo aponta que 13% em uma amostra de 1000 homens relutam em participar de ações de prevenção da violência por considerarem que estes



colocam os homens como vilões em suas atividades (Garin, 2000, como citado em UNFPA & Promundo, 2010, p. 95).

Kimmel (2011) argumenta que as teorias feministas não têm apelo aos homens, pois quando afirmam que os homens detêm poder na sociedade, falham em entender que não todos os homens, não em todos os espaços sociais. As teorias que discutem o poder masculino o fazem a partir de uma assimetria das relações de poder e a experiência individual das mulheres – mulheres como um grupo não estão no poder (Kimmel, 2022). A maior parte dos homens não se percebe possuindo poder, poder sobre si, sobre suas vidas, seus empregos, sua posição social, se sentem oprimidos dentro de condições sociais desiguais. Na perspectiva da masculinidade hegemônica, esses homens são muitas vezes incapazes de se concretizar dentro do modelo ideal da masculinidade.

Bourdieu (1989) postula que a violência simbólica é uma forma de dominação sutil, que tem seu poder pelo fato de não ser compreendida como tal, pois é tida como natural. Seu grande impacto e alcance vem de sua percepção de ser como as coisas são, levando a ser defendida exatamente por aqueles a quem domina e oprime. Sua teoria nos ajuda a entender como as relações de gênero dominam os corpos e pensamentos de homens e mulheres, que passam então a defender tais práticas como o modo como as coisas são.

Bourdieu (2012) entende a dominação masculina como uma forma de violência simbólica que se baseia no valor da honra masculina, que leva homens a constantemente se desafiarem em jogos de violência, em busca da valorização do seu capital simbólico, do seu valor e do valor de sua família (sua esposa, mãe, filhas e irmãs). A prática da violência para os homens é então uma manifestação de um conjunto de valores tidos como naturais, mais que isso, tais comportamentos violentos são a manifestação da honra e do empenho em defesa da família – a despeito de muitas vezes representar em violência contra a própria família.

Se deve considerar a possibilidade, que embora os homens sejam parte central do problema da violência, eles não têm sido tratados como sujeitos envolvidos na solução. Devido ao começo tardio, em torno dos anos 80, dos movimentos que buscam promover o questionamento da masculinidade como modelo tradicional hegemônico, muitos homens ainda não estão inseridos no movimento que busca enfrentar o sexismo e o machismo. Ao se perceberem como alvos de ações que os apontam como causa do problema, esses homens optam por não se envolverem nessas atividades. Perde-se duplamente, ao não conseguir envolver esses indivíduos em processos de humanização e por aliená-los das ações que poderiam contribuir para o enfrentamento de um grave problema social.

Ações que busquem engajar os homens no enfrentamento da violência devem então dar maior atenção à construção que estes fazem de suas realidades, de suas experiências frente a masculinidade e da compreensão de seus valores. Dar espaço a essas manifestações permitirá ampliar a compreensão de que o sexismo e as normas tradicionais de gênero não são uma ameaça apenas às mulheres, mas também aos homens, oprimidos em posições sociais, socializados a papéis e práticas violentas com aqueles que buscam proteger. proteger.

## **Violência no namoro**

O presente trabalho faz a opção de adereçar uma forma específica de violência que tem um conjunto delimitado do binômio vítima/perpetrador: a violência no namoro. Essa escolha se dá por um conjunto de fatores que serão discutidas nessa seção. A violência no namoro pode ser definida como qualquer ação, seja físico, psicológico, verbal, moral ou simbólico, que cause a morte, dano ou sofrimento ao outro dentro de um relacionamento amoroso (Nascimento & Cordeiro, 2011). Embora uma relação de namoro possa ocorrer em diversas fases da vida, os estudos sobre violência no namoro apresentam uma tradição de focar em grupos de adolescentes e jovens adultos, em condições pré-maritais.

Hipotetiza-se que a importância do estudo da violência no namoro se dá por esta ser um importante precursor da violência conjugal, que pode começar na pré-adolescência e chegar à idade adulta (WHO, 2010; Diniz & Alves, 2015) e por causar danos à saúde mental, aumento no abandono escolar e queda de rendimento acadêmico, abuso de álcool e outras substâncias, baixa autoestima e comportamento sexual de risco (Banyard & Cross, 2008; Taquette & Monteiro, 2019).

Em uma revisão sistemática de revisões de estudos internacionais, as taxas médias de prevalência encontradas foram de 50%, mas taxas de até 70% de incidência de violência no namoro são relatadas (Taquette & Monteiro, 2019). Estudos nacionais apontam para alta prevalência de violência no namoro, em que 21% dos jovens registraram violência no último ano (Aldrighi, 2004) e 19,2% adolescentes de escolas públicas de Recife já relataram ter sido agredidos pelo namorado/namorada (Beserra et al., 2015). Em outros estudos nacionais, 87,2% relatam já terem sofrido alguma forma de violência (Almeida, 2010) e 86,9% já sofreram alguma forma de violência e 86,6% já praticaram, podendo ser essa física, sexual ou psicológica (Oliveira, Assis, Njaime & Oliveira, 2011) Estudo com adolescentes em Porto

Alegre verificou a incidência de 93% dos adolescentes relatando já ter praticado alguma forma de violência no namoro (Lessinger Borges, Assumpção Heine & Dell’Aglia, 2020).

Estes estudos têm em comum também achados sobre a bidirecionalidade da violência no namoro. Na avaliação de prevalência em escolas públicas de Recife a taxa de vitimização apenas foi 8,5%, de agressores foi de 11,9% e a taxa de bidirecionalidade foi de 10,8% (Beserra et al., 2015). Pesquisa com 785 adolescentes mexicanos encontrou taxas de bidirecionalidade da violência de 68,7% (Rojas-Solís & Romero-Méndez, 2022). Tais estudos apontam a presença constante do papel duplo de agressor e vítima em adolescentes de ambos os sexos.

Porém, mesmo que apontem para a prática bidirecional da violência, em que ambos os parceiros são vítimas e agressores, é importante ressaltar que análises mais criteriosas apontam para a existência de papéis de gênero na prática da violência, em que homens tendem a prática de violência sexual, com consequências mais graves e de maior duração para mulheres (Banyard & Cross, 2008; Diniz & Alves, 2010, Lessinger Borges et al., 2020).

Em outros países da América Latina, a condição da violência no namoro parece similar ao caso brasileiro. No México 15,5% dos jovens entre 15 e 24 anos em relacionamentos amorosos foram vítimas de violência física, 75,8% de violência psicológica e 16,5% sofreram alguma forma de ataque sexual (*Instituto Mexicano de la Juventud [IMJ]*, 2008, como citado em Pick & Givaudan, 2015). Apontam também diferenças de gênero na violência sofrida, com homens sendo as maiores vítimas para formas leves de violência física – empurrões, arranhões, mordidas, e as mulheres sendo as maiores vítimas de formas média, como bofetadas, golpes, agressões com objetos pesados, tapas.

Em revisão de escopo sobre os fatores de risco para a violência no namoro, fatores individuais, relacionais, comunitários e sociais, comportamentos e crenças que se associam a perpetuação e vitimização foram levantados (Claussen, Matejko & Exner-Cortez, 2022).

Para vitimização, os fatores individuais foram habilidades deficitárias de resolução de conflitos, responsabilização, presença de transtornos mentais, com maior risco para mulheres; na vitimização a nível de relacionamento ter parceiro mais velho, comportamento dos pares como *bullying*, assédio sexual dos pares foram identificados como fatores de risco, ter sofrido *bullying* se apresentou como fator de risco para vitimização de homens. Na perpetuação individual o consumo de substâncias e a presença de transtornos mentais (com maior risco para homens), manejo de raiva, habilidades de resolução de conflitos, aceitação e justificação da violência e crenças de gênero tradicionais e aderência a papéis tradicionais de gênero. Na perpetuação ao nível relacional apontam influência dos pares (pares antissociais, pares violentos) ou comportamento frente aos pares (praticar *bullying*), ter sofrido ou praticado violência no namoro anteriormente. A influência familiar teve variação de acordo com gênero, com mulheres sendo mais afetadas pela presença atual de violência e homens por ter testemunhado conflitos ou agressões na família. Os fatores de risco comunitários foram abordados com menor frequência, sendo a densidade de consumo de álcool fator de risco para perpetuação para homens e mulheres e fator de risco para vitimização masculina, comunidades com alta densidade de crimes violentos foi fator de risco para perpetuação da violência no namoro em homens. Ao nível societal crenças e normas sexistas, racismo e heterossexismo foram apontados como fatores de risco para a perpetuação da violência.

A revisão de escopo acima (Claussen et al., 2022) aponta para uma resposta diferencial de homens e mulheres frente aos fatores de risco, com homens reagindo ao sofrimento, violência de pares, familiar e do ambiente na forma de comportamento violento, enquanto as mulheres transtornos mentais aumenta o risco para sofrer violência. O consumo de substâncias se mostra como fator de risco a perpetuação em ambos os casos, mas aumenta a vulnerabilidade masculina à vitimização.

A violência em si tem então características de gênero, variando em suas explicações e em suas manifestações. As explicações sobre GBV ou *Discreprancy Stress* ajudam a entender a manifestação da violência masculina, como produto de relações desiguais em que um homem ao ver incapaz de concretizar um modelo de masculinidade ideal recorre a violência como forma de reafirmar sua dominância e poder. As manifestações da violência feminina podem estar associadas a questões de ciúmes e controle, confundidos como sinais de amor e cuidado, resultado em comportamentos violentos que são considerados justificados (Diniz & Alves, 2015).

Pela falta de informações claras e adequadas sobre os processos identitários e sobre as questões de sexualidade os adolescentes se encontram especialmente vulneráveis a diversas formas de violência (Diniz & Alves, 2015). Ocorre na adolescência uma adesão rígida aos padrões engendrados, talvez devido a uma busca identitária e pertença de grupo, levando a adoção de comportamentos normativos e estereotipados de gênero que são validados pela sociedade. Por ser período de construção de identidades, a adolescência é um momento ideal para promover ações que busquem socializar em identidades de gênero e relações mais saudáveis.

Em uma revisão de literatura sobre o tema da violência no namoro, Borrego et al. (2014) encontraram 1724 artigos no período de 2000 a 2010, sendo analisados 172 artigos correspondentes aos 10 autores com maior número de produções. Apontam que a grande maioria dos estudos foca em mulheres (65,4%), uma pequena parte em estudos mistos (25,2%) e apenas uma pequena parcela faz estudo com homens (9,4%) - assim quase a totalidade dos textos trata a questão pelos polos opostos de vítima/agressor assinalados a mulheres e homens respectivamente. Então mesmo em face da bidirecionalidade da violência no namoro, os estudos tendem a manter as relações em posições demarcadas de vítima/agressor. Outro dado relevante aponta serem poucos estudos sobre prevenção e

intervenção encontrados - 14 (8,1%) e 20 (11,6%), associado ao baixo número de estudos focados em adolescentes, indicando baixo investimento em estudos de desenvolvimento, implementação e avaliação de projetos de prevenção.

O baixo investimento em estudos de prevenção no Brasil tem sido apontado por outros autores quando do estudo da violência no namoro (Murta et al., 2015; UNFPA & Promundo, 2010; Andrade, Sampaio & Donard, 2022), com poucos estudos de intervenção sendo desenvolvidos, sejam na modalidade presencial ou por meio de internet, sendo uma necessidade para adereçar de forma efetiva o problema da violência no namoro.

## **Prevenção da violência no namoro e promoção de relacionamentos saudáveis**

Tendo como foco o problema da violência no namoro, programas de prevenção têm sido desenvolvidos e avaliados para medir sua eficácia frente ao fenômeno da violência. Uma meta análise sobre 94 estudos com programas de prevenção da violência no namoro com adolescentes, investigou os efeitos sobre conhecimentos a respeito violência no namoro, melhora de atitudes acerca da violência no namoro e redução da perpetuação e vitimização pela violência no namoro, demonstrou que os programas foram capazes de aumentar o conhecimento e melhorar as atitudes dos participantes (Lee & Wong, 2022). Esta revisão de literatura demonstrou que programas que utilizaram abordagem voltadas para discussão de papéis de gênero obtiveram maiores tamanhos de efeitos sob a mudança de atitudes do que programas que não utilizaram tais abordagens. Porém, tamanhos de efeito a respeito do conhecimento foram menores, em que as autoras trazem a hipótese que esse efeito imprevisto se deve ao fato que o currículo dos programas dedicou menos tempo ao conhecimento sobre a violência em detrimento das discussões de papéis de gênero.

Outro resultado de grande relevância foi a capacidade dos programas de diminuir perpetuação da violência, demonstrando um efeito consistente do aumento do conhecimento sobre a violência no namoro e aceitação de papéis de gênero mais igualitários com menor prática de violência no namoro (Lee & Wong, 2022). Porém, não encontraram impacto positivo dos programas acerca da vitimização ou dos programas por *Bystander* (expectador), de modo que programas foram capazes de ensinar aos adolescentes que a violência é inaceitável em um relacionamento, mas não conseguiram fornecer as habilidades necessárias para promover mudanças em jovens vitimizados por relações violentas.

O campo da prevenção busca adereçar um conjunto de problemas que as pessoas enfrentam, como abuso de substâncias, saúde sexual e gravidez adolescente, HIV/AIDS, violência, acidentes, suicídio, saúde mental, delinquência, obesidade, nutrição, exercícios e



doenças crônicas, se sustentando em um processo sistemático de tomada de decisões embasadas em evidências científicas e implementação de intervenções baseadas nas “melhores práticas” e em dados de pesquisas coletados rigorosamente, em busca de alcançar resultados positivos (Matos et al., 2019).

Uma abordagem transdisciplinar para adereçar aspectos etiológicos, epidemiologia, design de intervenções, efetividade e implementação para a prevenção de uma variedade de problemas sociais e de saúde recebeu o nome de ciência da prevenção de acordo com a Sociedade Europeia para a pesquisa em prevenção (EUSPR) (Matos et al., 2019).

Prevenção é conceitualizada pela inclusão de um dos elementos: a) impedindo um comportamento problemático de acontecer; b) atrasando o início de um comportamento problema; c) reduzindo o impacto do comportamento problema; d) fortalecendo o conhecimento, atitudes e comportamentos que promovam bem-estar emocional e físico; e) promovendo instituições, comunidade e políticas públicas que levem bem-estar físico, social e emocional adiante para a comunidade (Romano & Hage, 2000).

Para melhor compreender as distinções e implicações dos temas de prevenção e promoção da saúde é interessante fazer um trajeto pelo desenvolvimento da noção de saúde ao longo do tempo. Os conceitos de prevenção em saúde surgem nas décadas de 40 e 50 do século 20 na escola americana de medicina integrativa (*comprehensive medicine*) (Ministério da Saúde, 2004). Nesta perspectiva o processo de saúde e doença era compreendido em dois momentos distintos, pré-patogênico e patogênico. O momento pré-patogênico incluía as ações prévias ao aparecimento da doença, compreendendo ações de prevenção da ocorrência ou prevenção primária, conjunto de ações específicas e inespecíficas para evitar o aparecimento da doença. Dentro das ações de prevenção primária seriam encontradas aquelas destinadas a promoção e proteção da saúde. O momento patogênico delimitava um limiar prévio ao chamado horizonte clínico, em que a patologia começava a se estabelecer, destinadas a

detecção precoce, triagem, *screening* e exames periódicos. Por meio dessas técnicas seria possível o diagnóstico e a limitação do dano potencial. A este momento de intervenção precoce foi dado o nome de prevenção secundária (chamada também de prevenção da evolução ou recuperação da saúde). Ao último momento, aquele em que estabelecida a doença seria possível intervir nas possíveis sequelas, visando alcançar um estado de adaptação possível, momento este chamado de prevenção terciária ou reabilitação em saúde.

Nota-se então que os conceitos de prevenção e promoção da saúde nascem dentro de um momento de predomínio da compreensão biomédica da saúde, com o tratamento e atenção ainda voltada as questões de patologia. A medicina integrativa seria uma proposta então de organizar os cinco níveis de atuação em saúde – promoção, proteção, diagnóstico precoce, limitação de dano e reabilitação – dentro de uma ação coesa para a saúde-doença, enquanto a medicina preventiva surge como proposta parcial que dedicaria os cuidados de promoção e proteção da saúde para agências estatais e as demais iniciativas para a ação das iniciativas privadas (Ministério da saúde, 2004). Cabe ressaltar que tal modelo se adequa ao funcionamento do modelo de saúde americano, predominantemente voltado para a medicina privada.

Ocorriam ao mesmo tempo transformações do modelo de saúde doença, ocorridos ao final dos anos 40, com ações da Organização das nações Unidas -ONU e da Organização Mundial da Saúde - OMS, transformações significativas na compreensão de saúde doença, passando a entender a saúde numa perspectiva ampla que inclui não apenas seu aspecto biológico, mas também suas determinantes psicológicas e sociais; descentralizando a atuação do médico e do hospital para ações multidisciplinares focadas na comunidade (Scliar, 2007). A OMS lança em 7 de abril de 1948 uma carta de princípios que reconhece a saúde como direito dos indivíduos e obrigação do Estado (Cruz, 2012). Traz também uma definição de saúde com grandes implicações para as ações destinadas ao processo saúde-doença. Nesta

definição estabelece que “saúde é o mais completo estado de bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidades”. A atuação da OMS nas décadas seguintes tem impacto significativo sobre as ações em saúde em diversos países do mundo, somada a uma agenda política colaborativa em prol de ação participativa, integração da comunidade, garantia de direitos individuais e políticas de bem-estar social. Essa agenda política tem impactos na formulação de políticas públicas de saúde no Brasil, levando a formulação da saúde como um direito e a fundação do SUS no Brasil com a constituição de 1988 (Mercadante, 2002).

Esse conjunto de fatores leva o campo da prevenção para outro patamar. A mudança do paradigma de saúde que se amplia para outras especialidades propicia que áreas como psicologia, serviço social, terapia ocupacional, enfermagem, nutrição, fisioterapia, dentre várias outras, possam desenvolver também trabalhos visando a prevenção e a promoção de saúde. Se a promoção de saúde se associa a indicadores de qualidade de vida, como saneamento básico e boa alimentação, mas também acesso a lazer, cultura e educação, relacionamentos saudáveis com familiares e pares, a ação dos profissionais de saúde interessados em promover saúde de qualidade deve também se ampliar para esse conjunto de fatores.

Abordando o desenvolvimento histórico dos temas de prevenção e promoção de saúde no campo da psicologia em específico, um dos primeiros movimentos desenvolvidos foi o que postulava um outro modelo de enfoque para a saúde mental a partir dos trabalhos de Emory Cowen (2000; Lacerda Junior & Guzzo, 2005). Ao criticar o modelo tradicional de psicoterapia nos Estados Unidos, de características clínicas, ‘remediatistas’ e individualistas, que conseguiam atender apenas a uma pequena parcela elitizada da população, Cowen propõe que a psicologia deveria se voltar para outros processos, buscando a mudança do enfoque na

intervenção junto ao indivíduo para a intervenção junto à sociedade (Lacerda Junior & Guzzo, 2005).

A crítica realizada por Cowen (2000) ao modelo de atendimento clínico da psicologia não foi apenas ao seu alcance, essa crítica foi também epistemológica e política. O modelo clínico, de atendimento individualizado, acabava por responsabilizar o indivíduo pelo conjunto de problemas que o afligem, que refletia também uma perspectiva elitizada sobre a sociedade, distante da realidade da maior parcela da população, o que resulta em intervenções que não conseguem questionar o status de opressão da sociedade, mas apenas reproduzi-los (Lacerda Junior & Guzzo, 2005). O conjunto de fatores sociais e históricos que perpetuam padrões de opressão e dominação tornam-se naturalizados, sendo repercutidos pelas próprias práticas que deveriam atuar para o seu enfrentamento, assim a ciência, a psicologia também como prática científica, se torna a própria reprodutora desses padrões de dominação. Dentro do contexto desse trabalho, a ciência como instituição acaba sendo (re)produtora do gênero, construindo e instituindo a diferença entre os gêneros, sustentando relações desiguais de dominação. O modelo de prevenção defendido por Cowen visava então não apenas alcançar maior número de pessoas, mas de fato mudar as estruturas da sociedade que sustentam o adoecimento e levam ao sofrimento humano (Cowen, 2000; Lacerda Junior & Guzzo, 2005).

Trazendo esse posicionamento crítico sobre a prevenção podemos pensar que a transformação das relações de gênero não pode ser uma prática individualista, pois gênero é um fenômeno relacional. Para efetivamente prevenir a violência em relacionamentos íntimos e promover relações saudáveis é necessário a transformação das estruturas que sustentam a violência como prática cotidiana. A psicologia então, como instituição que sustenta tais práticas deve também ser alvo de intervenção, passando a incorporar em seus constructos teóricos-conceituais elementos que permitam uma compreensão ampla dos fenômenos sociais e históricos, superando o enfoque dos problemas como inerentes aos indivíduos.

## **Diferentes níveis de prevenção**

Como dito anteriormente, a prevenção pode ser dividida em diferentes níveis de intervenção, a depender do contato com os fatores patogênicos e desenvolvimento do adoecimento. Os níveis propostos inicialmente como primário, secundário e terciário são abordados a seguir, com seus desdobramentos ao longo da evolução do campo.

Gordon (1983) classificou a prevenção primária como aquela praticada previamente à origem biológica da doença, secundária praticada depois de a doença poder ser reconhecida, mas antes de causar sofrimento e deficiência, e a terciária depois de a doença já ter causado sofrimento e deficiência, buscando prevenir maior deterioração. Trazendo a definição clássica de Caplan (1964, como citada em Romaro, 2014) que estabelece a distinção de prevenção primária e secundária, de modo que a primária preveniria um problema de acontecer e a secundária preveniria um problema de se tornar mais severo, bem como a ocorrência de complicações adicionais do problema

Lacerda Júnior e Guzzo (2005) compreendem que a prevenção primária pode ser aquela dirigida a grupos amplos, planejada para atuar antes do adoecimento se estabelecer, com maior foco no caráter educativo; a prevenção secundária ocorreria após a identificação de fatores de risco e busca evitar a cronificação do problema ao promover intervenção precoce; já a prevenção terciária é o nível mais específico ao buscar reabilitar ou minimizar os efeitos de um problema já instalado. Outras denominações possíveis são o de prevenção, tratamento e manutenção, respectivamente. De forma prática, tomando como exemplo a prevenção de HIV/AIDS, a prevenção primária envolveria incentivar o uso de preservativos, campanhas de informação e combate aos estigmas sociais por exemplo, medidas amplas voltadas à mudanças de hábitos e à psicoeducação, a prevenção secundária estaria ligada a disponibilidade de testagem para HIV/AIDS e o uso de medicação profilática pré-exposição (PrEP – Ministério da saúde, 2022) para grupos de risco, buscando adereçar fatores de risco

de grupos vulneráveis e a prevenção terciária envolveria a oferta do coquetel para tratamento de HIV/AIDS, apoio psicológico e social, avaliação periódica da carga viral, com objetivo de reduzir os danos aos indivíduos já afetados pelo HIV/AIDS. Não existiria então um nível ideal de atuação, pois todos os diferentes níveis de intervenção em prevenção são necessários para a manutenção da saúde.

Quando o enfoque é colocado sobre a ação dos homens os programas podem ser estruturados de modo que o foco na prevenção primária busca impedir que homens e jovens venham a usar a violência, prevenção secundária que tem como alvo aqueles que estão em risco de cometer violência, diminuindo as oportunidades e riscos a que estes estão submetidos e prevenção terciária, que busca prevenir a continuidade da violência uma vez que ela já tenha ocorrido (Flood, 2006).

Ao avaliar os níveis de prevenção, a prevenção primária seria a mais benéfica em termos de custo e ganhos, porém é de difícil implementação, enquanto a terciária pode ser a mais cara e a que provê menos benefícios de largo espectro, em alcance de beneficiários potenciais, mas é de longe a mais praticada, pois possui grupos mais facilmente identificáveis e o público-alvo se mostra mais motivado para engajar nas práticas ofertadas (Straub, 2014).

Ao longo do tempo foram apresentadas insatisfações quanto as definições primária/secundária, que levaram a definição em novos termos. Gordon (1983) já apontava limitações ao uso dessas classificações, porque o foco dessas distinções era colocado sobre a origem da doença, pela presença de marcadores etiológicos claros, o que servia a doenças infecciosas, porém nos padrões de adoecimento atuais, com características crônicas, etiologias indefinidas, relacionadas a hábitos e comportamentos, tais definições se mostram limitadas. O autor defende ainda que a prevenção fosse direcionada a ações em pessoas não estivessem ainda sentindo os efeitos do adoecer, visando diminuir o risco desse adoecimento os afligir no futuro.

Muñoz e colaboradores (1996) apontaram problemas na definição de prevenção primária/secundário/terciária, pois podem definir prevenção em situação nas quais já existe o diagnóstico. Defendem que prevenção ocorre antes da presença de sintomas que permitam o diagnóstico, nesse caso entrando no campo do tratamento e posteriormente na manutenção, em que o foco reside em diminuir a reincidência e reabilitação.

Um novo modelo de prevenção proposto seria o de prevenção universal, seletiva ou indicada, assim definidos (Gordon, 1983; Muñoz et al., 1996):

- a) prevenção universal inclui programas designados para o público em geral, ou toda a população que não tenha sido identificada por risco aumentado, caracterizada por baixo custo, intervenções efetivas e aceita pela população, com baixo risco nos resultados da intervenção, podendo ser aplicadas sem aconselhamento ou assistência profissionais;
- b) Prevenção seletiva inclui programas designadas para indivíduos ou subgrupos da população que já apresentem risco de desenvolver o transtorno, através de indicadores biológicos, sociais ou psicológicos, pois incluem um balanço de riscos e benefícios que os tornam recomendados apenas frente aos potenciais danos;
- c) Prevenção indicada tem como alvo pessoas com alto risco, que sejam identificadas como possuindo sinais mínimos, mas detectáveis ou sintomas que indiquem predisposição para o desenvolvimento de algum transtorno, mas que ainda não preenchem os critérios diagnósticos. Ainda são intervenções válidas mesmo se apresentem custo maior e algum nível de risco.

A *American Psychology Association* - APA (2014), ao oferecer orientações sobre prevenção, define de forma simplificada os três níveis como universal para pessoas que não estão em risco, seletiva para aquelas que estão em risco e a indicada para os que experienciam os primeiros sinais do problema.

A prevenção baseada nos três níveis pode ser orientada também segundo uma avaliação de custo-benefício, em que a universal seria recomendada para todos, a seletiva é recomendada para subgrupos distinguíveis por idade, sexo, ocupação ou outras características, mas que na análise individual estejam perfeitamente bem (sic) e a indicada seriam aplicadas naqueles que estejam em um risco aumentado frente a média de no futuro desenvolver adoecimento (Gordon, 1983).

Weisz (2005) estrutura a prevenção primária como desenhada para adereçar fatores de risco em toda a população sem buscar diferenciar aqueles membros em risco aumentado; a prevenção seletiva como estratégias que miram grupos identificados porque compartilham significativos fatores de risco, levando a formulação de intervenções desenhadas para contra-atacar esses riscos; por último, a prevenção indicada como estratégias que incluem intervenções com aqueles que possuem sintomas de um transtorno, mas que ainda não alcançam os critérios diagnósticos do mesmo.

O foco do programa pode ser na pessoa, no ambiente ou combinado (Murta et al., 2013, Lacerda Júnior & Guzzo, 2005, Ribeiro, 2008). Programas focados no ambiente buscam mudar o ambiente como forma de prevenir problemas específicos ou produzir bem-estar, tentando trazer mudanças políticas e sociais; programas focados na pessoa focam em evitar adoecimento nos indivíduos ou promover bem-estar com o desenvolvimento de competências e habilidades (Lacerda Júnior & Guzzo, 2005). Programas focados no ambiente ainda carecem de conceito melhor definido, mas incluem ações que buscam mudar os contextos do comportamento humano e não exercer controle comportamental; tornam comportamentos saudáveis mais fáceis de serem implementados do que comportamentos desadaptativos; incluem mudanças de normas e regras sociais; são aplicados em diferentes níveis de contexto (macro, meso e micro); podem ser aplicados em diferentes domínios comportamentais, tais como obesidade, sedentarismo, violência, consumo de álcool e outras



substâncias (Burkhart, Tomczyk, Koning & Brotherhood, 2022). Ribeiro (2008) aponta que essas distinções devem ser entendidas em um contínuo que vai da abordagem individual à abordagem ecológica, com as abordagens combinadas oferecendo uma mistura entre os dois extremos.

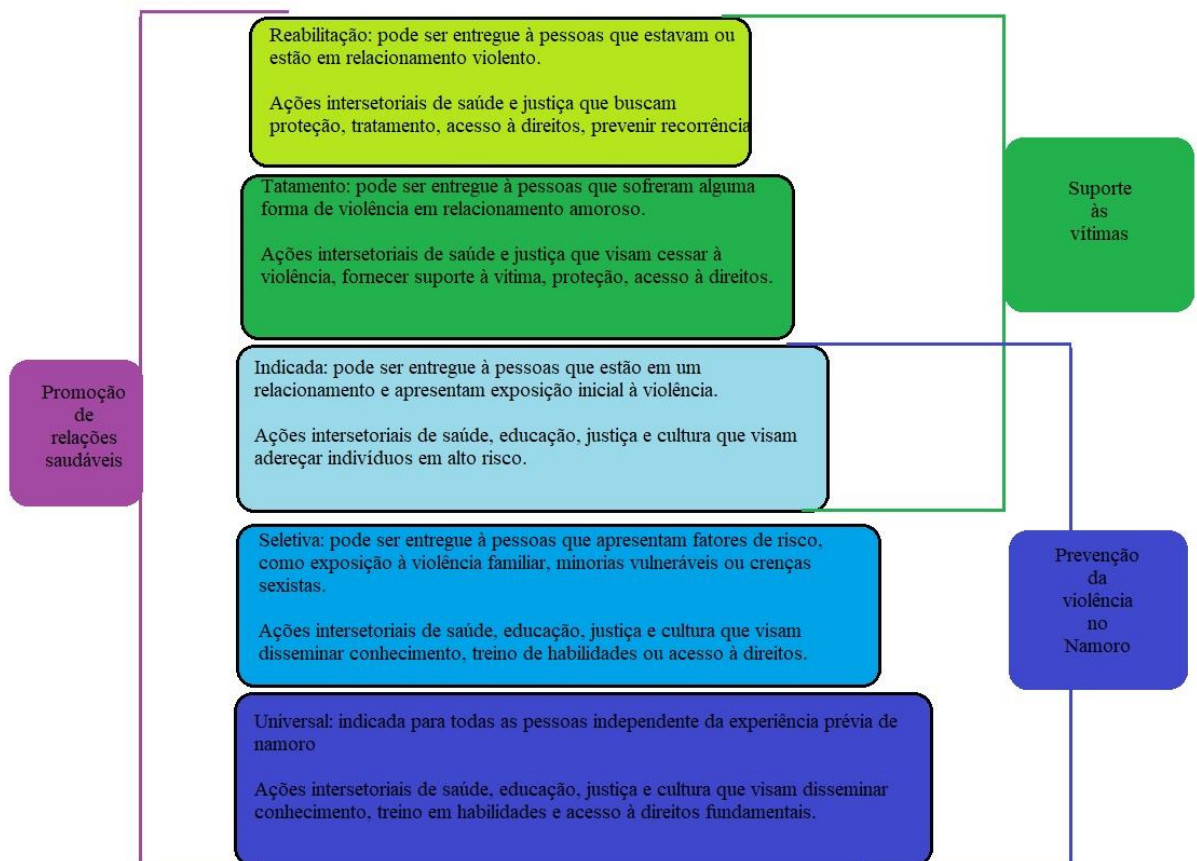
Outro enfoque possível de entender os três níveis de prevenção seria quanto ao enfoque, quanto à forma dos programas de prevenção, que poderiam ser divididos em ambiental – forma de limitar acesso a comportamentos não saudáveis e/ou promover acesso a opções saudáveis; desenvolvimental – foco no desenvolvimento de habilidades chave para a prática de hábitos saudáveis, socialização e comportamentos funcionais; informacional – aumentar o conhecimento sobre comportamentos de risco (Carozzo, 2021, Foxcroft, 2014).

Estudos em prevenção primária da violência no namoro tendem a ter enfoque sobre a adolescência, buscando atuar em um momento em que possuem relevância, mas antes do problema de a violência ter se instalado, porém se mostra difícil precisar exatamente qual a idade apropriada para tais intervenções (Saavedra & Machado, 2013).

Podemos notar nas definições é que grande destaque é dado aos fatores de risco, orientando a diferenciação entre níveis de prevenção e a formulação de estratégias de prevenção. Romaro (2014) defende que a prevenção deveria expandir para a inclusão de fatores protetivos, não apenas redução de risco. Carozzo (2021) defende que a combinação do enfoque em fatores de risco (que aumentam a probabilidade de desenvolver adoecimento) e a promoção de fatores protetivos (qualidades pessoais, recursos interpessoais, da comunidade e do macrossistema) com potencial de evitar o problema e aumentar bem-estar são estratégias importantes para uma atuação integrativa em prevenção.

A promoção da saúde busca dar outro enfoque para a questão de saúde e doença. Um modelo esquemático comparativo entre ações de promoção de relacionamentos saudáveis, prevenção da violência no namoro, tratamento e reabilitação pode ser verificado na Figura 1.

Não colocando o enfoque sobre o adoecimento, mas buscando promover o bem-estar. A promoção da saúde e estratégias de desenvolvimento positivos, teriam como alvo toda a população, com objetivos de aumentar forças e de reduzir riscos de problemas-fim, ou aumentar os prospectos de desenvolvimento positivos (Weisz et al., 2005). Tem o objetivo de alcançar máximo estado de bem-estar, mas enfrenta dificuldades de definição dos conceitos, representando busca por coerência, saúde, bem-estar, resiliência, autoeficácia, empoderamento, energia, flexibilidade, ordem, equilíbrio, harmonia e integridade (Muñoz, 1996).



**Figura 1**  
Esquemática comparativa de ações de promoção de relacionamentos saudáveis, prevenção da violência no namoro, tratamento e reabilitação.  
Fonte: Figura adaptada de World Health Organization – WHO (2022)

A publicação da Carta de Ottawa (1986), na Primeira Convenção Internacional sobre Promoção da Saúde, foi apresentada como uma carta de intenções para alcançar metas em saúde pública, a partir de um movimento da OMS de ações intersectoriais em saúde. O

documento traz uma definição de promoção de saúde, como “processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo maior participação no controle deste processo” (p. 1). Defende também um conjunto de pré-requisitos para a saúde: paz, habitação, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade. Tal documento propõe um novo direcionamento para a forma como a saúde é pensada e como as ações visando saúde devem ser estruturadas. Outras mudanças importantes da carta de Ottawa incluem a noção de que a saúde deve ser mediada por diversos setores junto ao setor de saúde na construção de políticas públicas amplas; de que a atuação em saúde envolve a relação indivíduo-ambiente e deve, portanto, ter foco em ações sobre ambiente; enfoque sobre ações comunitárias e o desenvolvimento de habilidades pessoais.

Na edição atual do *Health Promotion Glossary 2021 – Glossário de Promoção da Saúde 2021* (Nutbeam & Muscat, 2021) traz definições do campo da promoção da saúde de acordo com os encontros internacionais de Promoção da saúde organizados desde 1986 pela OMS. A promoção da saúde é definida como “processo que possibilita às pessoas aumentar o controle sobre, e melhorar sua saúde” (p. 1581 – tradução do autor). Essa definição foi mantida desde o Glossário de Promoção da Saúde original confeccionado para a Primeira Convenção Internacional de Promoção da Saúde de 1986. O glossário, no entanto, atualiza os determinantes para saúde como pessoais, sociais, econômicos e ambientais, que impactam a expectativa de vida de indivíduos e populações, bem como introduz novas definições relevantes para o campo da promoção da saúde.

A promoção da saúde se amplia com a concepção a partir da carta de Ottawa (1986) de que a saúde é um direito e tem que ser mantida pela sociedade; de que as pessoas possuem um papel ativo na manutenção de sua saúde, que deve ser alcançado por meio de ações multideterminadas implementadas ao longo da vida (Juvinyà-Canal & Casals-Alonso, 2022).

As autoras alertam que a promoção da saúde em tempos de incerteza e contingência de recursos demandam ações intersetoriais entre os diversos atores das comunidades, garantias de sustentabilidade dos serviços de saúde frente a escassez de recursos, mas também o fortalecimento dos serviços de atenção primária e empoderamento dos serviços comunitários, treino da comunidade para o oferecimento de serviços e priorização da igualdade como um guia para todas as ações de saúde de modo a incluir a todos em uma distribuição igualitária de recursos.

Segundo a APA (2014) promoção da saúde seria equipar pessoas com habilidades de vida, competências de enfrentamento, tais como resolução de problemas, contribuindo para a capacidade de viver de forma mais plena, enquanto também se tornam capazes de enfrentar situações de vida estressantes no futuro. Se nota nesta definição da APA o enfoque individualista da promoção da saúde, não dando destaque às ações intersetoriais, comunitárias e ambientais que a Carta de Ottawa (1986) defende para o campo.

A promoção da saúde, mais do que um conjunto de ações sobre o comportamento do indivíduo, se associa a um conjunto de valores: qualidade de vida, saúde, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento, participação e parceria (Buss, 2000). Compreende também um conjunto amplo de estratégias para sua implementação, dentre elas as ações do Estado (políticas públicas pela saúde), da comunidade (reforço das ações comunitárias), de indivíduos (desenvolvimento de habilidades pessoais e hábitos de vida), do sistema de saúde (reorientação do sistema de saúde) e de parcerias intersetoriais, trabalhando com a ideia de responsabilizações múltiplas pelos problemas e suas soluções.

Embora a questão da promoção da saúde tenha surgido no contexto da medicina preventiva (como discutido anteriormente), com o seu desenvolvimento conceitual passa a abarcar outras compreensões e significados, de modo que seus significados mais atuais compreendem questões políticas e técnicas em torno da questão saúde-doença-cuidado (Buss,

2000). A promoção de saúde inclui hoje um amplo conjunto de práticas que muitas vezes vão além da compreensão da saúde em si, envolvendo aspectos como distribuição de renda, acesso à educação, lazer, transporte, boa alimentação, prática regular de exercícios, entre outros, todos indicadores de qualidade de vida.

A questão da promoção da saúde advém de amplas discussões ocorridas ao longo de das últimas décadas sobre o conceito de saúde em busca de uma definição de saúde positiva, ou seja, focada no que a saúde é e não no processo de adoecimento, ideais reorientados com a Carta de Ottawa (1986), que defende que a saúde não é responsabilidade exclusiva do setor de saúde, que enfatiza recursos sociais e pessoais, indo além da ideia de estilo de vida saudável, buscando o bem-estar global (Leffevre & Leffevre, 2004; Buss, 2000). Nessa compreensão de saúde positiva a saúde não pode ser vista como um fim em si mesmo, mas “como um meio ou recurso para a vida” (Leffevre & Leffevre, 2004, p. 26). Para alcançar este fim a promoção da saúde estaria menos associada a ação regionalizada da lógica de atenção à saúde e mais relacionada a ação do campo global da sociedade, embora os autores reconheçam que esta ampliação da saúde acaba por deslocar a saúde do campo da saúde e gerando uma visão idealística e pouco praticável da promoção da saúde.

As áreas de prevenção primária e promoção da saúde se mostram então como promissoras, mas ao longo do tempo enfrentam diversas dificuldades para a sua implementação, (Leffevre & Leffevre, 2004; Buss, 2000; Lacerda Junior & Guzzo, 2005). O paradoxo da prevenção estipula que uma medida de prevenção que aponte para grandes benefícios para a população, pode oferecer relativamente pouco benefício no nível individual e que os efeitos pretendidos da prevenção precisariam ser avaliados ao longo de grandes intervalos e diferentes subgrupos (Overbeek, 2022). Tais necessidades levaram ao longo do tempo ao desenvolvimento de um conjunto de metodologias para a criação, aplicação e avaliação de programas focados em prevenção e promoção da saúde.

## **Justificativa**

A relevância social do estudo pode ser observada pelos impactos causados pela violência nas relações interpessoais, com ampla documentação científica destes impactos. Por ser indicativa de maior risco em violência conjugal, a possibilidade de prevenção desta modalidade de violência em estágios anteriores possibilitaria importante ponto de atuação para prevenir problema social que atinge milhares de mulheres todos os anos.

Quanto aos aspectos de masculinidade, pode-se ressaltar o foco no homem como meio de promover relações não violentas, buscando a construção de novas formas deste homem estar no mundo, que não sejam pautadas pela violência, aspecto de grande importância, mas que ainda encontra resistência, em grande parte dos próprios homens, que ainda não tomaram para si a construção de novos modelos de se portar como uma bandeira de luta e articulação.

Se mostra necessário o desenvolvimento de maior número de estudos que relacionem as masculinidades, a violência no namoro e os programas de prevenção, tendo em vista as relações apontadas entre a masculinidade, a violência e os cuidados em saúde. A ausência de estudos que incorporem a masculinidade e os homens como objeto de estudo e público-alvo de intervenções indica um campo a ser explorado no desenvolvimento de intervenções de prevenção da violência e promoção de relacionamentos saudáveis.

Por último, considera-se urgente o desenvolvimento de um modelo de intervenção que possa inspirar a criação de programas de prevenção universal, possibilitando atuações junto às comunidades, escolas e centros comunitários, de modo a levar o conhecimento científico a ser integrado ao mundo, com a chance de promover bem-estar social, garantia de direitos humanos e a construção de uma sociedade com melhores condições de saúde e atuação para homens e mulheres. Porém, esses projetos deixam de alcançar o impacto pretendido se existe baixa adesão masculina aos programas de prevenção e promoção da

saúde. Torna-se necessário então o investimento em medidas que visem alcançar maior participação masculina a tais projetos.

## **Objetivo**

Essa tese tem como objetivo a produção de uma avaliação de necessidades de um programa de prevenção da violência no namoro que favoreça o engajamento de homens na faixa etária de jovens adultos.

Os objetivos específicos são:

- levantar e analisar fatores que possam prejudicar o engajamento masculino à projetos de prevenção da violência no namoro;
- identificar e apontar fatores que tenham o potencial de melhorar o engajamento masculino à projetos de prevenção da violência no namoro;
- produzir ao final um protocolo de medidas a serem adotadas visando alcançar o público masculino em projetos de prevenção da violência no namoro;



## **Método**

### **Mapeamento de intervenções**

A pesquisa foi organizada segundo o modelo de Mapeamento de Intervenções – IM (*Intervention mapping* – Bartholomew, Parcel & Kok, 1998; Kok et al., 2016; Stea et al., 2016).

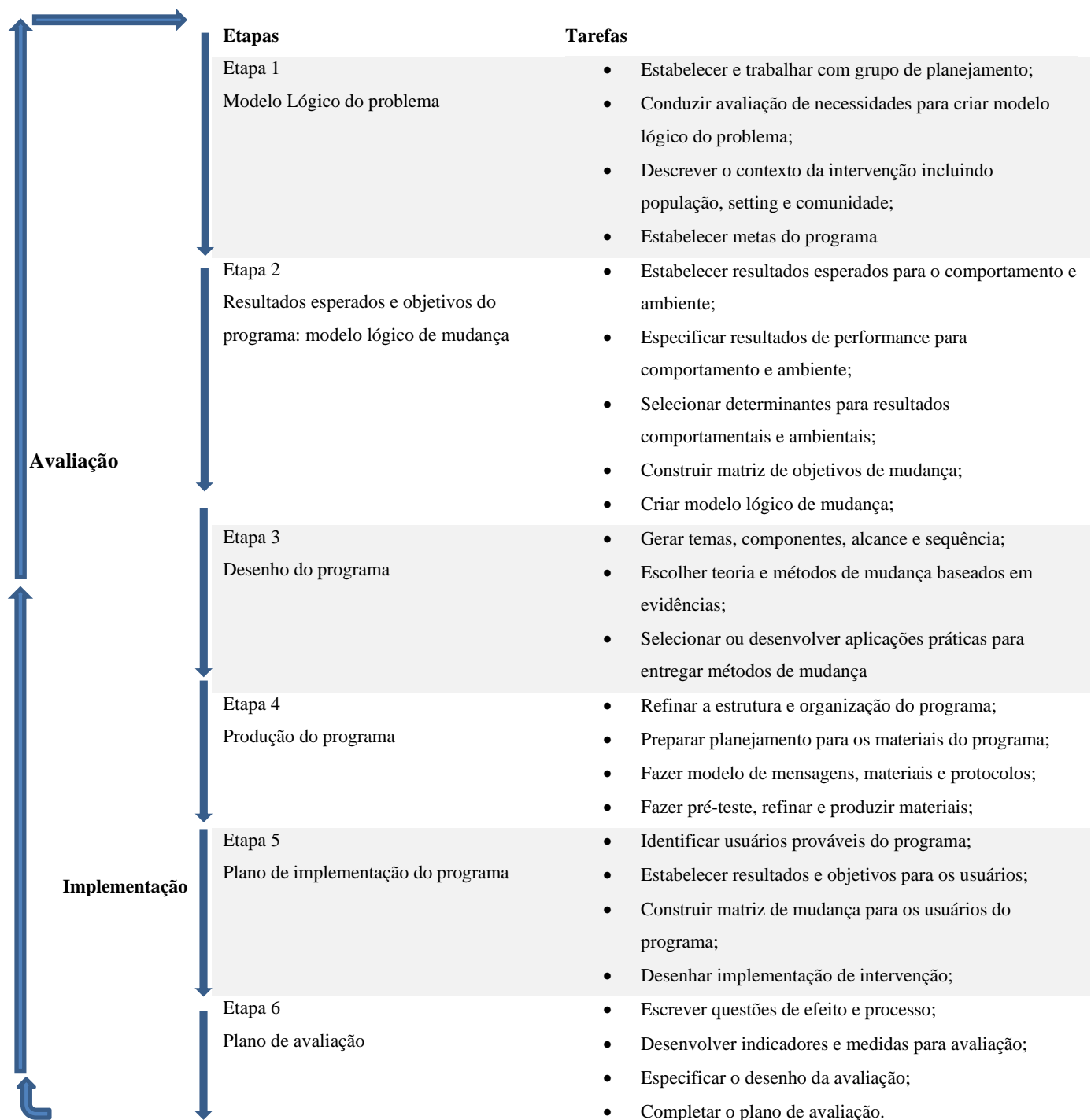
O modelo de Mapeamento de intervenções – IM, propõe o planejamento de intervenções para o planejamento de programas de promoção em saúde baseadas em teorias e evidências seguindo 6 etapas. As seis etapas seriam 1) Modelo lógico do problema; 2) Resultados do programa e objetivos: modelo lógico da mudança; 3) Design no programa; 4) Produção do programa; 5) Plano de implementação do programa e 6) Plano de avaliação (Kok et al., 2017). Cada uma das etapas possui um conjunto de tarefas determinadas. As descrições das etapas e das tarefas correspondentes pode ser vista na Figura 2.

Essa pesquisa tem foco na etapa 1. Modelo lógico do problema em que são realizados a revisão de literatura, o grupo de planejamento e a avaliação de necessidades.

Segundo o modelo IM o Modelo lógico do problema envolve a construção de um comitê participativo (ou grupo de planejamento) que tem como tarefas discutir o problema, as causas comportamentais e ambientais, os determinantes relacionados às causas comportamentais e ambientais que irão compor esse modelo, dando enfoque também as características da comunidade e conhecimentos sobre o problema e suas possíveis soluções (Kok, Peters & Ruiters, 2017). É nessa etapa que o autor coloca a avaliação de necessidades, que deve oferecer insumos para a composição do Modelo Lógico do problema.

Stea e colaboradores (2016) propõem um planejamento diferente para a primeira etapa do IM. Segundo esses autores, a etapa de avaliação de necessidades envolve a 1. revisão de literatura em busca de estudos que apresentem componentes efetivos em intervenções, 2. Pesquisa ao campo por meio de métodos qualitativos (grupos focais e entrevistas com

membros relevantes ao tema), 3. Estudo piloto visando obter informações relevantes das oportunidades e barreiras locais.



**Figura 2**  
Mapeamento de Intervenções com etapas e tarefas.

Fonte: Adaptado de Kok (2017)

Embora os autores apresentem uma visão com diferenças acerca da primeira etapa do IM, ambos possuem em comum o entendimento que essa etapa inicial se foca no

entendimento do problema, de suas causas, embasamento teórico e empírico para suas possíveis soluções e acesso a membros da comunidade para o entendimento apropriado de elementos chaves para um programa que venha a ser bem-sucedido. São esses os componentes que guiam esse trabalho.

A revisão de literatura sobre o tema de prevenção da violência masculina, foi realizada por meio de uma revisão de escopo. Essa revisão buscou atender aos objetivos de entender o problema, suas causas e intervenções que apresentaram êxito no enfrentamento da violência masculina com embasamento teórico e empírico. A escolha de adereçar a prevenção da violência masculina, não apenas a prevenção da violência masculina no namoro, se deu por considerar que outros programas de prevenção da violência masculina poderiam ter importantes contribuições para o campo da prevenção da violência no namoro.

O grupo de planejamento abordou o público-alvo da avaliação de necessidades, temas de relevância, engajamento, recrutamento de participantes, formato da entrevista, procedimentos adotados, roteiro de entrevista. No grupo de planejamento foram realizadas reuniões individuais com os membros do grupo de planejamento e discussões adicionais por meio de troca de materiais e retorno de comentários e sugestões por meios virtuais.

A terceira etapa se foca na avaliação de necessidades. Para tanto foram realizadas entrevistas individuais, com objetivo de identificar junto a jovens adultos e profissionais de educação e saúde e líderes comunitários os fatores que impactam negativamente na participação em programas de prevenção da violência.

### **Revisão de literatura**

Foi realizada revisão de literatura acerca do tema programas de prevenção da violência que trabalhem a masculinidade ou teorias de gênero. O Objetivo da revisão foi produzir um panorama da produção da América Latina sobre os temas de prevenção da violência em

adolescentes e masculinidades dos anos de 2010 a 2021. A América Latina foi escolhida por compartilhar aspectos culturais acerca da construção da masculinidade, como o fenômeno do machismo e por ter altos índices de violência urbana em comparação com outras regiões no mundo (Atlas da violência, 2018).

Para tanto, foi realizada uma revisão de escopo (*scoping review*), que se caracteriza por uma forma de revisão de literatura que faz um acesso preliminar ao campo, fornecendo um escopo do campo como disponível na literatura, fornecendo a natureza e a extensão de evidências de pesquisa (Grant & Booth, 2009). Essa forma de revisão é útil para mapear conceitos presentes em uma área de pesquisa, reunir literatura sobre uma área de pesquisa nova, conseguindo analisar questões mais amplas e gerais acerca do campo, não se restringindo a avaliação de efetividade ou das experiências reunidas nas intervenções (Peters et al., 2015).

Como o campo da masculinidade e de programas de prevenção que deem enfoque sobre esse tema ter pouca abrangência e número baixo de publicações, a revisão de escopo oferece um recurso analítico que se adequa às limitações encontradas, oferecendo um panorama do tema na América Latina, principais temas abordados, conjunto de evidências, conceitos-chave utilizados no campo da violência e masculinidade.

### **Procedimentos**

Nesta pesquisa optou-se por realizar a pesquisa na base de dados Lilacs, PubMed e Scielo. Os descritores utilizados são apresentados na Tabela 1. O string final utilizado na pesquisa foi: ((Man's violence OR violência masculina OR violencia masculina) AND (prevention OR prevenção OR prevención OR intervention OR intervenção OR intervención) AND (Masculinity OR masculinidade OR masculinidad OR Men OR Homem OR Hombre) AND (Gender OR gênero OR género) AND (Teenagers OR juvenile OR adolescents OR adolescents)). A tabela 1 apresenta os termos adotados na pesquisa.

Os critérios de inclusão adotados foram: artigos que relatem estudos empíricos, com foco em prevenção à violência masculina com adolescentes, com design experimental, quase-experimental, pesquisa ação, com abordagem quantitativa, qualitativa ou mista; estudos de design de intervenção, desde que incluíssem etapa de coleta de dados; estudos publicados nos idiomas inglês, português ou espanhol; estudos realizados entre os anos de 2010-2021; estudos realizados na América Latina (América do Sul, América Central ou Caribe); estudos em que o tema masculinidade ou gênero seja abordado; artigos com revisão de pares; artigos com acesso disponível eletronicamente.

**Tabela 1**

Termos adotados na pesquisa Bibliográfica

Conceito Chave	Palavras-chave
Violência masculina	<i>Man's violence OR violência masculina OR violencia masculina</i>
Prevenção	<i>prevention OR prevenção OR prevención OR intervention OR intervenção OR intervenció</i>
Masculinidade	<i>Masculinity OR masculinidade OR masculinidad OR Men OR Homem OR Hombre</i>
Gênero	<i>Gender OR gênero OR género</i>
Adolescentes	<i>Teenagers OR juvenile OR adolescentes OR adolescents</i>

Os critérios de exclusão adotados nesse estudo foram: estudos que não foquem em prevenção à violência masculina com adolescentes, mesmo que trabalhem com homens que cometeram violência; estudos que trabalhem com violência masculino, mas não tenham enfoque no desenvolvimento de intervenções para prevenção; que não tenham o enfoque sobre a adolescência (incluindo adolescentes ou jovens adultos – 14 aos 25 anos); estudos que não possuam descrição do programa de prevenção ou das estratégias adotadas na intervenção; estudos de cunho teórico ou estudos de revisão; livros ou capítulos de livros; estudos realizados fora do período selecionado; estudos realizados em regiões diferentes das especificadas (América do Norte, Europa, África, Ásia, Oceania).

Fontes secundárias foram adotadas para a busca de artigos, de modo que artigos que não preencham os critérios de inclusão e/ou preencham os critérios de exclusão poderiam ser

acessados em busca de literatura pertinente, quando tal literatura preencha os critérios de inclusão e não preencha os critérios de exclusão, esta literatura foi incluída no escopo de análise deste trabalho.

A pesquisa foi realizada por dois pesquisadores independentes, que em momento posterior fizeram a comparação dos resultados. Discrepâncias entre as análises foram discutidas em busca de consenso. Em caso de permanência da discordância, um juiz independente seria consultado para decidir pela inclusão ou exclusão do artigo em questão.

As etapas de seleção dos artigos seguiram os passos:

1. Pesquisa às bases de dados: artigos foram avaliados pelo título e tema;
2. Leitura de resumos: artigos pré-selecionados eram lidos em seus resumos para identificação dos critérios de inclusão/exclusão;
3. Leitura integral: artigos aprovados no resumo eram lidos integralmente para confirmação da seleção pelos critérios de inclusão/exclusão;
4. Análise comparada: Comparação dos artigos selecionados pelos dois pesquisadores independentes;
5. Seleção Final: selecionados artigos a serem analisados.

### **Corpo de estudo**

Ao pesquisar as bases de dados selecionadas foram encontrados 476 artigos, sendo 3 na Scielo, 3 artigos na PubMed e 470 na Lilacs. Após as etapas de seleção foram excluídos 471 artigos. Os critérios de exclusão foram: 1 artigo por estar fora do período temporal; 4 artigos por não abordarem o tema prevenção da violência masculina ou prevenção ou masculinidade/gênero; 3 artigos repetidos; 7 artigos que descreviam pesquisas não realizadas na América Latina; 456 trabalhos por não abordarem o tema da prevenção da violência masculina.

Na análise final 5 artigos foram selecionados. A Tabela 2 apresenta os 5 artigos, com autores, data de publicação título e país de origem do estudo.

**Tabela 2**

Artigos selecionados para análise com nome dos autores/ ano de publicação, título e país do estudo.

Autores/ano	Título	País
Pick et al. (2010)	“Yi quiero, yo puedo... Prevenir la violència”: Programa breve de sensibilización sobre violencia en el noviazgo	México
Póo & Viscarra, (2011)	Diseño, implementación y evaluación de un programa de prevención de la violencia en el noviazgo	Chile
Murta et al. (2012)	Programa de habilidades interpessoais e direitos sexuais e reprodutivos para adolescentes: um relato de experiência	Brasil
Murta et al. (2013)	Prevenção à violència no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes	Brasil
Murta et al, (2016)	Prevenção à violència no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes.	Brasil

**Análise de dados**

O conjunto dos 5 artigos selecionados foi lido na integra e os dados relevantes foram extraídos e categorizados seguindo um conjunto de critérios pré-estabelecidos, tendo em vista os objetivos da pesquisa. Os dados de relevância analisados foram: local de realização do estudo, área de conhecimento (por formação dos pesquisadores), nível de prevenção do programa, etapa do design da intervenção, implementação de avaliação de necessidades, estratégias de prevenção da violència adotados, modelo teórico que embasa o programa e uso de abordagem participativa.

Outras características das intervenções que foram avaliados incluíam: forma de recrutamento e seleção dos participantes, quantidade de participantes por grupo de intervenção, se ocorreu seleção dos participantes por gênero, quantidade de encontros, duração dos encontros e da intervenção, população dos estudos, se o estudo incluiu grupo de risco ou minorias, modalidade de entrega da intervenção, tamanho da amostra, principais resultados, controle de gênero dos mediadores.

### **Grupo de planejamento**

Composto por membros de referência nas áreas de saúde, educação, cidadania e direitos humanos, os membros do grupo de planejamento fazem parte da elaboração da pesquisa, seleção de participantes, organização dos procedimentos de coleta e seleção de temas relevantes.

Por meio de reuniões, apoio técnico, consultas e discussões dos temas, o grupo de planejamento tem o objetivo de trazer elementos teóricos/conceituais e de experiência de trabalho na área para a melhor elaboração do projeto e de seus elementos estruturais. Com o apoio do grupo em formato colaborativo visa maior possibilidade de o trabalho aqui desenvolvido alcançar seus objetivos junto a implementação de programas de prevenção e promoção da saúde.

Outro objetivo da formação do comitê é trazer caráter mais cooperativo à construção do trabalho, de modo a possibilitar que profissionais chave tragam experiências de suas áreas de atuação em campos de trabalho e em comunidades em contato com o público-alvo, no caso homens jovens.

O grupo de planejamento contou com a participação de 4 integrantes, com diferentes áreas de atuação e experiências. Com reuniões individuais variando de 40 a 60 minutos, foram abordados o tema da pesquisa, o problema trabalhado – a adesão masculina à projetos de



prevenção da violência no namoro, a metodologia intencida na avaliação de necessidades, a realização das entrevistas, o roteiro semiestruturado e os temas abordados.

As entrevistas foram registradas por meio de notas em tópicos e gravadas para consulta posterior e complementação dos dados. Consultas posteriores aos membros do grupo de planejamento foram realizadas por meio de troca de correio eletrônico, como meio de obter avaliações dos instrumentos planejados, procedimentos e métodos de recrutamento.

Os integrantes foram convidados a participar de acordo com suas áreas de atuação e experiências no trabalho com temas correlatos. Todos os integrantes são apresentados na Tabela 3 abaixo.

**Tabela 3**  
Integrantes do Grupo de planejamento por Gênero, Profissão e Campo de experiência.

Integrante	Gênero	Profissão	Experiência
1	Masculino	Psicólogo	Atua com adolescentes no sistema socioeducativo. Especialista em psicologia sistêmica.
2	Feminino	Doutora em Psicóloga	Pesquisadora em ambiente escolar com jovens, desenvolve temática de cultura de paz nas escolas
3	Masculino	Psicólogo	Trabalhou com jovens em contexto educacional/escolar e desenvolve grupos com homens com temas de masculinidade e paternidade
4	Feminino	Pedagoga	Trabalha em contexto educacional/ escolar como diretora de centro educacional

### **Entrevistas**

#### **Coleta de dados**

Conduzidos on-line, por meio de plataforma virtual de reunião, gravadas para transcrição. Foram realizadas 10 entrevistas com participantes que 1. fossem pertencentes ao grupo de jovens adultos homens ou mulheres ou 2. Desenvolvem ou desenvolveram trabalhos com grupos de jovens ou jovens adultos, no campo da saúde ou educação.

As entrevistas foram realizadas pelo autor da pesquisa, unicamente em contexto virtual, por meio do roteiro de entrevista previamente articulado a partir da revisão de literatura e da discussão do tema junto ao grupo de planejamento.

Pelas características inerentes ao contato por meio virtual foram necessários certos cuidados para garantir a continuidade da pesquisa. São necessários subsídios mínimos para a execução das videochamadas pelas quais ocorrerão tanto as entrevistas quanto os grupos nominais. No momento da coleta de dados ocorreu a verificação da instabilidade da conexão e do funcionamento adequado dos programas utilizados para a videochamada e gravação desta. Em caso de interrupção da conexão novas tentativas de contato seriam realizadas dentro de um prazo de 15 minutos. No contexto desta pesquisa não ocorreram problemas técnicos durante a coleta de dados.

### **Participantes**

Para as entrevistas foram selecionados jovens adultos homens e mulheres (idade variando de 18 a 25 anos -a idade foi selecionada por representar grupo de alta taxa de mortalidade masculina por causas violentas segundo Weisselfiz, 2014) e profissionais de referência – educadores, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e médicos que desenvolvam trabalhos com público jovem. O número de participantes selecionados para essa etapa foi de 10 participantes totais, divididos entre os dois grupos.

Os participantes jovens foram selecionados a partir de divulgação em fóruns, páginas de redes sociais e grupos de convivência previamente selecionados por meio de indicação do comitê colaborativo. Os profissionais de referência foram selecionados a partir das indicações e orientações pré-determinadas pelo grupo de planejamento.

As informações sobre o perfil dos participantes podem ser verificadas na Tabela 4 abaixo. O código do participante foi criado a partir do grupo, jovens ou profissionais, somado a um número de identificação aleatório. A classe social foi de autodeterminação pelo

participante e segue as classificações fornecidas segundo o IBGE para renda familiar, segundo critério de classe E menos de dois salários-mínimos, classe D de 2 a 5 salários-mínimos, classe C de 5 a 10, classe B de 10 a 20 e classe A com mais de 20 salários-mínimos (IBGE, 2000).

Dos 10 participantes 7 pertencem ao grupo de jovens adultos e 3 pertencem ao grupo de professores. Durante a fase de recrutamento não foi possível recrutar profissionais de saúde para integrar o grupo amostral, limitando a variabilidade de experiências. As idades variam entre 20 e 25 anos no grupo de jovens adultos, com média de 22,5 anos; no grupo de profissionais as idades variam entre 30 e 47 anos, com média de 37,7 anos. Quanto ao gênero o grupo de jovens adultos possui 4 participantes mulheres (57%) e 3 homens (43%); enquanto no grupo de profissionais foram 2 participantes homens (66,6%) e uma mulher. Quanto a classe social um membro do grupo de jovens se declarou da classe E (14,28%), um da classe D (14,28%) e o restante da classe C (71,42%). Já no grupo de profissionais dois participantes eram da classe C (66,6%) e um da classe B.

**Tabela 4**

Informações sobre participantes segundo gênero, idade, classe social e ocupação.

<b>Participante</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Classe social</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Grupo</b>
J83	Masculino	22	D	Estudante	Jovens adultos
J30	Masculino	24	E	Estudante	Jovens adultos
P04	Feminino	47	C	Professora	Profissionais
J48	Feminino	20	C	Estudante	Jovens adultos
J54	Masculino	25	C	Estudante	Jovens adultos
J95	Feminino	23	C	Estudante	Jovens adultos
J14	Feminino	23	C	Estudante	Jovens adultos

J39	Feminino	21	C	Estudante	Jovens adultos
P24	Masculino	30	B	Professor	Profissionais
P69	Masculino	35	C	Professor	profissionais

### **Instrumentos**

As entrevistas foram conduzidas por meio de roteiro semiestruturado abordando temas referentes a violência no namoro, prevenção, participação masculina, estigmas da masculinidade, barreiras à participação masculina, prevenção com homens, engajamento social. O roteiro utilizado foi definido em acordo com as deliberações do grupo de planejamento e o levantamento da literatura.

Ao começo da entrevista um tema disparador foi utilizado, seguindo orientações discutidas com o grupo de planejamento. O tema disparador foi construído para trazer o tópico de engajamento masculino em programas de prevenção da violência do namoro, sendo constituído por uma história fictícia em que um homem jovem é confrontado com a possibilidade de participar de um programa de prevenção da violência, mas teme os impactos frente a seus pares. O tema disparador foi submetido para apreciação do grupo de planejamento, eventuais ajustes e refinamento do tema e da linguagem utilizada. O tema disparador utilizado em todas as entrevistas foi:

“Miguel é um jovem de 18 anos, recentemente terminou o ensino médio e está estudando para o vestibular. Miguel está em um relacionamento há 2 meses e pensa em começar um namoro. Mas tem se preocupado com algumas coisas. Presenciou um casal de amigos tendo discussões muito intensas por ciúmes, com xingamentos, ameaças e chantagens. Também sabe que um tio chegou a agredir a namorada fisicamente. Então quando sente ciúmes ou fica irritado em seu relacionamento, tem medo de que possa acabar fazendo coisas parecidas. Ficou sabendo então, de um projeto para promover relações amorosas-sexuais saudáveis, investimento em habilidades de comunicação e prevenção da violência e se interessou em participar. No entanto, Miguel tem receio de como seria esse projeto, se teria que falar de seus sentimentos e se expor, e também do

que seus amigos iriam pensar ao saber que ele participa desse projeto. O que Miguel poderia fazer?”

O modelo do protocolo para entrevistas pode ser acessado no Anexo 1.

### **Análise de dados**

Todas as entrevistas foram gravadas. As entrevistas foram posteriormente transcritas para análise adequada e outras análises a serem incorporadas ao produto.

As entrevistas foram analisadas por meio de categorização dos elementos textuais de acordo com similaridade e proximidade entre os relatos dos entrevistados, construindo categorias de acordo com temas apontados na literatura. A partir dos tópicos de maior relevância e de maior frequência foram criados temas versando sobre a orientação para o engajamento masculino em programas de prevenção da violência e promoção da saúde em relacionamentos.

### **Procedimentos éticos**

O projeto foi submetido ao conselho de ética em pesquisa do instituto de Ciências Humanas e sociais da Universidade de Brasília, sendo aprovado pelo CEP em 21 de setembro de 2021, sob número do parecer 4. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado após a aprovação pelo conselho de ética foi disponibilizado para apreciação no Anexo 2.

## **Resultados e Discussão**

Os resultados e a discussão serão apresentados em quatro subseções. Na primeira Subseção são apresentados os resultados e discussão da revisão de literatura sobre programas de prevenção da violência masculina. Na segunda subseção são apresentados os resultados e discussão para o grupo de planejamento. Na terceira subseção as entrevistas são apresentadas e discutidas. Por fim, a quarta subseção traz uma síntese das três subseções anteriores, integrando os componentes e conteúdo das três subseções anteriores para fornecer uma perspectiva conjunta da análise de literatura, grupo de planejamento e entrevistas e assim prover uma visão integrada para responder ao objetivo de produzir uma avaliação de necessidades de um programa de prevenção da violência no namoro que favoreça o engajamento de homens na faixa etária de jovens adultos.

### **Programas de prevenção da violência masculina**

Visando obter um panorama dos programas já existentes em um contexto nacional e da América Latina foi realizada uma revisão bibliográfica de programas de prevenção da violência masculina e de promoção da saúde desde o ano de 2010 até o ano 2021, que tenham trabalhado a questão de masculinidade ou de gênero em seus componentes. Foram considerados programas de toda a América Latina por compartilharem elementos culturais próximos da cultura brasileira, como o fenômeno do machismo (Moore, 2015).

Foram encontrados 5 programas, três do Brasil, um do México e um do Chile. As descrições dos trabalhos estão disponíveis na Tabela 5 abaixo, apresentando a referência, título do artigo, Cidade/País do estudo, etapa que o estudo descreve (planejamento, aplicação e avaliação de necessidades/processos/resultados) e o delineamento do estudo.

Não foram encontrados estudos que tenham enfoque sobre grupos de homens ou que discutam as masculinidades como um elemento conceitual que estrutura a violência ou os

desafios dos programas de prevenção. Os cinco programas encontrados dão enfoque as relações de gênero, ao machismo, crenças sexistas e aos papéis de gênero como elementos conceituais da violência ou como conteúdo das intervenções e por isso foram selecionados para esta análise. Todos os cinco estudos são direcionados à vitimização e à perpetração da violência, adotando temas e estratégias voltados à prevenção dos dois aspectos da violência no namoro.

### **Tabela 5**

Descrição dos artigos analisados por Referência, Título, Cidade/País, Etapa e Delineamento.

<b>REFERÊNCIA</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>CIDADE/PAÍS</b>	<b>ETAPA</b>	<b>DELINEAMENTO</b>
Pick et al. (2010)	“Yi quiero, yo puedo... Prevenir la violencia”: Programa breve de sensibilización sobre violencia en el noviazgo	Toluca, Puebla, Guadalajara e Distrito Federal /México	Aplicação e avaliação	Avaliação pré e pós-testes, intervenção breve de encontro único com duração de 150 min
Póo & Viscarra, (2011)	Diseño, implementación y evaluación de un programa de prevención de la violencia en el noviazgo	Temuco/ Chile	Planejamento, aplicação e avaliação de processos e resultados	Avaliação do desenho do programa por especialista; Implementação com 14 sessões de 150 min, com avaliação dos resultados pré e pós-teste e follow-up
Murta et al. (2012)	Programa de habilidades interpessoais e direitos sexuais e reprodutivos para adolescentes: um relato de experiência	Goiânia/ Brasil	Aplicação e avaliação de processos	Programa dividido em 3 módulos, com relatos de experiência e indicadores de aceitabilidade por parte dos adolescentes. 15 sessões semanais de 90 min.
Murta et al. (2013)	Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes	Brasília/ Brasil	avaliação de necessidades, aplicação e avaliação de processos, avaliação de resultados	delineamento quase-experimental, com avaliação de pré e pós-teste, avaliação de processo e avaliação de impacto cinco meses após o término da intervenção, com uso de estratégias quantitativas e qualitativas de avaliação. 7 sessões semanais de 80 min.
Murta et al. (2016)	Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes.	Brasília/ Brasil	Aplicação e avaliação	delineamento quase-experimental, grupo controle, avaliação pré e pós-teste. 9 encontros semanais de 80 min.

Os estudos abordam a aplicação de intervenções em prevenção primária, com alguns estudos trazendo também definições de prevenção universal (Murta et al., 2012) e promoção da saúde (Murta et al., 2012; Murta et al., 2013; Murta et al., 2016), avaliação tanto de

resultados como de processos, avaliação de necessidades e descrição da etapa de planejamento. Quanto à avaliação evidenciou-se uma tendência ao modelo de avaliação pré e pós-teste, com avaliação de seguimento (*follow-up*) sendo adotada em dois estudos (Póo & Viscarra, 2011; Murta et al., 2013). Apenas um dos estudos descreve em parte processo de planejamento da intervenção (Póo & Viscarra, 2011), com avaliação do programa por especialista com objetivo de verificar a consistência interna, adequação dos objetivos com o perfil dos participantes e as estratégias adotadas. O estudo de Murta et al. (2013) foi o único a realizar avaliação de necessidades, com participantes declarando interesses em temas específicos que foram incorporados ao conteúdo e ao formato da intervenção, visando alcançar maior adesão e impacto da intervenção. As respostas dos participantes foram utilizadas para traçar um conjunto de temas que foram inseridos ao longo das sessões, sendo abordados por meio de diferentes estratégias.

A avaliação de necessidades é uma etapa da avaliação de planejamento, com objetivo de levantar fatores epidemiológicos, sociodemográficos e comportamentais do público-alvo, além de avaliar o interesse na intervenção, nos conteúdos, a viabilidade do programa, entre outros (Santos, 2019). Durgante e Dell’Aglia (2018) avaliam que a realização de etapas de planejamento bem descritas se mostra importante para o desenvolvimento de intervenções baseadas em evidências, com potencial de aumentar a chance destes programas alcançarem sustentabilidade e engajamento dos participantes.

As estratégias adotadas para a prevenção e promoção da saúde foram da psicoeducação, que foi adotada em quatro programas (Pick et al., 2010; Póo & Viscarra, 2011; Murta et al. 2012; Murta et al., 2016) ao treino em habilidades de vida ou habilidades sociais, adotado em quatro programas (Póo & Viscarra, 2011; Murta et al., 2012; Murta et al., 2013; Murta et al., 2016). Habilidades sociais são comportamentos que expressam pensamentos, atitudes e sentimentos de maneira adequada e contextualizada, que respeitem



direitos de terceiros e permitam diminuir a ocorrência de conflitos, incluindo comunicação assertiva, manejo de emoções, empatia e resolução de conflitos interpessoais (Oliveira et al., 2018).

Quanto aos participantes os programas tiveram em sua maioria o público-alvo adolescentes recrutados em escolas (Pick et al., 2010; Murta et al., 2012; Murta et al., 2013; Murta et al., 2016) com o programa de Póo e Viscarra (2011) com público-alvo de jovens-adultos universitários, recrutados para participar de um programa optativo para estudantes de graduação. Nenhum dos estudos fez alguma forma de seleção dos participantes por gênero, incluindo em seus desenhos metodológicos participantes homens e mulheres. Os estudos de Póo e Viscarra (2011) e Pick et al. (2010) não informaram a proporção de cada gênero entre os participantes. Nos estudos de Murta et al. (2012) foram 93 participantes, sendo 53 do sexo feminino (56%), em Murta et al. (2013) participaram 60 adolescentes, com 52% do sexo masculino e em Murta et al. (2016) foram 45 participantes com 72,4% de mulheres. Não foi informado o gênero dos facilitadores ou mediadores das intervenções.

A questão do gênero dos mediadores se mostra um tema relevante a ser abordado, visto que muitos programas discutem constantemente questões de gênero e a relação com o mediador, sendo esta positiva ou negativa pode influenciar a adesão ou rejeição do participante ao programa. Avaliando a inserção de mediadores homens e mulheres em programas de prevenção da violência no namoro, Flood (2015) defende que mediadores homens deveriam espelhar modelos múltiplos de masculinidade em detrimento de modelos de masculinidade tradicional, trazendo aos participantes influências de modelos masculinos não hegemônicos. Outro fator importante seria a representação no programa de posições igualitárias entre homens e mulheres, com mulheres engajadas e participantes, evitando a reprodução de relações de dominação e submissão entre os gêneros. Os programas deveriam

representar em seus formatos então os modelos de relações de gênero que buscam construir em seus participantes.

A forma como os temas de gênero foi inserida nos programas foi diversa. Em Pick et al. (2010) a teoria de papéis de gênero foi utilizada como componente integrante da intervenção. As autoras ressaltam que foram encontradas diferenças nas atitudes de participantes homens e mulheres sobre as crenças sexistas e igualdades nas relações devido à maior resistência masculina aos temas. Evidenciaram que a intervenção promoveu maior conhecimento e sensibilização sobre a violência no namoro, abandono de crenças e mitos sobre a violência, maior aceitação da autonomia, assertividade e sinceridade com parceiro e maior capacidade de enfrentar normas tradicionais que sustentam fatores de risco.

Póo e Viscarra (2011) incluíram nos componentes do programa temas sobre relações de gênero e diferença de poder nas relações, os associando as bases da violência. Ao final relataram aumento em conhecimentos sobre a violência no namoro, mudanças atitudinais positivas frente à violência no namoro, com aceitação do formato do programa e interesse pelos temas. Indicam diminuir conhecimentos teóricos e dar mais espaço a interação e vivência dos participantes.

Em Murta et al. (2012) os temas de papéis de gênero, machismo, estereótipos sobre ser homem/ser mulher, saúde mental masculina e construção da sexualidade integram um módulo do programa que foi trabalho ao longo de seis sessões da intervenção, mas trabalhando ainda indiretamente durante outras sessões. Identificaram pelos relatos de satisfação dos participantes maior receptividade as técnicas que favorecem a interação e participação ativa dos adolescentes, integração com elementos da cultura e vivência particular desses jovens e que não remetam a atividades tipicamente escolares. Outros apontamentos relevantes são relativos ao tamanho dos grupos, com grandes grupos diminuindo a interação entre os

membros, produzindo menor volume de relatos e falas. Temas com boa aceitabilidade foram o de sexualidade, gênero, direitos sexuais e reprodutivos.

Murta et al. (2013) trouxeram as teorias de sexismo hostil e sexismo benevolente e a definição da violência como manifestação do sexismo. A homofobia também foi trabalhada como uma manifestação de crenças tradicionais de gênero. O maior enfoque é então dos impactos do sexismo na construção de crenças hostis às mulheres. O conjunto de teorias sobre sexismo foi trabalhado em duas sessões que versaram sobre papéis de gênero, direitos sexuais e reprodutivos, manejo de emoções e empoderamento. Como resultados encontraram no grupo intervenção em relação ao grupo controle o aumento de crenças não-sexistas, diminuição de crenças sexistas, aumento de crenças não-homofóbicas e diminuição de crenças homofóbicas explícitas, com aumento de negociação como estratégia de resolução de conflito e queda na intenção de uso de violência e da resignação.

Por último em Murta et al. (2016) foram discutidos as teorias de papéis de gênero tradicionais, direitos sexuais e reprodutivos, empoderamento e autorregulação emocional como fatores de risco associados à violência no namoro perpetradas por homens. Sinalizaram diminuição de atitudes favoráveis a papéis masculinos tradicionais, aumento na intenção de uso de estratégias de enfrentamento não violentas e indicadores qualitativos no desenvolvimento de habilidades sociais. Mas não evidenciaram efeito nas habilidades de manejo emocional.

Chama atenção o fato que os estudos reconhecem a relevância das relações de gênero para o tema da violência no namoro, inserindo teorias sobre crenças sexistas, sexismo hostil, papéis de gênero e estratégias de prevenção/promoção voltadas para empoderamento, regulação emocional e outros fatores de risco associados à masculinidade, mas não foram encontradas nessa pesquisa programas que foquem em homens ou na construção das masculinidades como tema importante de prevenção da violência no namoro ou em outras

manifestações da violência masculina. Embora a bidirecionalidade da violência no namoro seja evidenciada por muitos estudos da área, existem diferenças na apresentação da violência com homens praticando mais violência física e sexual e na presença de crenças mais conservadoras por parte do público masculino (Neves et al., 2020). Tais dados apontam para uma possibilidade de desenvolvimento de programas com enfoque nos homens e nas masculinidades.

O tema é abordado por Flood (2015) ao discutir o direcionamento de programas de prevenção da violência no namoro para homens pode representar uma perda, pois estudiosas feministas apontam que isso representaria menor financiamento de pesquisas e programas focados em mulheres, porém ressalta que programas adereçados a homens e as masculinidades podem alcançar maior adesão e melhores impactos com esse público. O balanço das perdas e ganhos potenciais deveria ser avaliado de acordo com o objetivo do programa.

A violência masculina ocorre também em diversas outras manifestações para além da violência no namoro e poderiam também dar enfoque às masculinidades. Temas de prevenção da violência podem ser encontrados em uso de habilidades sociais para prevenção da violência escolar (Dávila & Rosário, 2020), prevenção da violência sexual nas escolas (Medeiros et al., 2019), prevenção do suicídio em adolescentes (Batista et al., 2018) e da prevenção do *bullying* em contexto escolar (Brandão Neto et al., 2020). Tais programas de prevenção não fazem uso dos temas da masculinidade, da formação da identidade masculina, determinantes sociais e culturais destes papéis masculinos, evidenciando que as masculinidades não compõem a construção teórica/conceitual que permita compreender a manifestação da violência em outros contextos ou a elaboração de estratégias de programas de prevenção destas formas de violência.

Também não foram encontrados programas que aderecem a outras formas de violência urbana que afligem a população masculina jovem, como homicídios, acidentes de trânsito, agressões, mortes por armas de fogo, que são problemas sociais graves, que geram danos sociais, custos elevados ao sistema de saúde, perda produtiva de jovens para a sociedade, custos humanos e emocionais para as famílias, que são apontados por diversos estudos (Waiselfiz, 2014 e 2016; Franco et al., 2012; González-Pérez et al., 2012; Cerqueira & Bueno, 2020). Embora tais prejuízos sejam reconhecidos por políticas públicas nacionais como manifestações da masculinidade (PNAISH, Ministério da Saúde, 2008 e 2021), não tem conduzido ao interesse em desenvolver intervenções e pesquisas que aderecem as masculinidades como aspectos relevantes do problema.

### **Grupo de planejamento**

Os diferentes temas discutidos e as sugestões do grupo de planejamento são abordados abaixo. Os resultados dessa etapa foram utilizados para o planejamento e execução da etapa de entrevistas, que corresponde à etapa de avaliação de necessidades, bem como conteúdo comparativo na análise das entrevistas realizadas posteriormente.

Na parte da adesão abordaram que o tema da violência é caro às mulheres, mas tem menor atratividade para homens, mas falar sobre habilidades de manejo de raiva, relacionamento e comunicação pode ser mais atrativo, ao mesmo tempo é necessário demonstrar o processo como uma possibilidade de ganho pessoal, a prevenção da violência no namoro e a promoção de relações saudáveis como um tópico de proteção de si, não apenas um investimento para resolver um problema que afeta ao outro. Tal ponto vai de encontro ao que é proposto pelo material produzido pela UNFPA e Promundo (2010) de que os homens deveriam ser convencidos que os programas também geram benefícios para eles, não apenas

com enfoque para beneficiar mulheres. Tais medidas podem gerar efeito positivo com maior participação e adesão masculina aos programas.

Os temas mais envolvidos a contracultura tendem a ser mais atrativos para jovens, enquanto política tende a gerar menor adesão. Aspectos voltados as questões LGBTQ+ e sexualidade podem gerar interesse também. São temas atuais, que tem sido amplamente discutido pelas novas gerações. Os estudos abordados na revisão de escopo apontam tendência semelhante, ao identificar resistência masculina abordar temas como sexismo e igualdade nas relações (Pick et al., 2010) e interesse por temas sobre sexualidade e gênero (Murta et al., 2012). Embora a classificação de um tema como político parece uma avaliação limitada do que é político, a questão parece estar relacionada à vivência e a aplicabilidade dos conteúdos, o quanto estes jovens se percebem implicados nos conteúdos abordados. Conteúdos com maior proximidade da vivência dos jovens se apresentam como mais interessantes para eles.

O nome namoro precisa ser avaliado com cuidado, as populações de jovens vêm adotando outros nomes e falar de namoro pode não corresponder a realidade deles, talvez falar em relacionamento, por ter caráter mais amplo e inclusivo as diferentes práticas.

Quanto aos convites, o funcionamento por indicação visando trazer maior vinculação e compromisso já na etapa de captação parece ser mais proveitoso do que convites mais impessoais divulgados livremente. O formato atual de funcionamento de influenciadores digitais aponta para a importância que o público jovem dá à pessoa de referência. Não abordaram aqui uma preferência por algum padrão de personalidade poderia ser associado à essa vinculação. Com os argumentos de Flood (2015) sobre os mediadores manifestarem identidades masculinas não hegemônicas, seria possível uma extrapolação para que as escolhas de pessoas de referência a serem associadas à divulgação deveriam também

manifestar padrões de masculinidade não-hegemônicos, com relações igualitárias e respeitadas com as mulheres envolvidas.

No que refere aos outros profissionais que fariam parte foram discutidos quais seriam aqueles mais próximos dessas populações. Os professores tiveram avaliações divergentes, com alguns integrantes discutindo se os professores não estariam distantes das populações de jovens, ou desconectados dessa população, enquanto outros integrantes defendem que a escola e o professor desempenham importante papel, acompanhando de perto as histórias e eventos que os jovens vivenciam. A escola também foi apontada como importante local de atuação, pois é na escola que ocorre o encontro das populações de jovens, dos pais e dos profissionais que atuam junto a esse público. Essa é a tendência adotada nos estudos da área, com 4 dos 5 estudos abordados na revisão apresentada aqui adotando a aplicação em unidades de ensino fundamental e médio e o quinto adotando a aplicação em ambiente de estudo universitário. A escola e universidade se apresentam então como ponto aglutinador de jovens, com grande potencial para implementação de programas de prevenção da violência no namoro. O papel do professor como figura de referência não foi avaliado em nenhum dos programas encontrados.

Santos (2016) aponta dificuldades na inserção da escola, como a comunidade que a escola se insere, o currículo escolar, aspectos socioeconômicos da instituição, capacitação dos professores etc. todos aspectos que deveriam ser avaliados previamente ao desenvolver o programa para verificar a viabilidade de incorporação do programa ao espaço escolar.

Outros profissionais com importante atuação com essas populações seriam psicólogos e psiquiatras, pela atuação nas áreas de saúde mental e acompanhamento mais próximo. Outros profissionais do ambiente educacional que trabalham também perto com jovens seriam orientadores educacionais, pedagogos. Órgãos institucionais que desenvolvem trabalhos com jovens podem ser foco de interesse, como delegacias especializadas, varas de infância e

adolescência, centros de apoio psicossocial à adolescentes, que embora lidem com populações específicas, não mais no universo da prevenção universal, seus profissionais possuem contato frequente com populações de interesse e possuem grande experiência em temas correlatos. Não foram encontrados nesta pesquisa descrição de programas de prevenção da violência no namoro que tenham sido planejados para essas possibilidades de implementação. A viabilidade de tais programas poderiam ser investigadas em pesquisas sobre avaliação de necessidades futuras.

Ao discutir o tema de engajamento masculino em programas de prevenção da violência no namoro foi levantado a questão de dar espaço a manifestação da vivência do jovem, deixando a entrevista mais livre de modo a comparecer a experiência e a subjetividade. Os integrantes apontam que estruturas fechadas e rígidas tenderiam a afastar esses participantes. Foi apontado também que poderia ser importante partir do que esses participantes conhecem sobre o tema prevenção e violência no namoro, para chegar a um ponto comum e a partir disso conduzir a entrevista, em especial no aspecto da masculinidade e adesão, pois pode não ser uma informação dominada por eles. Outro ponto discutido é o caráter colaborativo, que seria mais atrativo aos participantes mais jovens, a percepção que eles são parte do que está sendo feito e não apenas sujeitos, que eles possuem voz ativa. Para alcançar essa participação ativa se mostra necessário que os integrantes sejam colaboradores da construção de significados desde as etapas iniciais.

Tais observações são também corroboradas pela revisão de escopo, que aponta que conteúdo interativo se mostra mais interessante para jovens (Póo & Viscarra, 2011) e que programas com técnicas que permitam maior interação e participação ativa, integração com o contexto e vivência destes jovens foram avaliados como mais satisfatórios (Murta et al., 2012). A *American Psychology Association* - APA (2014) fornece orientações para o trabalho de psicólogos com o tema prevenção, abordando a relevância de que intervenções sejam



desenhadas para culturas específicas, valorizando aspectos grupais e contextuais, que permitiram maior aceitação e sustentabilidade.

Ao falar especificamente da adesão do homem jovem, tema relevante, visto que esse público é mais difícil de acessar, foi apontado que o homem demora mais a se vincular e a ser acessado, programas curtos podem ser mais desafiadores por esse aspecto de vinculação. Nesse ponto a entrevista traz uma vantagem, por ser individual não seria tão afetada pelo medo de exposição.

As entrevistas devem ocorrer então a partir da construção inicial de um conjunto de conteúdos comuns, dando espaço à manifestação e apresentação da experiência dos integrantes, visando que este seja um agente ativo no processo de construção conjunta dos significados. Métodos de narrativa podem ser caminhos válidos para o comparecimento da experiência e dos significados dados ao fenômeno, mas trazer outros métodos que permitam delinear o problema que estamos tratando é um caminho útil para manter os contornos do tema proposto.

O engajamento com jovens então demanda técnicas com maior espaço para participação ativa, interação entre os integrantes, temas atuais relacionados à sexualidade, gênero, relacionamentos, vinculados aos contextos e vivências destes participantes, se afastando de um modelo pedagógico tradicional que é desvinculado da experiência deste jovem. O engajamento de homens demandaria a percepção de que o programa é planejado para este público, visando ganhos possíveis a eles, não apenas a participação masculina para o benefício do público feminino. O espaço educacional, de ensino básico ou superior, ainda se mostra como espaço preferencial, por permitir acesso a esses jovens, embora a figura de destaque do professor seja motivo de discordância quanto ao seu papel de destaque e referência nesta relação.

## **Entrevistas**

Foram realizadas 10 entrevistas, sete com jovens, sendo 3 do gênero masculino e 4 do feminino, 3 com professores, uma mulher e dois homens, que desenvolveram seu trabalho com público jovem. Os resultados foram analisados comparativamente entre o grupo de jovens e o grupo de professores, nas diferentes categorias de análise definidas. A seguir são apresentados os resultados por categoria.

### **Conhecimento sobre violência no namoro e prevenção**

A primeira parte da entrevista abordou o nível de conhecimento dos participantes acerca do fenômeno da violência no namoro. Foi possível perceber que tanto o grupo de jovens quanto o de professores possuíam informações sobre violência no namoro, conseguindo identificar as diferentes manifestações dessa forma de violência – física, sexual, psicológica, verbal e patrimonial – da sua recorrência e sua relação com a aspectos de gênero e a violência contra a mulher. Não houve diferenças na compreensão da violência apresentada por homens ou mulheres.

Definem que “é estar sendo abusivo, não só física, mas também psicológica. Chantagens, abusos, violências físicas, emocionais” (J54) e que é “violência de gênero como outra qualquer... geralmente mais da parte dos homens do que de mulheres, mas não exclusivamente” (P24). Apresentam uma compreensão ampla da violência, indo além de comportamentos específicos, em que esta é “algo que machuca ou agride o companheiro/companheira” (J48), a noções gerais sobre violência “uma forma de desprezo pelo outro” (J83). Identificam diferenças quanto a questão de gênero, em que alguns apontam uma maior associação com a violência contra a mulher – “geralmente a violência mais voltada a mulher[...] mas em campanhas voltadas para a mulher” (J39) – e outros participantes ressaltam o aspecto bidirecional da violência no namoro – “companheiro/companheira” (J48),

Namorado/namorada” (J14). As definições apresentadas se aproximam da adotada neste trabalho, como sendo uma ação, seja física, psicológica, verbal, moral ou simbólica, que cause a morte, dano ou sofrimento ao outro dentro de um relacionamento amoroso (Nascimento & Cordeiro, 2011).

Abordaram a questão do consentimento dentro do relacionamento – “[...] a pessoa achar que só porque namora tem o direito de ter relação sexual com o/a namorado/a, mesmo sem o parceiro dar consentimento” (J14), indicativo de uma noção ampla de direitos sexuais e individuais e o envolvimento destes atos com a violência. Os direitos sexuais e reprodutivos são também abordados em programas de prevenção da violência no namoro (Murta et al., 2012) trazendo sua relevância no enfrentamento da violência.

Os participantes de ambos os grupos abordaram a questão da violência no namoro de forma teórica, não trazendo relatos de experiências pessoais com o fenômeno, a exceção da participante P04, que fez relatos de vivência com a violência – “eu nunca vivi a violência física, já vivi a violência psicológica” – e de testemunho de violência em sua prática profissional com jovens – “Eu pude perceber as ações de alguns rapazes e de algumas meninas, de estarem vivenciando violência nos relacionamentos”. Seu relato traz pontos relevantes sobre o fenômeno da violência no namoro, apontando o estigma – “eles têm muita vergonha de falar” – que dificulta a busca por ajuda, a forte associação da violência com o ciúme – “o namorado não deixar sair, de ter ciúmes” e com o evento do término do namoro – “o namorado queria invadir a escola, porque ela tinha terminado o relacionamento [...] trancamos ela em uma sala. Ele tentou arrebentar o portão para tentar entrar na escola”. Shorey, Cornelius e Bell (2008) abordam como padrões de apego inseguro se associam a ciúmes, insegurança e medo de abandono e tais fatores tem um papel importante na prática da violência no namoro.

Ao avaliar as fontes de informação sobre a violência no namoro listam fontes científicas – “artigos e cartilhas sobre o tema” (J83), “Na faculdade” (J39) – e de amplo acesso – “Apenas notícias” (J48), “televisão, séries, na internet e redes sociais”, demonstrando que o tema vem ganhando alguma disseminação para o público geral. Porém a maior parte lista não ter tido acesso direto a informações sobre violência no namoro – “Não. De namoro específico não. Em outras áreas sim, de violência contra a mulher, contra crianças, contra adolescentes, contra LGBT’s” (J54), “No namoro não, não especificamente no namoro” (J14). Tais dados indicam que embora o conhecimento amplo sobre a violência, suas manifestações e seus danos à sociedade estejam sendo disseminados, a violência no namoro especificamente ainda não tem sido discutida com a população.

A falta de acesso à conhecimentos sobre a violência no namoro é um indicativo da necessidade que os programas continuem a inserir componentes voltados à psicoeducação sobre a violência no namoro, como apontado nos estudos avaliados neste trabalho (Pick et al., 2010, Póo & Viscarra, 2011; Murta et al., 2012; Murta et al., 2016).

No tema da prevenção, apresentaram diferentes níveis de compreensão sobre a prevenção. A prevenção foi definida pelo que ela busca fazer – “tentar evitar algo” (J30), “Seria evitar” (J48), “Prevenção seria antes de acontecer” (J14), “Prevenir que algo aconteça. Evitar algo” (J39), “Impedir que um evento aconteça [...] diminuir a incidência desse evento” (P69), “são ações que devem evitar que aconteça algo” (P04). Outras falas apontam uma compreensão dos diferentes níveis de prevenção, como em “ocorre quando algo está instalado e você previne para que não ocorra mais” (J83), “que evitem condições crônicas” (J30), “para as que estão sofrendo consigam uma maneira de fugir” (J54) indicando uma visão de prevenção dividida em primária, secundária e terciária. Não ocorreram respostas que apontam para conceitos de prevenção focados em níveis de atuação universal, seletiva ou indicada, ou inclusão de fatores de risco na avaliação da atuação da prevenção.

Outros participantes já definiram a prevenção pela forma de implementação – “dar conselhos para as pessoas, fornecer ideias para que as pessoas possam evitar que tais coisas aconteçam no relacionamento delas” (J30), “seria a gente conseguir educar as pessoas, de como seria um namoro violento, mostrar o que é, para que não aconteça” (J54), “seria falar sobre isso [...] dar palestra em escola, falar sobre isso de alguma maneira” (J95), “dar informação antes que ocorra a violência, para que a pessoa tenha o conhecimento” (J14). Esse grupo de definições tem enfoque na estratégia de psicoeducação exclusivamente, compreendendo a prevenção como informar, fornecer conhecimento sobre o que é a violência no namoro, conscientizar. O grupo de professores apresentou compreensão mais avançada sobre a atuação da prevenção, com elementos de treinamento em habilidades – “capacitar as pessoas para lidarem com a situação” (P04), ou entendendo a prevenção com um conjunto amplo de ações, de aspecto intersetorial - “Claro que pode haver políticas públicas” (P24). Uma participante do grupo de jovens abordou a prevenção também pela perspectiva de desenvolvimento de habilidades - “ensinar o que teríamos que fazer para evitar esse tipo de violência” (J48), trazendo uma perspectiva de prevenção para a mudança comportamental.

O tema da promoção da saúde foi também abordado nas entrevistas, em que os participantes demonstraram capacidade de diferenciar de maneira adequada o que seria prevenir e promover saúde, definindo a promoção como um enfoque no bem-estar e na presença de indicadores positivos de saúde em concordância com as publicações na área (Nutbeam & Muscat, 2021). Definiram a promoção da saúde como “fortalecer o sujeito para que não ocorra” (J83), “implementar mudanças que visem melhorar a saúde das pessoas [...] Como na minha área, promover atividades e temas ao ar livre [...] Promoção de relações saudáveis” (J30), “Promoção é mais... não é querer evitar, é mais querer beneficiar. Não se preocupar com o mal-estar, mas com o bem-estar, não a ausência de bem-estar” (J39), “a ideia de promoção é aumentar a frequência com que uma coisa [desejada] acontece em um

determinado período” (P69). Pelas definições nota-se que compreendem que a promoção da saúde se associa à prevenção, ao possibilitar que melhora na saúde evite a ocorrência da violência no namoro – “são um meio de promover a saúde, uma forma de prevenção” (J14).

Compreendendo a prevenção e promoção como ações intersetoriais, que expandem os cuidados da saúde para além do campo, incluindo setores como educação, cultura, justiça etc., (Mercadante, 2002; OMS, 2022; Juvinyà-Canal & Casals-Alonso, 2022; Carta de Ottawa, 1986) os conhecimentos fragmentados sobre o campo da prevenção e promoção, suas práticas e potencialidades apontam para a necessidade de ações do Estado em forma de políticas públicas visando ampliar o conhecimento da população sobre o campo da prevenção e da promoção, bem como seus benefícios. Um conjunto de ações que levem ao conhecimento sobre a prevenção/promoção e valorização das práticas poderia ter impacto positivo sobre a adesão.

O último critério avaliado nessa categoria foi quanto a avaliação da crença nos programas de prevenção em gerar o efeito desejado. Todos os participantes entrevistados relataram acreditar que programas de prevenção da violência no namoro podem gerar efeitos positivos no enfrentamento da violência. Acreditam que ao gerar consciência da violência e dos seus danos teriam efeito de alertar as pessoas dos riscos de adentrarem em relações abusivas e de abandonar uma relação ao identificar sinais de violência. Estudos sobre os efeitos de programas de prevenção da violência do namoro apresentam sucesso em mudar conhecimento e atitudes acerca de relações violentas, corroborando as percepções dos participantes, porém não foram capazes de promover mudanças significativas sobre a vitimização, de modo que o enfoque em psicoeducação não parece alcançar todo o efeito pretendido, sendo necessários outras mecânicas que aderecem habilidades de resolução de conflito e empoderamento (Lee & Wong, 2022).

Apontam a naturalização da violência que impediria as pessoas de reconhecerem os seus danos – “Porque as vezes isso é trazido de uma forma tão comum, da forma como é criada, da forma que ela está acostumada que ela pode não ter noção de que aquilo é uma violência” (J48), ressaltando que a violência masculina é uma forma de dominação simbólica (Bourdieu, 2012). Outros pontos discutidos se referem à garantia de direitos e empoderamento – “Pessoas mais jovens que entram no relacionamento, que elas ainda não têm o conhecimento que não por estar namorando que o parceiro tenha direito sobre as escolhas dela, sobre o comportamento dela” (J14); a relação com outros programas de prevenção já amplamente reconhecidos– “Da mesma forma que é difícil falar de suicídio e houve uma época que não se falava, mas falar é uma forma de alerta, que isso existe, acontece muito” (P04); e que os programas não se destinam apenas as vítimas, mas também aos perpetradores – “pois mais informação pode conscientizar as pessoas a não estarem em um relacionamento abusivo e conscientizar mais até o próprio abusador” (J39).

O conhecimento sobre a violência e direitos é um destaque da fala dos participantes, indo de encontro à literatura da área (Lee & Wong, 2022) e aos estudos avaliados na revisão de escopo realizada neste estudo (Pick et al., 2010, Póo & Viscarra, 2011; Murta et al., 2012; Murta et al., 2016). Estudos de revisão apontam melhor efeito dos programas de prevenção da violência sobre a perpetração da violência do que sobre a vitimização (Lee & Wong, 2022), de modo que a estratégia de voltar os programas para os jovens que sofrem e também aos que praticam a violência parece ser uma estratégia de maior sucesso, do que focar unicamente naqueles que são vitimizados. Os cinco estudos analisados na revisão de escopo tiveram o enfoque tanto sobre a vitimização quanto na perpetração da violência no namoro. Pelas altas taxas de bidirecionalidade da violência do namoro (Beserra et al., 2015; Rojas-Solís & Romero-Méndez, 2022) a adoção deste foco parece ser mais condizente com a realidade do fenômeno.

Levantaram também questões a respeito de áreas de fragilidade no campo da prevenção, como a falta de legislação e de serviços públicos de apoio – “Criar alguma lei que protegesse, não sei se já existe. Por exemplo, se eu sofro alguma violência no namoro, não sei se encaixa a lei Maria da Penha. Não adianta eu estar em sofrimento e não ter alguém que ajude” (J95) ou “Não vejo como um hospital superequipado poderia ajudar a prevenir a violência” e que “é uma competência comum dos estados e municípios [políticas de prevenção em saúde]. Tem verba destinada a isso por mandamento institucional” (P24). As políticas de prevenção então são associadas a ações amplas, intersetoriais, envolvendo poder legislativo, judiciário, políticas públicas de ação comunitária, de amplo alcance na população, que expandam a lógica tradicional de saúde hospitalar (Buss, 2000; Lefevre & Lefevre, 2004).

O PNAISH (Ministério da saúde, 2021) descreve ações no campo da saúde dos homens direcionadas à criação de um espaço de acolhimento nos serviços de saúde e pelo enfoque em prevenção e promoção da saúde, indicando que as ações do Estado possuem indícios de direcionamento de políticas públicas em saúde voltados para prevenção e promoção com homens.

Um dos participantes do grupo de jovens trouxe questão importante não abordada pelos demais participantes, relativa ao foco dos programas de prevenção, que deveriam ser pensados para contextos específicos e em especial contextos que já possuam marcadores de risco e maior vulnerabilidade social – “Então pensar em contextos marginalizados e excluídos, para dar espaços de cura, de potencialização. Pensar prevenção no namoro em locais e contextos vulnerabilizados” (J83). O apontamento do participante tem grande relevância frente ao tema das masculinidades, pois como defendido por Kimmel (2022) estas seriam manifestações de um dado espaço e tempo, com características situacionais e culturais; programas de prevenção/promoção voltados ou pensados para homens precisariam discutir a masculinidade a partir da vivência destes homens, sendo contextual e culturalmente



específicos. Tal argumento também está de acordo com as orientações da APA (2014) para programas de prevenção.

A primeira categoria a respeito dos conhecimentos sobre violência no namoro e prevenção da violência no namoro indica que os participantes possuem diversos conhecimentos sobre os fenômenos estudados, conseguindo entender o que é violência no namoro, suas principais características, sobre o funcionamento básico de um programa de prevenção da violência no namoro e sobre a promoção da saúde como uma possibilidade de combater a violência no namoro, acreditando ainda que a prevenção e promoção em saúde podem ser estratégias efetivas no combate à violência no namoro. Não foram identificadas diferenças nas compreensões e atitudes de homens e mulheres sobre os temas, com similaridades entre os grupos ao abordarem as questões levantadas.

No entanto, o conhecimento é fragmentário, demonstrando lacunas na compreensão do fenômeno e das possibilidades de enfrentamento. Tais características indicam a necessidade de que programas continuem a adereçar temas informativos e educativos sobre a violência no namoro e sobre a prevenção da violência e que ainda insiram componentes voltados para o treino de habilidades sociais, possuindo objetivos de mudança de conhecimento e comportamento em sua estrutura, bem como a necessidade de políticas públicas amplas sobre o conhecimento e valorização de políticas de prevenção e promoção da saúde.

#### As masculinidades

A segunda categoria analisada versou sobre o conhecimento e atitudes dos participantes frente as masculinidades.

Primeiro aspecto abordado foi a compreensão sobre o fenômeno como uma construção social. Foram frequentes falas dos entrevistados que revelam a compreensão das masculinidades como algo que é construído e não como algo essencial ao homem. Falas como “Eu acho que existe uma visão social sobre o que é ser masculino e sobre o que é ser

feminino[...] A sociedade no geral, filmes, novelas, livros, tudo vai trazendo uma visão que o ser masculino é[...] Acho que traz essa construção do ser homem” (J14) indicam uma compreensão da masculinidade construída pelos produtos culturais da sociedade; e ainda que “sempre que eu ouço masculinidade eu penso em um estereótipo” (J54) e “Então ser homem não é ter masculinidade. É uma performance” e que “a masculinidade não é estática” (J83), que a masculinidade é não apenas o que se pensa e sente, mas tanto aquilo que os homens fazem como a forma como eles são avaliados pelos outros, da construção da relação entre homens e mulheres, mas também da relação com a sociedade, instituições e produtos culturais (Kimmel, 2011, 2022; Connell, 1995).

Outros participantes compreendem que “é um termo socialmente construído, que carrega diversos fatores [...] Acho que isso que é passado como masculinidade até mim. Mas acredito que seja algo que possa ser construído individualmente e coletivamente.” (J39), indicando uma tensão entre o indivíduo e o coletivo na construção da masculinidade, tensão entre escolher ser e ser coagido a ser, em uma construção multideterminada (Kimmel, 2022).

No grupo dos professores avaliaram que “é algo socialmente construído. Não apenas comportamento sexual, mas a roupa que veste, as coisas que fala, as coisas que gosta de construir. É um pacote” (P24) e “Masculinidade eu entendo como o conjunto de práticas sociais, em que vamos incluir cultura, valores, comportamentos entre grupos, associada a ideia de homem” (P69), indicando compreender que as masculinidades abarcam diversos aspectos da identidade e das práticas de homens, que implicam no comportamento e nos valores destes homens. Não apontaram atributos positivos ou negativos da masculinidade, apenas uma definição ampla desta.

No grupo de jovens surgiram falas sobre atributos positivos e negativos da masculinidade, indicando que esta contempla contradições inerentes ao fenômeno. Algumas falas indicam a compreensão que as masculinidades são diversas, “cada homem tem sua

masculinidade. Se hétero, se gay [...] eu acho que varia de homem para homem” (J95), “que cada um possa ter sua concepção de masculinidade e que não é algo único” (J39), ressaltando a relevância da diferença para a compreensão da masculinidade, que homens são diversos em suas vivências e performances da masculinidade (Kimmel, 2022). Porém foram mais frequentes as falas que enquadram a masculinidade como uma determinação. Esses participantes entendem que a masculinidade “sempre tenta sobrepujar o feminino” (J83), que “é a necessidade que o homem tem de ser másculo” (J48), como um atributo do homem, “Mas acho que masculinidade a meu ver, é o homem hétero, o cara saber o que é, sem precisar provar” (J54), “A masculinidade do homem, é definida, ou pré-definida, pela aparência e pelas atitudes” (J95). Nesse sentido a masculinidade seria tanto um atributo masculino como algo que o determina, indicando uma compreensão dual sobre a masculinidade, inerente ao homem, portanto ontológica, mas externa a ele, agindo sobre o ser. Kimmel (2022) defende que as identidades de gênero possuem essa dualidade, pois são tanto voluntárias, ao selecionarmos ativamente elementos de identificação dentro de uma ampla gama de opções, como coagida sobre os indivíduos, pressionados e forçados social, psicológica e algumas vezes até fisicamente a se submeterem às normas.

Foram atribuídos um conjunto de elementos negativos às falas sobre masculinidades, como “a masculinidade é marcada pelo sobrepujar o outro” (J83) e “a masculinidade pode ser um homem dominante, no sentido de gostar de tomar decisões ou já chegar com as decisões” (J95), “o homem mais masculino é que manda em tudo, o mandante” (J14), que aborda a diferença de poder que perpassa as relações de gênero. Nessas falas a questão do poder comparece pelo efeito da dominação, sendo a masculinidade definida por essa busca por poder em relações de dominação, dominação que exacerba as diferenças percebidas entre homens e entre homens e mulheres (Kimmel, 2022).

O machismo, como um conjunto de atributos associados ao ser macho foram abordados em diferentes falas, “um cara machão, forte, bruto, que quer mostrar que é o machão o tempo todo. Que quer falar alto, ser machão, bruto” (J54), “é que ser homem é ser bruto, é chegar a barbárie. E muita gente acredita que ser masculino é ser bruto, é ser grosso” (J14), “não ser bichinha (sic), ser viril, ser forte, ser provedor” (J83), “essa visão sobre o ser masculino é ser mais bruto, mais grosso, mais dominador [...] muita gente acredita que ser masculino é ser bruto, é ser grosso” (J14). O machismo pode ser definido como sistema de opressão que dá poder aos homens sobre as mulheres em esferas públicas e privadas, impondo o homem desde sua infância a ideia de força, superioridade e dominação (Souza & Duque, 2022). Os elementos do machismo aqui foram associados a aspectos de força, dominação, virilidade, uma postura bronca e bruta e a negação da feminilidade, delicadeza e da homossexualidade. Guttman (2013) aponta que o machismo tem fortes associações com movimentos nacionalistas na América Latina e Caribe, a partir da criação de um elemento de identificação masculina como herói nacional, forte, viril, agressivo, defensor da pátria e da família, elementos que podem ser identificados nas falas acima.

As definições apresentadas alcançam um elemento central na compreensão das masculinidades e de relações de gênero, seja ele a diferença de poder, tema central na compreensão das relações de gênero (Kimmel, 2022) e na manifestação de fenômenos como a *masculine gender role stress* (Smith et al., 2015) ou *discrepancy stress* (Reidy et al., 2014; Reidy et al., 2015), pela qual a manifestação da violência masculina ocorreria em busca de obter, defender ou reafirmar uma posição de dominância, controle e hegemonia.

Outros participantes trouxeram associações aparentemente positivas à masculinidade. Para esses participantes a masculinidade “seria zelar pelo lar, fornecer sustento ao lar, essas questões de cuidado dentro do casamento” (J30), “Ele precisa ser protetor, precisa ser forte” (J48), “acho que é sobre caráter, a pessoa ser correta com ela mesma, com os outros, com suas

ações, não querer passar a perna nas outras pessoas, ser confiante nela mesma” (J54), “pessoa máscula, corajosa, que sustenta a casa, que proteja as pessoas, que tenta ser o melhor” (J39). Tais definições coadunam com uma perspectiva machista, em que o homem forte é provedor da família e defensor das mulheres (Guttman, 2013).

A participante P04 trouxe uma associação da masculinidade com fragilidade emocional, um aspecto destoante da percepção geral da masculinidade. Segundo ela “ele [filho] é mais frágil que ela, no sentido de lidar com relacionamento [...] quando ele foi rejeitado, ele ficou depressivo, foi ao psicólogo [...] eu percebo que os meninos, os homens, eles não lidam bem com a rejeição. E a forma de lidar com essa rejeição é com a agressividade. As mulheres choram, conversam. Já os homens, ao não conseguir lidar com essa rejeição, eles colocam para fora esse sentimento de forma agressiva.” Essa fala é interessante por abordar a relação entre dificuldade de manejo das emoções, de expressão sadia de afetos e de rede de suporte social e a violência masculina, temas comuns abordados em programas de prevenção da violência no namoro por meio de treino de habilidades sociais (Póo & Viscara, 2011; Murta et al., 2012; Murta et al., 2013; Murta et al., 2016). A participante aponta que uma forma saudável de lidar com emoções negativas seria a expressão destas, pelo choro ou pela conversa e que a repressão destas emoções poderia levar a violência.

Ao avaliar atributos positivos ou negativos da masculinidade não compareceram diferenças entre os entrevistados homens ou mulheres, com ambos conseguindo identificar aspectos positivos ou negativos.

Ao explorar a relação de masculinidades e violência os participantes adotam duas compreensões, de que existe uma associação da masculinidade com a violência e a segunda de que essa associação não existe de fato, sendo um estereótipo dos homens.

Dois participantes homens defendem que não ocorre uma relação direta da violência com a masculinidade, um do grupo de jovens e outro professor. O participante J54 vai dizer que “tem homem que é muito escroto (sic) e tem mulher que também é... acho que a sociedade vê o homem como o ‘escrotão’ (sic)... e então tem homem ou mulher que vão estar em relacionamento abusivo” (J54). Enquanto o participante P69 argumenta que “Meu primeiro instinto é dizer que não impacta. Afinal ser homem não te torna mais ou menos violento por ser homem. Agora existe na cultura a ideia de que homens são mais violentos ou mais predispostos à violência” (P69). Embora os estudos sobre incidência da violência no namoro apontem para taxa elevada de bidirecionalidade da violência (Beserra et al., 2015; Rojas-Solís & Romero-Méndez, 2022), existem evidências que indicam que a violência no namoro tem características de gênero, com maior perpetração de violência sexual por homens e de violência verbal e psicológica por mulheres, com consequências que tendem a ser piores para as mulheres (Banyard & Cross, 2008; Diniz & Alves, 2010, Lessinger Borges et al., 2020).

Apesar de não acreditar em uma associação intrínseca entre ser homem e violência, o participante P69 compreende que a cultura trata de forma diferencial homens e mulheres no que tange a prática da violência. Segundo ele “dependendo então de como foi a sua criação e o seu meio, existe, não diria uma liberdade, mas um impulso para o uso da violência. Se você for uma mocinha e usar a violência existe a chance maior de sofrer uma represália pelo comportamento do que se você for homem” (P69). Então o participante não acredita que ser homem (em sentido ontológico) torne alguém mais violento, mas que se tornar homem (a masculinidade) pode sim levar alguém a maior permissividade no uso da violência. Uma distinção que está no centro do argumento das teorias de masculinidades que defendem que está é uma construção social (Connel, 1995; Kimmel, 2011, 2022).

No outro ponto, temos os participantes que argumentam pela relação entre a masculinidade e a violência. Os argumentos apresentados avaliam diferentes questões.

- a. a relação das masculinidades com a misoginia – “ser homem no relacionamento heterossexual implica dominação, misoginia, envolve subjugar tudo o que é feminino, impacta ser amigo de outros homens. Envolve subjugar o feminino dentro de casa, implica o acesso à educação. Essa associação entre patriarcado e dominação” (J83) – argumentos que se associam ao apontado por Kimmel (2022) como indicativos de sociedades violentas;
- b. da associação das masculinidades com atributos como força – “muitos podem ter uma visão distorcida sobre o ser homem, como a questão ser forte, pode levar a querer impor sua vontade através do uso da força... pelo que eu vejo nas notícias dos casos de violência contra a mulher eu tenho essa impressão (de que homens estão mais predispostos ao uso da violência)” (J30) – atributos associados à noção do homem viril do machismo (Souza & Duque, 2022);
- c. da desigualdade de poder e dominação – “na sociedade o homem é visto como o alfa, o superior. Então é como ele vê o poder. Então ele achar que por esse poder ele acha que pode agredir a namorada, pode xingar, ofender a namorada” (95), “não deixar ser mandado pela mulher, ele que tem que mandar na casa, ele tem que mandar no relacionamento, por onde eles vão seguir” (J39) – indicativos de *masculinity gender role stress* (Smith et al., 2015);
- d. da criação e do impacto da cultura – “tem também um componente social, de vermos desde crianças os homens brigando com ‘lutinha’ e os pais incentivando. E acho que isso de alguma forma pode reproduzir nos relacionamentos” (J39), “eu vejo uma relação muito grande com a infância. O homem se torna, depois do seu desenvolvimento como criança, aquilo que ele vivenciou [...] na escola, os

meninos só brincam com brincadeiras agressivas. Quando jogam algo, temos essas reclamações dos pais, aí quando vamos falar desses jogos, são sobre violência” (P04) – fatores apontados no PNAISH como associados à maior vulnerabilidade masculina à violência (Ministério da saúde, 2008, 2021), “vivemos em uma sociedade machista. O ocidente, o mundo inteiro na verdade. Então a posse, o ciúme, a questão de honra, são todos traços mais ligados a masculinidade do que com a feminilidade” (P24) – a construção do machismo como fator cultural de socialização de homens latinos (Souza & Duque, 2022).

O participante J83 levanta as diferenças existentes entre uma masculinidade heterossexual e a homossexual, que levaria a diferentes formas de violência. Para ele “Ser homem impacta de modo diferente o relacionamento hétero e homossexual... Existem masculinidades hegemônicas e subalternas... quanto a questão homossexual isso tem um peso diferente, não deixa de ser homem, porque está construído nessa cultura [...] então aqueles homens tidos como femininos são duramente penalizados [...] e isso limita o que cada um pode gozar, dos direitos e das liberdades” (J83). Por essas falas pode-se retomar o tema das masculinidades não-hegemônicas, que são excluídas e marginalizadas, podendo resultar em *Masculine Gender Role Stress*, que ocasionaria sofrimento, estresse, inadequação, reafirmação de atributos masculinos tradicionais (como aparência física ou comportamento dominante) (Smith et al., 2015).

Compreender a relação das masculinidades hegemônicas com as masculinidades marginalizadas pode trazer importantes elementos de análise para as relações violentas. Muitos participantes abordam em suas falas como a violência pode surgir da necessidade dos homens de performar masculinidade hegemônica (de ser visto como forte, dominador, macho, masculino).



Outro tema que as masculinidades atravessam é o da prevenção. Foi questionado junto aos participantes como eles avaliam o engajamento masculino em programas e práticas de prevenção. Ressaltaram vantagens para a participação dos homens nesses programas, mas percebem também que aspectos das masculinidades podem afastar os homens dessas práticas.

O participante J30 diz que “tenho a impressão de que os homens não levam a sério essa questão de prevenção [...] os homens têm uma tendência a evitar essas práticas” (J30). A participante J48 concorda que “se vem mais na defensiva em participar desses programas, seja na promoção de saúde, seja em relacionamentos, tem uma defesa muito grande em eles participarem” (J48). Outras falas trazem essa percepção de que a construção dessa identidade masculina hegemônica afasta os homens de uma posição de cuidado com a saúde. Segundo eles “homens pela cultura querem demonstrar mais controle [...] as pessoas vão comentar que ele está e homens não querem demonstrar fragilidade” (J54). O tema do controle, da masculinidade pautada na diferença de poder entre os sexos é abordado por Kimmel (2022) como aspecto central para compreender as relações de gênero. Aqui a masculinidades perpassam os cuidados em saúde, implicando em menor adesão de homens à programas de prevenção/promoção.

A participante J95 traz uma fala comparativa das práticas masculinas e femininas para ilustrar essa questão: “Em relação ao exame de próstata por exemplo. Se um homem faz por exemplo, acho que com 40 anos, ele vira para um de 20 e fala – daqui a pouco é você, ao que ele responde – eu não, tô fora. Como assim ‘tá fora’? É um exame! As mulheres fazem o exame de mama e é quase um orgulho, tá se cuidando, tá prevenindo [...] até a questão do preservativo, se um homem vai à casa de uma mulher e ela tem preservativo, ele vai comentar que muita gente vai ali. Isso não tem nada a ver, é uma prevenção” (J95). Essa fala além de trazer o impacto dos pares sobre os comportamentos masculinos, no que tange a aceitação de práticas ou a rejeição destas por serem consideradas não-masculinas, traz à tona a diferença

entre homens e mulheres a respeito do valor da prevenção em saúde, em que mulheres incorporam um conjunto de práticas preventivas as quais os homens resistem.

A forma como homens e mulheres se envolvem em cuidados em saúde é abordada por outros participantes. A participante J14 diz que “Acho que menos provável (homens participarem de programas de prevenção). Eu acho que porque as mulheres costumam ter mais interesse em tudo, sendo generalista nessa questão de saúde. Eu vejo poucos homens indo em postos de saúde, em hospitais, prevenir qualquer coisa na saúde corporal [...] então baseado nisso eu acredito que homens seriam menos interessados em cuidar da saúde e da prevenção” (J14). O participante P69 traz fala em concordância com essa percepção “A gente sabe que a expectativa de vida do homem é menor, porque os homens se cuidam menos. E sabemos disso há muito tempo. As taxas de suicídio, por exemplo, são maiores em homens. Então homens participam menos de programas de prevenção e se cuidam menos [...] a formação da masculinidade precisa perder essas características para que homens participem mais de programas de prevenção” (P69).

As falas nestas questões apontam que os participantes percebem diversos empecilhos à participação dos homens em programas de prevenção, seja pelos atributos da masculinidade como força e poder, que os afastam de posições de cuidado, ou pelos hábitos e práticas estabelecidos na sociedade, em que mulheres se engajam em comportamentos associados aos cuidados em saúde, enquanto homens não tem essas práticas como rotineiras em sua criação. Nesse quesito o participante P24 levanta que a mudança nas práticas masculinas envolveria mudanças amplas na sociedade, pois segundo ele “à medida que as mulheres forem conquistando mais espaços, estando presentes, sendo capazes de se autoafirmar, essa mudança vai se estabelecer mais” (P24). Esse argumento reflete as teorias sobre masculinidade, associando que mudanças na sociedade que trouxessem maior igualdade entre os gêneros

trariam benefícios, não apenas às mulheres, mas também aos homens (Kimmel, 2022, UNFPA & Promundo, 2010).

Os programas de prevenção/promoção analisados na seção de revisão não trazem dados que permitam entender se existe ou não resistência de homens em participar de programas de prevenção da violência no namoro, os estudos de Pick et al. (2010) e de Póo e Viscarra (2011) não apresentaram dados sobre característica da amostra para a análise da porcentagem de homens nos estudos. No estudo de Murta et al. (2012) foram em torno de 56% de mulheres e no estudo Murta et al. (2013) foram 52% de homens, diferença pequena entre os gêneros. Já no estudo de Murta et al. (2016) foram 72,4% de participantes mulheres, uma proporção de cerca de 3 mulheres para cada homem, que seria indicativo de menor participação de homens no programa, porém outros dados sobre recrutamento e procedimentos precisariam ser aprofundados para identificar qual componente poderia ter interferido.

No estudo piloto do programa de prevenção da violência no namoro de Santos (2016) número menor de participantes homens (13 mulheres e 5 homens em um grupo e 5 mulheres e 2 homens no outro grupo) se seguiu ainda à menor participação dos homens ao longo das sessões, com abstenção elevada. No entanto, na implementação do programa não apresenta grande diferença entre os gêneros (55,6% mulheres e 44,4% de homens na condição experimental e 50% de cada gênero na condição controle), não descrevendo a porcentagem de cada sexo nos participantes excluídos por não completarem todas as etapas da avaliação ou mesmo da frequência dos participantes durante a intervenção. A autora indica que os programas insiram componentes para adereçar as questões de maior resistência masculina.

Com essas lacunas a análise da adesão masculina aos programas de prevenção/promoção fica limitada, faltando então estudos que aderecem essa questão, no

entanto existem indicativos de que alguns estudos enfrentam dificuldade de inclusão de homens nos grupos e também de sua adesão ao longo do programa.

### Programas de prevenção da violência e o engajamento masculino

A terceira categoria trata quais percepções do conteúdo, estrutura e componentes de um programa de prevenção da violência no namoro ou promoção de relacionamentos saudáveis poderiam ser incluídos para propiciar maior engajamento de homens.

Ao abordar o tema os participantes ressaltam que o tema de prevenção da violência no namoro pode enfrentar resistência na participação de homens. Eles acreditam que “em um tema muito exposto na mídia, esse comportamento abusivo, então eles ficariam na ‘retranca’ (sic), receosos de se envolver nisso, por vergonha ou por não ser bem-visto pelos pais” (J30), ou que “alguns vão participar porque pode ter sido o juiz que mandou, mas não que seja algo que atraia a atenção deles no geral” (P24). O tema da vergonha é abordado por Santos (2016) ao relatar menor engajamento masculino em um estudo piloto sobre prevenção da violência no namoro com abordagem do espectador, sinalizando a necessidade de planejar medidas para controlar a resistência de homens ao programa.

A compreensão do interesse diferencial entre homens e mulheres comparece também no tema da violência no namoro – “não com tanta força, como programas voltados para mulheres, mas ainda participariam” (J39). Existe a percepção de que tratar o tema do relacionamento é algo que não gera interesse com o público masculino. Ou pelo menos o público masculino de forma geral.

Os participantes dão destaque a compreensão que os projetos devem ser feitos para públicos específicos. A idade seria um fator importante na organização do público-alvo – “Ao menos os homens mais velhos, mais velhos em uma faixa de 37 acima, eu imagino que teriam resistência, talvez achariam ‘para que isso?’” (J95), então os programas deveriam ser

pensados para faixas etárias específicas, “É possível, com uma didática voltada para a faixa etária, vai trabalhar isso para um jovem? Para um adulto? A metodologia tem que ser adaptada, cada um tem uma forma de receber informação. Então para o jovem, mesmo sendo um assunto sério, tem que ter um divertimento.” (P04).

Essa compreensão aponta para a necessidade de que projetos de prevenção da violência/promoção de relacionamentos saudáveis sejam desenhados para populações específicas, realizando avaliações de necessidades para compreender as demandas desses públicos. Avaliar o contexto da intervenção, com características da população e da comunidade se mostra uma etapa importante para conseguir definir adequadamente os objetivos e resultados esperados (Kok et al., 2017). “A questão é quantos, onde, que idade? Acredito que homens mais jovens tenderiam a participar mais, enquanto outros homens mais velhos, de localidades rurais teriam maior resistência” (P69), “Então não posso saber isso sem saber deles. Não conseguiria saber sem falar com eles, sem saber deles, sem perguntar a eles. Então tem que ver a parte deles. Ver a experiência dessas pessoas, que integram sentido deles. Tem que ter a ver com aqueles sujeitos, com aquela cultura, com aquela região” (J83). Esse argumento vai de acordo com a literatura que defende que os projetos sejam confeccionados para grupos e culturas específicas, visando aumentar sua sustentabilidade e participação. Retomando as orientações da APA (2014) para a prática de prevenção em psicologia temos que as intervenções sejam relevantes culturalmente para os contextos específicos em que vão ser implementadas e que atendam aos elementos contextuais e as desigualdades sociais.

Se existe a resistência masculina ao tema de prevenção da violência no namoro, os participantes acreditam que os programas devem desenvolver estratégias para motivar essa participação. Então a participação de homens “teria que ser algo interessante e incentivado, eles não procurariam isso. Teria que ser gerado o interesse, incentivado pelas companheiras”

(J48), “acho que se tiver algum tipo de incentivo eles poderiam sim se engajar. Não existem muitos outros programas sociais, você não vê muitas frentes de homens” (J39).

Ao discutir temas relevantes e estratégias para aumentar a participação de homens nesses projetos, forneceram sugestões de temas, formatos e dinâmicas. A informação sobre a violência no namoro e os impactos desta foram abordados – “o que pode motivar tem que vir de quem está do outro lado do relacionamento. Se esse jovem não estiver em um relacionamento seria o saber, ter o conhecimento, que existem diversos tipos de violência” (J48); a possibilidade de o homem também sofrer violência no namoro – “acho que deveria sim mostrar para o homem que isso é tanto para homem, quanto para a mulher, que ambos podem sofrer os abusos, que são ambas as pessoas que isso pode acontecer [...] que isso acontece com os dois gêneros” (J54); da prevenção como uma prática do homem – “Eu acho que trazer para ele que homens também podem se prevenir, trazer a necessidade do homem se prevenir” (J95); adereçar fatores de risco – “eu acho que ter tido contato com algum relacionamento assim. Poderia ser eles já terem estado ou terem visto em amigos e parentes. Então ter tudo algum tipo de contato” (J14); influência dos pares – “acho que ver outros homens falando sobre isso” (J39).

Os participantes do grupo de professores apontaram limitações de algumas estratégias. A participante P04 demonstra dúvidas em motivar homens a participar pela exposição ao risco, pois para ela a violência muitas vezes não é entendida como tal – “para alguém identificar isso precisaria ter um discernimento muito grande, acho que isso não é o que acontece. Aqueles que agredem não tem geralmente esse discernimento [...] para trazer esse homem a entender e participar, teria que ter algo por trás e ele vir para saber algo, sem ser para vir procurar ajuda. Primeiro seria um trabalho de conscientização, que é um erro” (P04). Este argumento pode sinalizar uma das dificuldades de engajar esse público, devido ao fato de homens não se sentirem implicados no tema, não acreditarem que praticam violência, ou

mesmo que sofrem violência, levando a necessidade de divulgar informações sobre o que é a violência no namoro e como ela ocorre.

O participante P24 defende que grupos para jovens devem dar espaço a participação horizontal – “se for uma coisa que seja interessante de assistir, que tenham um espaço de debate, que não seja algo vertical, só um palestrante que vá falar como ele deve agir”, alertando ainda que temas associados à violência e gênero podem gerar discordâncias na sociedade – “A própria Lei Maria da Penha, que ela levou vários tiros, teve que levar a corte interamericana, porque faltava consenso” (P24).

Os trabalhos analisados na revisão de escopo trazem a relevância de estratégias horizontais, com maior espaço para participação ativa e manifestação dos participantes, com grupos menores que facilitem essa interação (Póo & Viscarra, 2011; Murta et al., 2012). No grupo de planejamento também foi sugerido que espaços com maior possibilidade de interação e participação ativa tendem a ser mais atrativos aos jovens, que se veem mais valorizados.

Além de propostas para aumentar o engajamento, os participantes apontam aspectos que poderiam prejudicar o engajamento destes homens em programas de prevenção da violência/promoção de relacionamentos saudáveis.

Adotar uma conduta de culpabilização dos homens foi apontado como aspecto a ser evitado por gerar descontentamento com os participantes homens, diminuindo a participação destes – “uma perspectiva punitiva, ela seria muito ruim, muito negativa [...] ninguém quer ser julgado, ninguém quer ser apontado que fez errado. Não teria adesão [...] aí podemos tratar como algo humano, não bestializar aquele ato” (J83), “Ninguém gosta de se ver como vilão” (P69). Para eles os programas deveriam acolher esses participantes, para assim promover maior participação – “Essas pessoas estão adoecidas. A masculinidade adoce as pessoas [...] uma perspectiva acolhedora, ouvindo, responsabilizando. Um processo de conscientização”

(J83), “Então adereçar esses problemas como uma forma de ser mais saudável, de ter uma vida melhor, de ser uma força positiva para si e para os outros” (P69).

Programas que culpabilizam os homens podem ser vistos como pouco atrativos, pois poderiam levar esses homens a se sentirem alienados por praticarem algo que a sociedade cobra deles como homens, resultando em resistência ao tema (UNFPA & Promundo, 2010). Kimmel (2022) também alerta que homens no geral não se percebem usufruindo da posição de dominação em relações cotidianas, pois a maior parte dos homens se encontram oprimidos dentro de relações de gênero com outras masculinidades hegemônicas, se sentem sem poder para conduzir suas vidas. Ressaltar a possibilidade de ganho para a melhora da qualidade de vida desses homens pode oferecer mais oportunidade para aumentar a participação.

A exposição frente aos pares e à sociedade também foi levantada – “Também a vergonha dos pais, a vergonha dos outros homens, de dizer que está participando de algo assim” (J30), “Eu acho que em relação aos amigos, ele comenta que está tentando ser melhor no relacionamento e quando é comentado os amigos levam em um lado crítico” (J48), “Eu imagino que seja o receio do julgamento” (P04). A questão da vergonha e da exposição frente aos pares foi abordada em outros tópicos acima, ressaltando a importância do tema para o desenvolvimento de programas que visem maior participação masculina (Santos, 2016). Os pares pela relevância envolvem um conjunto de perguntas específicas que é analisada posteriormente.

Outros empecilhos apontados abordaram a negação da violência – “que a violência no relacionamento não existe, que se não existe violência física então não existe, que homem não participa desse tipo de coisa, que é frescura” (J14); focar programas apenas pelos benefícios às mulheres – “acho que definir por gênero, trazer essa prevenção de alguma forma para a mulher, colocar como sendo benéfico apenas para a mulher [...] Pode ser que seja um programa para ele ajudar a mulher a se prevenir disso, mas para chamar a atenção, para ele



participar, deveria demonstrar uma igualdade, para ele se interessar” (J95); a dissonância gerada entre valores culturais e os conteúdos dos programas – “tem toda uma tradição cultural de como você deve se portar. Na mídia, na cultura toda te dizendo como você deve agir, que homem não chora e de repente vem alguém e diz para você agir contra isso” (P24).

A influência dos pares masculinos, devido a sua relevância e frequência nas falas, foi abordada em face da sua influência no comportamento masculino. Os participantes acreditam que a percepção do grupo de homens de referência tem grande impacto no participar ou não de programas de prevenção da violência/promoção de relacionamentos saudáveis – “A opinião das pessoas mais próximas tende a impactar bastante na decisão de participar de certas habilidades, levando a optar por fazer ou não” (J30) e “Um grupo com pouco apoio a essas ideias ele tenderia a não participar” (J95).

O uso dos pares surge aqui como uma possibilidade de promover esse interesse, ao utilizar homens de destaque para divulgar o programa e incentivar outras a participarem também – “Acho que a primeira coisa é um homem participar. Um homem puxaria o outro. O homem falar de abusos em relacionamentos” (J54). Esse argumento ressalta a construção masculina que se volta para a influência de homens sobre outros homens (UNFPA & Promundo, 2010). A influência da socialização entre homens aponta que pares com maior aceitação da violência, do assédio sexual, de práticas coercitivas e de crenças sexistas tendem a resultar em aumento de prática de violência de gênero (Flood & Pease, 2009).

Santos (2016) aponta que adolescentes buscam nas redes de amigos próximos exemplos que os guiam no desenvolvimento de relações, se baseando na qualidade das relações existentes modelos para a construção de relações futuras. Os pares também funcionariam como suporte prático, oferecendo conselhos sobre problemas, feedbacks sobre escolhas, apoio durante conflito e a incentivo de dissolução de relações não-saudáveis (p. 71). O uso de abordagens estruturadas em influências dos pares se mostra promissora no campo da

prevenção da violência no namoro e pode ser um recurso importante para motivar homens a participarem desses projetos.

O participante P24 acredita que a influência dos pares tende a ser um empecilho – “como está todo mundo imerso nessa cultura machista é bem difícil uma pessoa encontrar apoio para esse tipo de situação. Ela vai tender a ser ridicularizada, do que ser apoiada” (P24). Fala que é corroborada pela participante J39 que diz que “Acho que seria um impacto no ego deles, tipo, do comportamento deles, poderiam ver no próprio comportamento deles, esses homens estarem falando deles, entraria naquela masculinidade frágil” (J39).

Enquanto o participante P69 avalia possibilidades diferentes da influência dos pares se relacionar com os programas – “Depende muito do programa. Eu vejo dois cenários bem distintos nas quais as pessoas falam super bem, gostam da participação e acham bacana. E outro no qual as pessoas consideram uma fraqueza, uma vulnerabilidade participar. Então depende do currículo do programa” (P69).

Os demais participantes avaliam que a influência dos pares não seria a priori positiva ou negativa, dependendo então da relação com esses pares – “um grupo teria uma coerência de se apoiar. Mas aqueles que estão fora podem ter perspectivas muito negativas” (J83); de características internas desse grupo – “se for um grupo mais moderno eles podem incentivar, apoiar. Se não for, eles podem atrapalhar, podem dizer que é desnecessário” (J48), “Eu imagino que um homem que queira participar de um programa assim, eu imagino que ele tenha um ciclo social de amigos que tenham uma mente mais tranquila em relação a isso, ouvir sem preconceitos, ouvir e se identificar, ouvir e apoiar” (J95); da faixa etária dos participantes – “Se for adolescente vai ser uma zoeira. Vão pegar isso para fazer piadas [...] quando é adolescente a crítica dos amigos é pior” (P04).

Além da percepção dos pares masculinos, foi avaliada a percepção das mulheres a respeito de homens que participassem de programas de prevenção/promoção. Nesse quesito as

respostas se dividiram entre aqueles que acreditam que seria bem avaliado pelas mulheres e os que acreditam que tenderia a ser visto com receio.

Os participantes que percebem uma recepção positiva defendem que as mulheres veriam como positivo homens que querem prevenir a violência e contribuir para tornar os relacionamentos mais saudáveis – “teria uma parcela maior de aceitação, por saber que é uma ação que beneficia a elas” (J83), “acredito que sentiriam mais seguras nesses homens, ao saber que eles participaram de um projeto desses” (J30), “eu acharia bem legal, é um cuidado que ele está tendo o relacionamento dele” (J48), “acharia interessante, um cara que não está disposto a sofrer certas situações” (J54), “Acho que achariam interessante, importante” (J14), “Eu acredito que a perspectiva seria vista como positiva, porque indicaria que os homens estariam fazendo alguma coisa para lidar com o problema” (P69).

Do outro lado, os que acreditam que a participação masculina não seria bem-vista argumentam que o machismo contribuiria para esses homens serem avaliados de forma negativa – “Uma parte poderia ser oposta, aquelas que estão nessa perspectiva patriarcal, poderiam reproduzir esse estereótipo” (J83), “Poderia achar que o cara é fraco, que abusam dele” (J54), “poucas poderiam achar que é frescura, mais por ideologia e machismo” (J39), “porque também estão imersas nessa cultura [as mulheres]. Muitas mulheres também esperam que o homem precise reafirmar sua masculinidade [...] então mesmo os homens dispostos a entrar em um programa destes, não receberiam suporte para o processo” (P24).

Outro argumento utilizado para demonstrar resistência das mulheres a participação masculina aborda a perda de espaço das mulheres nesses projetos. Segundo a participante J95 “se eu participasse desse projeto, se fosse por exemplo uma roda de conversa eu não acharia interessante conversar sobre isso com um homem perto” (J95). Esse ponto é discutido por Flood (2015) que ressalta que grupos mistos de homens e mulheres pode oprimir a fala de mulheres sobre o tema, diminuindo os ganhos potenciais para elas. No entanto, grupos mistos

tem a vantagem de poder conhecer o problema pela perspectiva do outro, aumentando a empatia. Para os homens o ganho potencial de avaliar o impacto do sexismo e da violência sobre mulheres traz a esse formato muitas vantagens. A escolha de grupos separados ou mistos deve ser avaliada de acordo com os objetivos do programa, tendo em vista os ganhos e perdas potenciais.

Então, embora a recepção feminina seja vista pela maioria como positiva à participação masculina, existem ressalvas a questões que merecem atenção, como o espaço de expressão segura para mulheres dentro dos grupos. Ponto relevante é que a avaliação positiva das mulheres parece girar em torno dos ganhos potenciais a elas dentro desses relacionamentos, não pela percepção de mudança nos cuidados de saúde dos homens.

O último tema abordado abordou os conteúdos e estratégias que um projeto de prevenção/promoção com homens poderia ter em seu currículo para torná-los mais atrativos e propiciar maior participação. Diferentes sugestões foram fornecidas pelos participantes.

O gênero dos mediadores/facilitadores das intervenções foi abordado amplamente. Nessas falas apontam que uma intervenção que tenha foco também sobre homens deveria contar com homens em sua equipe – “primeiramente alguém do corpo masculino também, na equipe de preparação e da intervenção. Acho que fica coeso. Então não faz sentido ter um corpo que não tem similaridade com aquelas pessoas que estão ali” (J83), “Acho que seria mais atraente para eles se fossem homens. Eu acho que eles conseguiriam se abrir mais com outros homens do que com mulheres. Seriam mais abertos a participar” (J39), “Acho que a mensagem vier de outro homem, talvez ela seja, mesmo que de forma subconsciente, pode ser mais aceita do que se a mensagem vier de uma mulher” (P24). Demonstram perceber as sutilezas dessas interações, em balancear o gênero dos membros que entregam a intervenção – “Se fosse uma mulher e um homem, seria mais interessante. Se for só um homem, aos olhos da população seria visto como algo machista. Se fosse uma mulher, algumas pessoas

poderiam não levar a sério. Se for uma dupla, teria maior visibilidade, teria um toque tanto masculino, quanto feminino, demonstrando os dois lados da moeda, como que acontece” (J54).

A fala do participante P69 ilustra a relevância da questão ao dizer “Definitivamente. Eu acredito que é muito mais forte receber conselhos sobre como ser um homem melhor de um homem. Eu entendo que é perfeitamente possível que um homem tenha a formação técnica para instruir a informação sobre como conduzir a gravidez para uma mulher, mas o componente emocional não, então é mais fácil e tem mais credibilidade quando uma mulher passa essa informação, porque essa pessoa pode ter a vivência, pode já ter estado nessa condição” (P69).

A inserção de mediadores homens é defendida por outros trabalhos da área para tronar os programas de prevenção/promoção mais atrativos para o público masculino (UNFPA & Promundo, 2010, Flood, 2015). Michael Flood (2015) discute a importância de inserir esse elemento no planejamento das intervenções, pois homens tenderiam a ser mais influenciados por outros homens, de modo que os programas deveriam se atentar não apenas a inclusão de mediadores homens, mas também ao modelo de masculinidade que é apresentado por estes mediadores buscando apresentar modelos de masculinidade não hegemônica, não pautadas na dominação, virilidade, força, opressão. A relação entre homens e mulheres também deveriam ser exploradas, buscando emular relações igualitárias, com mulheres dividindo espaços com posições de igual destaque e poder, com respeito e companheirismo. Tal argumento corrobora o que defende Kimmel (2022) para a construção de sociedades menos violentas pela construção de relações igualitárias entre homens e mulheres, com ganho de espaço e direitos pelas mulheres.

Um formato que permita maior participação e contribuição dos integrantes dos projetos de prevenção foi apontada em diferentes falas – “Acho que formatos pedagógicos, de

trazer conteúdo, mas também interativos, de ouvir deles. Acho que meio a meio” (J48), “Acho que dispor de recursos que sejam... outros recursos que possam suscitar a fala e o engajamento. Recursos que sejam mais atrativos” (J83), “Participação. Estimular as pessoas a participarem, para não ficar chato, monótono, não acabar rápido” (J54), “Palestras e rodas de conversa, tipo acho que o primeiro ser uma palestra meio roda de conversa, porque palestra é meio chato. Os homens que eu tenho convivência não tem tanta disponibilidade de ouvir” (J95), “Acho que reuniões. Também daria a voz para eles, como uma roda de conversa, cada um poderia falar da própria experiência. Isso poderia gerar empatia entre eles, das experiências. Mais do que só uma palestra para eles ouvirem” (J39).

Os participantes acreditam que o engajamento se relaciona a uma participação ativa. Então formatos que propiciem aos integrantes não apenas aprender, mas contribuir para a construção do tema e do grupo como um todo seriam mais atrativos e interessantes, propiciando melhor aproveitamento. A participação ativa e a maior interação foram apontadas como relevantes para o engajamento em outros momentos dos resultados, tanto na revisão de escopo, no grupo de planejamento e em outros momentos das entrevistas.

Tornar o tema relevante para homens também foi abordado, defendendo que os projetos de prevenção/promoção deveriam se tornar atraentes a partir da perspectiva masculina – “Acho que falar que homem também sofre na relação. É comum falar só que a mulher sofre, mas mostrar que o homem também sofre, que a mulher também pode ser abusiva na relação” (J14), “Existem muitas campanhas para prevenir os homens de bater nas mulheres, mas não dos homens se prevenirem e dos homens entre si. Porque existem relacionamentos homoafetivos. Então não só dar a voz deles como abusadores, mas também de possíveis vítimas” (J39). Atrair a participação masculina ao tornar os programas de prevenção/promoção relevantes para essa população foi abordada pelo grupo de planejamento

e em outros momentos das entrevistas, apontando para a necessidade de que a construção dos programas de prevenção/promoção criem temas relevantes a essa população.

Outra forma de trazer maior relevância é tornar os projetos mais específicos aos grupos, inserindo conteúdos de relevância a essas populações – “Então trazendo para esse jovem uma realidade que eles já vivenciaram, isso chamaria mais atenção” (J48), “Primeiro fazer um apanhado das principais causas do sofrimento no relacionamento, demonstrar isso” (J54). Argumento defendido nas orientações da APA (2004) para atuação de psicólogos nas áreas de prevenção de que os programas sejam desenhados para contextos específicos, valorizando aspectos culturais.

Os grupos podem ser selecionados também por faixa etária ou nível educacional – “Para o público universitário a palestra funciona melhor, porque eles já estão acostumados a palestras, eles participam, fazem perguntas. A palestra escolar costuma ser chata, mandatória e as pessoas só querem sair dali. A palestra no nível universitário assume que a pessoa está lá é porque surgiu o interesse. Para o ambiente escolar acho que tarefas interativas funcionar melhor. Especialmente se os alunos puderem eles mesmos formular as atividades, fazer perguntas” (P95). Essa fala ressalta a relevância dos projetos, com seus conteúdos e atividades, serem planejados visando grupos específicos, com seus interesses, conhecimentos e habilidades sendo levados em consideração na formulação do programa de prevenção/promoção.

A influência dos pares voltou a ser abordada neste tópico, indicando que a divulgação do projeto deveria contar com homens que incentivam os mesmos – “Acho que desde as cores da divulgação, até tudo, vai ser divulgado na rádio? Na rede social? Se tiverem mais homens divulgando, vai ser mais interessante para homens. Porque se eles virem que homens estão participando de um projeto de prevenção, eles possam ao menos ouvir” (J95).

Outros participantes defendem que a integração dos homens em tais projetos não seria interessante em si e que teria então que ser estimulada, atrelando a mesma a outras instituições ou benefícios secundários. Defendem que “se fosse algo espontâneo eu acho que as pessoas não estão dispostas a buscar melhora, se fosse algo obrigatório, pensando em homens jovens, talvez conseguir parceria com faculdades, como horas extracurriculares, algo nesse sentido, poderia ter maior participação” (J48), “Acho que precisaria ter um retorno de alguma coisa [...] Eu imagino que seria mais bem aceito um benefício. As pessoas funcionam pela recompensa” (P04).

O uso da internet para a entrega dos programas apresentou divergência, com defesas do seu formato – “Eu acho que como estamos na era da internet, começar com alguma coisa on-line. Ai você não ia pegar só homens de um nicho, de uma cidade ou estado, podendo pegar homens de vários lugares” (J54), a outros argumentando contra o formato – “Eu acho que on-line não daria certo. Porque com a pós-pandemia o aproveitamento é menor. A gente está aqui, mas não está” (J48), demonstrando uma estafa frente ao formato on-line após a pandemia de COVID-19.

Ao fornecerem sugestões sobre temas importantes que os programas deveriam abordar com homens forneceram sugestões diversas: “abordar diversas formas de relações, de configurações, é diferente de relações cis e trans, homossexuais e heterossexuais” (J83); “Responsabilização e das consequências, para de fato ter esse alerta para o que pode ser ruim, o que pode ser negativo, o que pode ser bom” (J83); “o que são relações de namoro, amor ao próximo” (J30); “comunicação, relacionamento saudável, seriam interessantes” (J95); “Voltando o tema a identificar possíveis ações que poderiam levar à violência. Então o homem vir a identificar suas próprias ações que podem levar à violência” (P04); “Os dados são muito surpreendentes, o número de feminicídio. Então trazer esses dados pode ser uma



ferramenta boa de conscientização. Acho que também fazer um exercício de empatia, fazê-los se colocarem no lugar delas” (P24).

Segundo o participante P69 “Mas como todos os temas de prevenção a questão é que os problemas são fugazes, antes que eles ocorram esses problemas não parecem reais. Nesse caso como eu nunca vi um programa com esses temas, pode ser que um tema a gente acha que pode ser muito interessante, pode falhar miseravelmente quando for levado a vida real” (P69). Sua fala ressalta a importância que os programas sejam testados antes de sua implementação, para verificar a validade destes quando em contato com as populações para as quais eles foram desenhados, aumentando a chance de sucesso destes.

#### Síntese dos resultados

Nesta seção são apresentados os resultados principais das três subseções anteriores, Revisão de Escopo, Grupo de Planejamento e Entrevistas, reunindo os dados relevantes para responder ao objetivo deste estudo, qual seja a produção de uma avaliação de necessidades de um programa de prevenção da violência no namoro que favoreça o engajamento de homens na faixa etária de jovens adultos. Os objetivos secundários incluem levantar e analisar fatores que possam prejudicar o engajamento masculino à projetos de prevenção da violência no namoro; identificar e apontar fatores que tenham o potencial de melhorar o engajamento masculino à projetos de prevenção da violência no namoro; produzir ao final um protocolo de medidas a serem adotadas visando alcançar o público masculino em projetos de prevenção da violência no namoro;

A avaliação de necessidades foi realizada em sua primeira parte pela avaliação da produção da América Latina em prevenção da violência masculina, em programas direcionados a homens ou mistos, que abordassem as masculinidades ou relações de gênero, esse elemento trouxe os componentes dos programas de prevenção, suas experiências e

limitações na prevenção da violência masculina. Na segunda parte foi realizado um grupo de planejamento, com profissionais com experiência no trabalho com jovens, nas áreas de educação, saúde mental, justiça e enfrentamento da violência, visando trazer conhecimentos, experiências e relevância do campo para a construção de projetos de prevenção da violência no namoro. A terceira parte realizou entrevistas com jovens, homens e mulheres, e com professores que trabalhem com jovens, para responder as questões de relevância de programas de prevenção da violência no namoro com homens, interesses, temas e formatos interessantes para aumentar a participação, barreiras à participação masculina e avaliação de pares.

Esse conjunto de três metodologias diferentes foi planejado de acordo com o modelo de Mapeamento de Intervenções (Bartholomew, Parcel & Kok, 1998; Kok et al., 2016; Stea et al., 2016) seguindo a etapa 1 de Construção de Modelo lógico do problema, em que constam a revisão bibliográfica, o grupo de planejamento e a avaliação de necessidades, estratégias que tem o objetivo de fornecer informações sobre as causas do problemas, seus aspectos teóricos e empíricos, possíveis barreiras à implementação, elementos contextuais dos grupos aos quais se direcionam os programas, em busca de aumentar o sucesso do programa junto ao público-alvo e sua sustentabilidade ao longo do tempo.

Tendo em vista que os resultados foram apresentados e discutidos, aqui eles serão sintetizados para permitir sua melhor visualização, agrupando resultados semelhantes nas diferentes estratégias metodológicas para fornecer uma perspectiva comparada.

Na Tabela 6 são apresentados os componentes de programa associados à maior engajamento masculino em programas de prevenção. As áreas abordadas foram a estratégia do programa – psicoeducação ou treino em habilidades de vida (outras estratégias possíveis, como *gatekeeper*, não são apresentadas porque não foram utilizadas nos estudos avaliados na revisão de escopo ou na fala dos entrevistados); formato on-line ou presencial; Conteúdo apresenta os possíveis temas a serem discutidos, informações fornecidas e técnicas utilizadas;

Recrutamento com aspectos de divulgação do programa, elementos do contexto e foco em minorias; Grupos com tamanho e formação dos grupos (mistos ou gênero único); Mediadores com a relevância de se atentar ao gênero dos mediadores e a relações entre eles; Engajamento com o acolhimento do programa, a relação perpetração/vitimização pela violência no namoro e a influência dos pares no engajamento;

Tabela 6

Componentes de programas de prevenção/promoção indicados como favoráveis à participação masculina

Área	Componente	Considerações
Estratégias	Psicoeducação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- População ainda carece de informações sobre violência no namoro, prevenção/promoção e relações de gênero</li> <li>- Programas obtém resultados positivos na mudança de conhecimentos e atitudes a respeito da violência no namoro com uso de técnicas de psicoeducação</li> <li>- Entrevistas revelam interesse em obter informações e aceitação desta estratégia para programas de prevenção da violência no namoro</li> </ul>
	Treino em habilidades sociais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estudos apontam que uso de psicoeducação apenas não foi capaz de diminuir vitimização;</li> <li>- Treino em habilidades apresenta resultado positivo em reduzir perpetração;</li> <li>- Entrevistas revelam aceitabilidade do treino em habilidades sociais;</li> </ul>
Formato	On-line	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Deve ser considerado em vista dos ganhos potenciais – alcance, variabilidade, sigilo;</li> <li>- Diminui a interação – fator avaliado positivamente pelos estudos da área, grupo de planejamento e entrevistas</li> </ul>
	Presencial	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Favorece interação entre os participantes;</li> <li>- Possibilita uso de estratégias vivenciais, jogos, brincadeiras, possibilitando maior vinculação e troca;</li> </ul>
Conteúdos	Temas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sexualidade, gênero, relacionamentos saudáveis foram avaliados como interessantes para jovens</li> </ul>

---

	Informações	- Desigualdade nas relações e sexismo foram avaliados como pouco interessante para jovens
	Técnicas	- Informações sobre violência no namoro, tipos de violência, prejuízos causados, fatores de risco, direitos foram avaliados positivamente;
		- Técnicas utilizadas devem permitir interação e participação ativa para gerar maior engajamento com jovens;
		- Palestras são indicadas para público jovem adulto, com interesses mais claros;
		- Grupos de discussão, com gincanas, brincadeiras ou jogos são mais apropriados para adolescentes em idade escolar;
Recrutamento	Divulgação	- Considerar a divulgação por modelos de referência para o grupo, mas se atentando ao modelo de masculinidade que é apresentado – evitar modelos de masculinidade hegemônica, buscando masculinidades que difiram do padrão hegemônico;
		- Divulgação deve dar destaque aos ganhos potenciais para os homens, benefícios possíveis ao participar do programa;
	Contexto	- Programas devem se atentar ao contexto, valores culturais, elementos de identificação, construindo programas que sejam específicos a comunidades;
		- Características da comunidade, referentes à infraestrutura e acesso a recursos devem ser considerados, como transporte e disponibilidade de tempo;
	Minorias	- Participação de minorias deve ser levada em consideração;
		- O programa considera a inserção de minorias étnicas, de identidade sexual ou religiosas? Essas minorias estão presentes na comunidade?
Grupos	Tamanho	- Grupos pequenos favorecem a interação entre os membros, troca de experiências e a participação ativa;
		- Grupos grandes são mais adaptáveis à psicoeducação e possibilitam maior alcance, mas diminuem a interação entre os membros;
	Formação	- Grupos mistos possuem vantagem ao permitir que homens e mulheres compartilhem experiências, conhecendo a realidade do outro,

---

---

		<p>diminuindo a percepção de diferença entre os gêneros;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Grupos só de gênero único favorecem um espaço seguro de expressão, diminuindo a vergonha e o medo da reação do outro;</li> <li>- Importante avaliar a inserção de minorias LGBTQIA+ que podem não se identificar em um aspecto binário de gênero;</li> </ul>
Mediadores	Gênero	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Importante a presença de mediadores homens no planejamento e implementação do programa por trazer maior contato com a realidade masculina;</li> <li>- Presença de mediadores homens pode propiciar maior engajamento com o projeto;</li> <li>- Importante que mediadores homens performem modelos de masculinidade não-hegemônica;</li> <li>- Mulheres devem participar em relações igualitárias com homens, participativas e respeitadas, emulando modelo de relação saudável;</li> <li>- Importante se atentar para a participação masculina não representar exclusão das mulheres, o que representaria perda de espaço feminino, retornando a um ambiente estritamente masculino, menos igualitário, mais propício à violência;</li> </ul>
Engajamento	Acolhimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Programas de prevenção devem motivar os participantes a buscarem atuar ativamente em busca de melhoras pessoais, ganhos em saúde e qualidade de relacionamento;</li> <li>- Programas que geram espaços de culpabilização e vergonha podem enfrentar resistência masculina e baixa frequência;</li> </ul>
	Vitimização/Perpetração	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Programas devem buscar gerar a consciência dos riscos de o homem perpetrar violência em relacionamentos amorosos, em especial a violência sexual;</li> <li>- Programas devem também dar atenção ao risco masculino para ser vitimizado por violência no namoro, em especial violências verbais e psicológicas e a tendência a naturalização destas formas de violência;</li> </ul>

---

---

Pares

- Relevância da influência dos pares, o suporte de pessoas de referência pode propiciar maior engajamento ou levar a abandono do projeto;
  - Grupos de referência podem ser avaliados por avaliações de necessidade dos programas, desenvolvendo estratégias para adereçar esta questão;
-

## **Conclusão**

Esse trabalho tinha como objetivo produzir uma avaliação de necessidades de um programa de prevenção da violência no namoro que favoreça o engajamento de homens na faixa etária de jovens adultos. Para a produção da avaliação de necessidades três componentes foram elaborados, sendo eles uma revisão de literatura do tipo escopo da produção de programas de prevenção da violência no namoro que abordassem gênero ou masculinidade em seus componentes, a condução de um grupo de planejamento com profissionais com experiência em áreas de justiça, saúde e educação com jovens e a terceira sendo a realização de entrevistas individuais com dois grupos, um grupo de jovens adultos e outro grupo de professores que trabalhem com jovens.

Esses três componentes visavam responder ao proposto nos objetivos específicos, sendo eles de levantar e analisar fatores que possam prejudicar o engajamento masculino à projetos de prevenção da violência no namoro; identificar e apontar fatores que tenham o potencial de melhorar o engajamento masculino à projetos de prevenção da violência no namoro; produzir ao final um protocolo de medidas a serem adotadas visando alcançar o público masculino em projetos de prevenção da violência no namoro.

Tendo em vista esse conjunto de objetivos conclui-se que eles puderam ser alcançados por meio dos dados coletados e das análises realizadas. Como principais aspectos que podem comprometer o engajamento masculino em programas de prevenção da violência no namoro foram levantados programas que foquem na culpabilização masculina, que não forneçam perspectiva de benefícios para os homens como participantes, que não possuam figuras masculinas em sua divulgação, elaboração e entrega.

Programas que apresentam culpabilização masculina foram apontados como gerando resistência de homens, que tenderiam a não participar das atividades e abandonar o projeto. Programas que visem maior engajamento de homens deveriam inserir esses participantes

como agentes potenciais de mudança e não como o problema a ser enfrentado. Esses homens tenderiam a ser resistentes também quando identificam que os programas não foram elaborados tendo a participação deles em foco. Programas elaborados para mulheres, sem conteúdos elaborados para o ganho de homens seriam pouco atrativos e não motivariam o engajamento masculino. Devido a influência de pares, programas que não contem com figuras masculinas encontrariam maior resistência à participação masculina, devendo os responsáveis pela elaboração do programa se atentar a esse aspecto visando elaborar programas com maior atenção ao aspecto contextual aos grupos masculinos. Nesse aspecto é relevante que as figuras masculinas não sejam representativas de masculinidades tradicionais hegemônicas, mas apresentar multiplicidade de possibilidades masculinas, além de se atentar a relações igualitárias entre homens e mulheres.

Quanto aos elementos que podem aumentar o engajamento masculino foram apontados temas atuais como gênero, sexualidade e relacionamentos, formatos interativos com maior participação ativa de jovens, integração com a cultura e contextos específicos dos participantes, presença de mediadores homens, figuras masculinas de referência na comunidade que endorsem a participação no projeto. Foi levantado que jovens demonstram interesses em temas relacionados ao gênero, à sexualidade e a habilidades para desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e que valorizam participar ativamente da construção das atividades, interagindo e contribuindo durante o processo, em detrimento de formatos de participação passiva. Outro tema relevante foi a identificação com o programa, ao perceber que este reflete a realidade deles, ressaltando a importância de que os programas sejam idealizados com conteúdos referentes às comunidades aos quais se destinam.

A importância da influência dos pares foi tema recorrente, podendo tanto gerar resistência quanto maior engajamento. Os pares são importante tanto ao incentivar a participação quanto ao demonstrar suporte aos temas abordados durante o programa. A



influência dos pares deve ser observada então durante diversas etapas de elaboração, desde a divulgação, a implementação do programa, à aceitação por membros de destaque da comunidade, aos valores intragrupo dos participantes.

Este estudo traz como contribuição a integração do tema da masculinidade aos temas da violência no namoro e da prevenção/promoção da saúde. Diversos estudos em violência no namoro discutem a questão do gênero, do machismo e dos papéis de gênero tradicionais. No entanto, este estudo foca na masculinidade como elemento relevante da apresentação da violência e do impacto dos cuidados em saúde, ao discutir que a masculinidade impacta em ambos. Programas que visem a participação masculina devem pensar então não apenas a relação do homem com a violência, mas também a questão dos homens com a saúde.

Quanto às limitações que este trabalho encontrou temos a amostra pequena, tanto no grupo de planejamento quanto nas entrevistas. Métodos qualitativos focam na imersão nos dados e experiências, mas possuem pouco poder de generalização. Aqui o foco foi de dar voz a pessoas que pudessem trazer perspectivas sobre o trabalho com homens jovens e das próprias perspectivas de homens e mulheres jovens sobre suas preferências e a vivência com outras pessoas de interesse. Essas perspectivas trouxeram diversos temas de relevância, em consonância com a literatura da área, mas são um recorte de um tempo e local, de uma classe social e de um grupo étnico. Limitações de tempo e recursos impediram que grupos maiores de participantes, de localidades e contextos de maior diversidade fossem abarcados, limitando também a representatividade dos dados desse estudo frente à população brasileira e de toda a América Latina.

Os dados aqui apresentados ressaltam a importância que ao elaborar um programa o contexto ao qual esse programa se destina seja estudado, para compreender sua cultura, seus valores, os problemas e potencialidades, a rede de relações e a distribuição de poder. Um dos objetivos políticos tácitos desse trabalho foi dar o destaque à realidade da América Latina e

Caribe e ao desenvolvimento de programas de prevenção e promoção que sejam específicos à realidade da região, em detrimento de importar programas que atendam às demandas e aspectos culturais de países anglófonos. Para alcançar verdadeiramente esse objetivo outros diversos estudos em países da América Latina e Caribe precisariam ser conduzidos para formar um panorama maior da realidade e necessidades desses países no enfrentamento da violência no namoro e da elaboração de programas com maior potencial de impacto e sustentabilidade.

A escassez de projetos de prevenção da violência no namoro (ou de qualquer outra forma de prevenção da violência com homens) sinaliza um alerta importante, de que a masculinidade não é entendida e explorada no enfrentamento da violência. Embora a relação do homem com a manifestação da violência seja apontada pelos estudos epidemiológicos e que políticas públicas já reconheçam essa relação, ainda são escassos (ou inexistentes) os esforços para adereçar mudanças na socialização de gênero de crianças, jovens e adultos do gênero masculino. A violência em si, que gera graves prejuízos sociais em toda a América Latina e Caribe, ainda encontra baixo número de estudos e esforços no seu enfrentamento.

Como sugestão de estudos futuros o tema da masculinidade poderia ser explorado em associação a diversos outros temas, como à saúde, à prevenção e promoção da saúde, à violência. Ainda são escassos os estudos nacionais sobre masculinidade, deixando lacunas no entendimento do fenômeno na cultura e história brasileira, no entendimento do impacto do mesmo sobre a vivência dos homens brasileiros e nos diversos setores da sociedade, como a saúde e educação. A interseccionalidade das masculinidades ainda carece de maior exploração, associando temas como masculinidades e etnias tais como a masculinidade de povos originários ou quilombolas, a masculinidade e o racismo, masculinidade e identidades LGBTQIA+, masculinidade e religiosidade. O campo da saúde apresenta muitas

possibilidades de estudos e ações, visto que a masculinidade impacta a relação do homem com autocuidado, hábitos saudáveis e práticas preventivas.

No campo de ciência da prevenção programas que investiguem a participação masculina, sua adesão aos programas, critérios de efetividade e eficácia podem ser explorados em estudos futuros. Estudos futuros devem dar maior atenção ao gênero dos mediadores, aos desdobramentos de gênero dos conteúdos, à objetivos que sejam elaborados em termos de gênero dos participantes e ao impacto diferencial destes sobre sujeitos de diferentes gêneros.

Por último, levanto a relevância de a psicologia e do campo da saúde dar maior atenção à vivência de homens como sujeitos de interesse, que demandam cuidados. O machismo, como fenômeno cultural vitimiza grande número de mulheres ao longo da história, com relações de gênero desiguais, opressão e violência. Esses homens são, no entanto, também vítimas desse fenômeno, com o sofrimento em empregos precários, menor atenção em saúde e violência naturalizados como parte de sua realidade.

Os mais de 100 anos de movimento feminista trouxeram à luz a condição social de opressão das mulheres e a organização política do movimento trouxe diversas mudanças desta condição, em acesso, representatividade e direitos. Os homens não possuem movimento político e nem identificação como grupo na busca de mudanças. Mas movimentos de resistência existem como parte da realidade. Masculinidade não-hegemônicas se apresentam como pontos marginais em busca de existências não pautadas pela opressão e violência. Esses poderiam ser fagulhas de um movimento maior buscando uma nova forma de ser homem para o século XXI.

## Referências bibliográficas

- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática* - 6(1): 105- 120.
- Almeida, A. M. L. G. (2010). Prevalência da vitimização da violência física e fatores associados à violência entre namorados adolescentes do Recife 2008. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Pública) - *Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife.*
- Alves, R. A., Pinto, L. M. N., Silveira, A. M., Oliveira, G. L. & Melo, E. M. (2012). Homens, vítimas e autores de violência: a corrosão do espaço público e a perda da condição humana. *Interface: Comunicação, saúde e educação*, v. 16, n. 43, p.871-83.
- Alvin, S. F. & Souza, L. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos e agressores. *Psicologia: Teoria e Prática* – 7(2): 171-206.
- American Psychologist Association, (2014) Guidelines for Prevention in Psychology. Vol. 69, No. 3, 285-296.
- Andrade, T. A., Sampaio, M. A., & Donard, V. (2022). Applying Digital Technologies to Tackle Teen Dating Violence: a Systematic Review. *Trends in Psychology*, 1-19.
- Atlas Da Violência. (2018). Ipea e FBSP. *Rio de Janeiro.*
- Batista, M. D., Maranhão, T. L. G., & de Oliveira, G. F. (2018). Suicídio em jovens e adolescentes: uma revisão acerca do comportamento suicida, sua principal causa e considerações sobre as formas de prevenção. *ID on line. Revista de psicologia*, 12(40), 705-719.
- Banyard, V. L. Cross, C. (2008). Consequences of teen dating violence. Understanding Intervening Variables in Ecological Context. *Violence Against Women*, v. 14, n. 9, p. 998-1013.

- Barbosa, A. S., Dias, M. R., & Berlato, H. (2022). Masculinidades hegemônicas como contrarresistência no contexto universitário. *Cadernos EBAPE. BR*.
- Bartholomew, L. K., Parcel, G. S., & Kok, G. (1998). Intervention mapping: a process for developing theory and evidence-based health education programs. *Health education & behavior, 25*(5), 545-563.
- Beserra, M. A.; Cruz Leitão, M. N.; Domingues Fernandes, M. I.; Scatenam L.; Vidinha, T. S. S.; Pereira da Silva, L. M. & Ferriane, M. G. C. (2015). Prevalência de violência no namoro entre adolescentes de Escolas Públicas de Recife/Pe: Brasil. Referência (Coimbra), Vol. serIV (7), p.91-99.
- Borrego, J. L. C.; Franco, L. R.; Diaz, F. J. R. & Molleda, C. B. (2014) Violencia en el noviazgo: revision bibliográfica y bibliométrica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 66* (1): 1-17.
- Bourdieu, P. (1989). O poder simbólico. Rio de Janeiro- RJ. Bertrand Brasil
- Bourdieu, P. (2012). *A Dominação Masculina Rio de Janeiro*: Editora Bertrand Brasil.
- Brandão Neto, W.; Silva, C. O.; Amorim, R. R. T.; Aquino, J. M.; Almeida Filho, A. J.; Gomes, B. M. R. & Monteiro E. M. L. M. (2020). Formação de adolescentes protagonistas para a prevenção do *bullying* no contexto escolar. *Rev. Bras. Enferm. 73* (Suppl 1).
- Buss, P. M. (2000). Promoção de saúde e qualidade de vida. *Ciência & Saúde Coletiva. 5*(1), 163-177.
- Burkhart, G.; Tomczyk, S.; Koning, I. & Brotherhood, A. (2022). Environmental Prevention: Why do we need it now and Hot to Advance it: *Journal of Prevention, 43*: 149-156.
- Carozzo, N. P. P. (2021). Avaliação do Programa Famílias Fortes (PFF): efeitos sobre estilos parentais e comunicação mãe-filho(a). Tese de Doutorado. Universidade de Brasília- UnB.

- Carta de Ottawa (1986). Organização Mundial da Saúde - OMS. Primeira Conferência internacional sobre promoção da saúde. Acesso em 12/12/2022 em:  
[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta\\_ottawa.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf)
- Cerqueira, D. R. D. C., & Bueno, S. (2020). Atlas da violência 2020. In *Atlas da violência 2020* (pp. 91-91).
- Claussen, C., Matejko, E. & Exner-Cortez, D. (2022). Exploring risk and protective factors for adolescent dating violence across the social-ecological model. A systematic scoping review of reviews. *Frontiers in Psychiatric*.
- Coles, T. (2009). Negotiating the field of masculinity: The production and reproduction of multiple hegemonic masculinities. *Men and masculinities*. Vol. 12, n. 1.
- Connell, R. W. (1995). Políticas de masculinidade. *Educação & Realidade*. 20(2), 185-206.
- Cowen, E. L. (2000). Prevention, wellness enhancement, Y2K and thereafter. *The journal of primary prevention*. Vol. 21 n. 1.
- Cruz, M. M. (2012). Concepção de saúde-doença e o cuidado em saúde. Qualificação de gestores do SUS.
- Dávila, M. & Rosário, D. (2020). Programa de habilidades sociales para prevenir la violencia escolar en adolescentes: Una revisión sistemática. [Dissertação de mestrado, Universidad Cesar Vallejo. Peru].
- Diniz, G. R. S. & Alves, C. O. (2015). Gênero e violência no namoro. Em: *Violência no namoro: estudos, prevenção e psicoterapia*. Org: Murta, S. G.; Bucher-Malaschke, J. S. N. F. & Diniz, G. R. S. Editora Appris, 1 ed. Curitiba.
- Durgante, H. B., & Dell'Aglio, D. D. (2018). Critérios metodológicos para a avaliação de programas de intervenção em psicologia. *Avaliação psicológica. São Paulo*. Vol. 17, n. 1 (jan./mar. 2018), p. 155-162.
- Flood, M. (2006) Changing men: Best practice in sexual violence education. *Women against violence: an Australian feminist journal*, pp. 26-36.

- Flood, M. (2015). Work with men to end violence against women: a critical stocktake. *Culture, Health & Sexuality*. Vol. 17, No. S2, S159–S176
- Flood, M. & Pease, B. (2009). Factors influencing attitudes to violence Against women. *Trauma, violence and abuse*. Vol. 10, No. 2. Pp. 125-142.
- Foxcroft, D. R. (2014). Can prevention classification be improved by considering the function of prevention? *Prevention Science*, 15(6), 818-822. doi.org/ 10.1007/s11121-013-0435-1
- Franco, S.; Mercedes, C.; Rozo, P.; Gracia, G. M.; Gallo, G. P.; Vera, C. Y. & García, H. I. (2012). Mortalidad por homicídio en Medellín, 1980-2007. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(12):3209-3218.
- Grant, M. J. & Booth, A. (2009). A typology of reviews: an analyses of 14 reviews types and associated methodologies. *Health information and Libraries journal*, 26, pp. 91-108.
- Goffman, E. (1977). The arrangement between the sexes. *Theory and society*, 4(3), 301-331.
- Gomes, R., & Nascimento, E. F. D. (2006). A produção do conhecimento da saúde pública sobre a relação homem-saúde: uma revisão bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública*, 22, 901-911.
- Gomes, R.; Cecchetto, F. R. & Nascimento, M. (2017). Homens e violência: relações naturalizadas e desafiadoras para a saúde. Em: *Novas e velhas faces da violência no século XXI: Visão da literatura brasileira do campo da saúde*. Org: Minayo, M. C.S. & Assis, S. M. Rio de Janeiro - Editora Fiocruz.
- González-Pérez, G. J.; Veja-López, M. G.; Cabrera-Pivaral, C. E.; Veja-López, A & Torre, A. M. (2012). Mortalidad por homicidios en México: tendencias, variaciones socio-demográficas y factores asociados. *Ciências & Saúde Coletiva*, 17(12):3195-3208.
- Gordon Jr, R. S. (1983). An operational classification of disease prevention. *Public health reports*, 98(2), 107.
- Gutmann, M. (2013). O machismo. *Antropolítica*. Niterói, n. 34, p. 95-120.
- IBGE. (2000). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 1999*.  
IBGE.

- Juvinyà-Canal, D., & Casals-Alonso, C. (2022). Health Promotion in Times of Uncertainty. *Sanus*, 7.
- Kaufman, M. (1987). The construction of masculinity and the triad of men's violence. In Kimmel, M. S. & Messner, M. A. *Men's Lives*, Allyn and Bacon, Fifth Edition.
- Kimmel, M. S. (2011). *The gendered society*. Oxford University Press.
- Kimmel, M. S. (2022). *A sociedade de gênero*. Tradução de Fábio Roberto Lucas. Editora Vozes. Petrópolis, RJ.
- Kok, G., Gottlieb, N. H., Peters, G. J. Y., Mullen, P. D., Parcel, G. S., Ruiter, R. A., ... & Bartholomew, L. K. (2016). A taxonomy of behaviour change methods: an intervention mapping approach. *Health psychology review*, 10(3), 297-312.
- Kok, G.; Peters, L. W. H. & Ruiter, R. A. C. (2017). Planning theory and evidence-based behavior change interventions: a conceptual review of the intervention mapping protocol. *Psicologia: reflexão e crítica*. 30:19.
- Lacerda Junior, F. & Guzzo, R. S. L. (2005). Prevenção primária: análise de um movimento e possibilidades para o Brasil. *Interação em psicologia*. 9(2), p 239-249.
- Lee, C. & Wong, J. S. (2022). Examining the effects of teen dating violence prevention programs: a systematic review and meta-analysis. *Journal of experimental criminology*. 18:1-40;
- Lefevre, F., & Lefevre, A. M. C. (2004). Promoção de saúde. *A negação da negação*. Rio de Janeiro. Ed. Vieira e Lent.
- Lessinger Borges, J.; Assumpção Heine, J. & Dell'Aglio, D. D. (2020). Variáveis Pessoais e contextuais preditoras de perpetração de violência no namoro na adolescência. *ACTA Colombiana de Psicologia*, Vol. 23 (2), p. 438-469.
- Machado, L. Z. (2001). Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial, 35-78.



- Matos, M. G.; Wainwright, T.; Brebels, L.; Craciun, B.; Gabrhelík, R.; Schjodt, B. H.; Plantade-Gipch, A.; Postuvan, V.; Stojadinovi, I. & Richards, J. (2019). Looking ahead: Challenges and opportunities for applied psychology in prevention and promotion. *European Psychologist*, 24(4), 337-348.
- Medeiros, S. A.; Carvalho, A. C. S.; Silva, E. M. (2019). A escola como espaço de prevenção da violência sexual. **Simpósio**, [S.l.], n. 7, ISSN 2317-5974. Disponível em: <<http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/simposio/article/view/1276>>. Acesso em: 04 maio 2022.
- Mercadante, O. A. (2002). Evolução das políticas e do sistema de saúde no Brasil. *Caminhos da saúde pública no Brasil*, 20
- Ministério da saúde (2004). Saúde no Brasil: Contribuições para a agenda de prioridades de pesquisa. Brasília – DF.
- Ministério da Saúde (2008) Programa Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. Secretária de Atenção à Saúde. Departamento de ações programáticas e estratégicas. Brasília.
- Ministério da Saúde (2021). PORTARIA GM/MS Nº 3.562, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2021. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Edição: 235, Seção: 1, Página: 290.
- Ministério da saúde. (2022). PrEP (Profilaxia pré-exposição). Departamento de condições crônicas e infecções sexualmente transmissíveis. Acessado em 08/12/2022 em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada/prep-profilaxia-pre-exposicao/prep-profilaxia-pre-exposicao>
- Moore, R. A. (2015). Gênero e violência: Vulnerabilidade masculina. Universidade de Brasília.
- Muñoz, R. F.; Mrazek, P. J. & Haggerty, R. J. (1996) Institute of Medicine Report on prevention of mental disorders: Summary and commentary.
- Murta, S. G., Ribeiro, D. C., Rosa, I. D. O., Menezes, J. C. L. D., Rieiro, M. R. S., Borges, O. D. S., ... & Del Prette, Z. A. (2012). Programa de habilidades interpessoais e direitos

- sexuais e reprodutivos para adolescentes: um relato de experiência. *Psico-USF*, 17, 21-32.
- Murta, S. G., Santos, B. R. P. D., Nobre, L. A., Araújo, I. F. D., Miranda, A. A. V., Rodrigues, Í. D. O., & Franco, C. T. P. (2013). Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicologia USP*, 24, 263-288.
- Murta, S. G.; Santos, B. R. P.; Martins, C. P. S. & Oliveira, B. (2013). Previsão primária à violência no namoro: uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, 6(2), 117:131.
- Murta, S. G.; Miranda, A. A. V.; Bezerra, K. L. T.; Veras, L. G.; Santos, K. B.; Cangussú, E. D. A. & Moore, R. A. (2015). Programa de prevenção à violência no namoro e promoção de empoderamento em adolescentes. Em: *Violência no namoro: estudos, prevenção e psicoterapia*. Org: Murta, S. G.; Bucher-Malaschke, J. S. N. F. & Diniz, G. R. S. Editora Appris, 1 ed. Curitiba.
- Murta, S. G., Moore, R. A., Miranda, A. A. V., Cangussú, E. D. A., Santos, K. B. D., Bezerra, K. L. T., & Veras, L. G. (2016). Efeitos de um programa de prevenção à violência no namoro. *Psico-usf*, 21, 381-393.
- Nascimento, F. S. & Cordeiro, R. L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 516-525.
- Nascimento, E. F., Gomes, R., Rebello, L. E. F. S. (2009). Violência é coisa de homem? A “naturalização” da violência na fala de homens jovens. *Ciência & Saúde Coletiva*. 14(4): 1151-1157.
- Neves, S.; Ferreira, M.; Borges, J.; Correia, M.; Abreu, A. L.; Correia, A.; Topa, J. & Silva, E. (2020). Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas – 2017/2020. Associação Plano i.
- Nutbeam, D., & Muscat, D. M. (2021). Health promotion glossary 2021. *Health Promotion International*, 36(6), 1578-1598.

- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaime, K. & Oliveira, R. V. C. (2011). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros*. Organizado por Maria Cecília de Souza Minayo, Simone Gonçalves de Assis e Kathie Njaime. – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Oliveira, P. R.; Menezes, M. B.; Brito, S. S. & Pinto, P. S. P. (2018). Psicoeducação das emoções e habilidades sociais: uma proposta de promoção e prevenção da saúde mental para adolescentes. XVII SEPA - Seminário Estudantil de Produção Acadêmica, UNIFACS
- Overbeek, G. (2022) Editorial Prevention is the best cure. *Journal of child psychology and Psychiatry*. 63:6, pp 613-615.
- Peters, M. D. J.; Godfrey, C. M.; Bpharm, H. K.; McInerney, P.; Parker, D. & Soares, C. B. (2015). Guidance for conducting systematic scoping reviews. *International Journal of Evidence-Based Healthcare*, University of Adelaide, Joana Briggs Institute.
- Pick, S. & Givaudan, M. (2015). Prevención y detección temprana de violencia em el noviazgo: el caso de México. Em: Murta, S. G.; Bucher-Malashcke, J. S. N. F. & Diniz, G. R. S. *Violência no namoro: estudos, prevenção e psicoterapia*. Editora Appris, 1 ed. Curitiba.
- Pick, S., Leenen, I., Givaudan, M., & Prado, A. (2010). << Yo quiero, yo puedo... prevenir la violencia>>: Programa breve de sensibilización sobre violencia en el noviazgo. *Salud mental*, 33(2), 145-152.
- Pires, V. M. M. M., Gonçalves, I. P., Jesus, L. R., Machado, J. C., Morais, R. L. G. L., & Vanda, P. R. (2019). Violência doméstica em mulheres vivenciando o climatério: revisão integrativa. *Rev. Saúde. Com*, 15(1), 1398-1406.
- Póo, A. M. & Viscarra, M. B. (2011). Diseño, Implementación y Evaluación de un Programa de Prevención de la Violencia en el Noviazgo: Design, Implementation and Evaluation

- of a Dating Violence Prevention Program. *Terapia Psicológica*, Vol. 29, Nº 2, p. 213-223.
- Portal Supremo Tribunal Federal (2021). STF proíbe uso da tese de legítima defesa da honra em crimes de feminicídio. Acessado na em 10/05/2021 no endereço eletrônico <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=462336&ori=1>
- Rojas-Solís, J. L., & Romero-Méndez, C. A. (2022). Dating violence: analysis of its directionality, perception, acceptance, consideration of severity and help-seeking. *Salud y drogas*, 22(1), 132-151.
- Reidy, D. E.; Berke, S. D.; Gentile, B. & Zeichner, A. (2014). Man enough? Masculine discrepancy stress and intimate partner violence. *Personality and individual differences*. 68: 160-164.
- Reidy, D. E. Smith-Darden, J. P.; Cortina, K. S.; Kernsmith, R. M. & Kernsmith, P. D. (2015). Masculine discrepancy stress, teen dating violence, and sexual violence perpetration among adolescent boys. *Journal of adolescent health*. 56: 619-624.
- Ribeiro, M. C. O. (2008). Prevenção primária da violência: construção, implementação e avaliação de um programa de intervenção em contexto escolar. Dissertação de mestrado. Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de ciências humanas e sociais
- Romero, J. L. (2014). Prevention in the twenty-first century: promoting health and well-being in education and psychology. *Asia Pacific Educ. Ver.* 15:417-426
- Romano, J. L., & Hage, S. M. (2000a). Prevention: A call to action. *The Counseling Psychologist*, 28, 854-856
- Saavedra, R. & Machado, C. (2013). Programas de prevenção primária da violência em relacionamentos íntimos: da prática internacional à prática nacional. *Journal of Child and adolescent psychology. Revista de psicologia da criança e do adolescente*. Lisboa, 4(1).

- Santos, T. M. (2019). Prevenção à violência no namoro: avaliação de necessidades e desenvolvimento de intervenções. [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília. Brasília – DF].
- Santos, K. B. (2016). Mobilizando comportamentos de ajuda na rede de amizades: Uma estratégia de prevenção à violência no namoro baseada nos pares e na abordagem do expectador. [Tese de doutorado, Universidade de Brasília – DF]
- Sarti, S. A., Barbosa, R. M. & Suarez, M. M. (2006). Violência e gênero: vítimas demarcadas. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro. 16(2):167-183.
- Scliar, M. (2007). História do conceito de saúde. *Physis: revista saúde coletiva*. vol.17 no.1 Rio de Janeiro
- Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. 20(2), 71-99.
- Shorey, R. C., Cornelius, T. L. & Bell, K. M. (2008). A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. *Agression and violent Behavior*. 13, pp 185-194.
- Smith, R. M.; Parrot, D. J.; Swartout, K. M. & Tharp, A. T. (2015). Deconstructing Hegemonic Masculinity: The Roles of Antifemininity, Subordination to Women, and Sexual Dominance in Men's Perpetration of Sexual Aggression. *Psychol Men Masc*. 16(2): 160-169.
- Souza, E. R. (2005) Masculinidade e Violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*. 10(1): 59-70.
- Souza, D. C. & Duque, A. N. (2022). A Influência do Machismo na Violência Conjugal—uma revisão de literatura entre 2000-2017. *Revista Científica Gênero na Amazônia*, (13).
- Stea, T. H.; Haugen, T. Berntsen, S.; Guttormsen, V.; Overby, N. C.; Haraldstad, K.; Meland, E. & Abdildnes, E. (2016). Using the Intervention Mapping protocol to develop a

- family-based intervention for improving lifestyle habits among overweight and obese children: study protocol for a quasi-experimental trial. *BMC Public Health*. 16:1092.
- Straub, R. O. (2014). *Psicologia da saúde: uma abordagem biopsicossocial*. Artmed Editora
- Taquette, S. R., & Monteiro, D. L. M. (2019). Causes and consequences of adolescent dating violence: a systematic review. *Journal of injury and violence research*, 11(2), 137.
- Thiry-Cherques, H. R. (2006). Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Rev. Adm. Pública*. Vol.40 no.1.
- United Nations Population Fund [UNFPA] & Promundo (2010). Engaging men and boys in gender equality and health: A global toolkit for action. Promundo, Rio de Janeiro, Brazil.
- Vizcarra Larrañaga, M. B., & PÓO FIGUEROA, A. N. A. (2011). Violencia de pareja en estudiantes universitarios del sur de Chile. *Universitas Psychologica*, 10(1), 89-98.
- Waiselfizs, J. J. (2014). *Mapas da violência 2014. Os Jovens do Brasil*. Rio de Janeiro.
- Weisz, J. R., Sandler, I. N., Durlak, J. A., & Anton, B. S. (2005). Promoting and protecting youth mental health through evidence-based prevention and treatment. *American psychologist*, 60(6), 628.
- World Health Organization. (2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women*. Geneva: World Health Organization.
- World Health Organization. (2022). *WHO Guidelines on mental health at work*. Geneva: World Health Organization.

Notas:

1. Para expandir tal discussão o trabalho de Bourdieu (2012) sobre a dominação masculina traz importantes questionamentos sobre a definição do público e privado pelas relações de gênero.
2. Tradução do autor.
3. Tradução do autor.

## Anexos

### Anexo 1 – Protocolo de entrevista individual

Esse é um protocolo de entrevista individual.

A entrevista deverá ocorrer de modo virtual. O modelo de entrevista é de entrevista não-estruturada. São planejados temas a serem abordados, mas esses temas podem ser abordados em diferentes ordens, de acordo com as repostas do participante. Não são previstas perguntas específicas, porém as perguntas devem abordar a compreensão do participante sobre o tema, não suas experiências pessoais relacionadas àquele tema. O participante deve ser informado que ele é livre para abordar em sua resposta aquilo que se sentir confortável, não sendo solicitado dele o compartilhamento de experiências pessoais.

Procedimentos:

1. *Rapport*: a entrevista deve começar com o estabelecimento de *rapport* com o participante, cumprimentar, agradecer a participação, demonstrar simpatia.
2. Leitura do TCLE e aceite do participante: a segunda etapa é a leitura do TCLE na íntegra, questionamento junto ao participante se entendeu o que é descrito, se possui alguma dúvida. Essa etapa deve concluir com a resposta do participante a pergunta: “Aceita participar dessa pesquisa de acordo com o estabelecido neste termo de consentimento livre e esclarecido? Em caso de resposta positiva prosseguir a parte de dados de identificação. Em caso de resposta negativa agradecer e encerrar a entrevista.
3. Dados de identificação: Esses dados são parte da identificação da amostra.
  - a. Nome:
  - b. Idade:
  - c. Gênero:
  - d. Local de moradia:
  - e. Ocupação:
  - f. Estado civil:
  - g. Se solteiro: está em relacionamento atualmente:
  - h. Possui experiências de namoro anterior:
  - i. Classe social (classe A, B, C, D e E – da família ou do participante, caso este viva sozinho).
4. Tópicos da entrevista: A última etapa é a entrevista em si. Nela serão abordados os temas relevantes a pesquisa.
  - a. Violência no namoro: Qual a compreensão do participante sobre o tema, já teve acesso à informação, já ouviu falar ou teve acesso a algum programa de prevenção da violência no namoro;
  - b. Programas de prevenção: o que entende sobre prevenção, qual a função da prevenção, conhece sobre promoção da saúde, acredita que prevenção e promoção podem ser efetivas;



- c. Masculinidades: o que entende por masculinidade, o que é ser homem, como ser homem impacta na ocorrência de violência no namoro, homens e prevenção;
  - d. Participação masculina: acredita que homens participariam de programas de prevenção, acredita que homens se engajariam ativamente no combate à violência, o que poderia motivar um homem a participar de um programa de combate à violência no namoro, o que poderia atrapalhar um homem a participar de um programa de combate à violência no namoro, o que os pares (amigos, colegas, conhecidos) poderiam achar de um homem que participa dessas atividades, o que as mulheres (parentes, relacionamentos, amigas) poderiam achar de um homem que participa desse tipo de atividade, Considera que o gênero do mediador influencia a participação?
  - e. Interesses: o que um programa de prevenção da violência no namoro precisa ter para ser interessante para homens, quais formatos seriam mais atrativos, quais tipos de atividades motivariam homens a participar, quais tópicos poderiam ser abordados em tais programas para que homens se interessassem por eles
5. Conclusão: ao final deve-se verificar com o participante se ele gostaria de dizer algo, se ficou com alguma dúvida, insatisfação ou gostaria de fazer alguma reclamação. Questionar se o que ele achou do que foi discutido. Informar que outra etapa ocorrerá, a discussão em grupo, de modo que ele será contactado para verificar disponibilidade e interesse. Agradecer a participação e encerrar.

## **Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Prezado/a participante

Este é um convite para que você participe, como voluntário(a), do projeto de pesquisa “Prevenção da violência no namoro e engajamento masculino: Avaliação de necessidades com homens jovens” Este projeto é coordenado pelo Doutorando Rafael Alberto Moore e pela Profa. Sheila Giardini Murta (Universidade de Brasília - orientadora). Você pode saber mais sobre este projeto pode enviar mensagem para [rafael.a.moore@outlook.com](mailto:rafael.a.moore@outlook.com)

Se você tem interesse em participar, por favor leia este informe.

Você pode também entrar em contato conosco se tiver dúvidas (contato disponível neste informe).

#### **1. Qual é o objetivo desta pesquisa?**

Essa pesquisa tem por objetivo compreender a participação masculina em programas que visem o combate à violência no namoro. Outro objetivo desse programa é formular orientações com objetivo de trazer maior engajamento masculino em programas de prevenção da violência no namoro.

#### **2. Por que eu fui convidado a participar?**

Você está sendo convidado a participar porque acreditamos que sua experiência e/ou posição social possa te dar conhecimentos e experiências relevantes para a discussão do tema proposto aqui.

#### **3. O que deverei fazer?**

Essa pesquisa é composta de duas etapas. Na primeira etapa será conduzida uma entrevista individual com um membro da nossa equipe. Na segunda etapa ocorrerá uma discussão em grupo sobre os temas propostos, sendo conduzida por um ou dois membros da equipe. Em ambas as etapas o processo ocorrerá de forma integralmente virtual, com gravação em vídeo das sessões.

#### **4. Se houver falhas na internet e a participação for interrompida?**

Caso a sessão seja interrompida devido a falhas de internet, novos contatos serão feitos para buscar dar continuidade aquela etapa. Em caso do processo ser impossibilitado naquele momento você será contactado para verificar o seu interesse em participar de uma sessão alternativa.

#### **5. O que acontecerá com os meus dados?**

Pedimos sua autorização para gravar o encontro virtual. Tomaremos todos os cuidados para proteger as informações e ideias compartilhadas conosco. As suas informações de contato e gravação da discussão em grupo são estritamente confidenciais. Serão mantidos em segurança e protegidos com senha em um Drive compartilhado entre os membros da pesquisa, com acesso autorizado somente por esses membros. Estes arquivos serão armazenados por um mínimo de 3 anos até a publicação do estudo.

As gravações em vídeo poderão ser compartilhadas com profissionais que farão a transcrição dos vídeos, contudo eles irão deletar os arquivos assim que concluírem as transcrições. Nós iremos remover das transcrições e questionários todas as informações que possam te identificar. Outros pesquisadores poderão ter acesso aos dados para análises adicionais por meio de repositório online protegido por senha. Neste caso, os dados que possam identificar os/as participantes serão removidos e estes não poderão ser identificados. O banco de dados final, sem dados que identifiquem os participantes e com as respostas de todos os participantes, será mantido por um mínimo de 10 anos após a publicação do estudo.

Resultados deste estudo poderão ser publicados em livros, artigos, blogs, vídeos ou apresentações em congressos, com os resultados de todos os participantes analisados conjuntamente, de modo que você não será identificado.

## **6. Quais são os riscos e benefícios de participar?**

A participação nesta pesquisa te permitirá aprender e discutir temas relacionados a participação masculina, prevenção e combate à violência no namoro. Este estudo não prevê remuneração ou benefício direto para os participantes. Queremos utilizar os conteúdos dessa pesquisa para criar um protocolo que vise aumentar o engajamento de homens em programas de prevenção à violência e promoção de relacionamentos saudáveis. Por meio desse protocolo buscamos propiciar que programas de prevenção da violência no namoro possam inserir elementos visando maior engajamento masculino.

Você não será solicitado a compartilhar experiências pessoais sobre relacionamentos, experiências com violência ou problemas pessoais em relacionamentos passados. Contudo, nós vamos falar de temas gerais sobre violência no namoro, masculinidade e gênero, e experiências de engajamento na comunidade. Se falar sobre isto te causar desconforto emocional, você poderá interromper a participação e nos deixar a par. Nós estaremos à disposição para te ouvir e ajudar a buscar fontes de suporte caso necessário. Se for necessário, serviços de apoio à sua saúde mental poderão ser indicados.

## **7. Você tem que responder a todas as perguntas ou ficar até o fim?**

Você é livre para participar ou não. Você não precisa responder a todas as perguntas e pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem justificar sua desistência.

## **8. O que fazer se você quiser desistir?**

Caso você não possa mais participar da sessão, pedimos que nos comunique por email no endereço [rafael.a.moore@outlook.com](mailto:rafael.a.moore@outlook.com). Se você não comparecer ou sair da videoconferência durante a sessão, utilizaremos os dados coletados até aquele momento. Aqueles que por qualquer razão desejarem que seus dados sejam removidos deverão nos informar por e-mail. Uma resposta a este email confirmando a desistência e/ou retirada dos dados será enviada pela equipe de pesquisa. A retirada dos dados não se estenderá aos dados

já transcritos e anonimizados da participação em grupo (com dados já anonimizados, não será possível identificar quem falou o que e, assim, não se poderá conectar os dados a uma pessoa em particular).

### **9. Como poderei conhecer os resultados deste estudo?**

Uma síntese dos resultados deste estudo será enviada para você para o seu email, que solicitamos seja indicado ao fim deste informe.

### **10. Este estudo foi revisado por um Comitê de Ética?**

O projeto foi submetido ao conselho de ética em pesquisa do instituto de Ciências Humanas e sociais da Universidade de Brasília, sendo aprovado pelo CEP em 21 de setembro de 2021, sob número do parecer 4.

### **11. E se eu tiver alguma pergunta ou preocupação?**

Se necessitar esclarecimentos adicionais, esteja à vontade para contatar o Msc. Rafael Alberto Moore pelo email [rafael.a.moore@outlook.com](mailto:rafael.a.moore@outlook.com) .

Se você tiver alguma preocupação ou pergunta relativa a esta pesquisa, poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília - CEP/CHS ([cep\\_chs@unb.br](mailto:cep_chs@unb.br); fone 61 3107 1592).

Se você concorda em participar basta responder verbalmente à pergunta, que deverá ser registrada em vídeo, no início da entrevista. A confirmação do seu aceite a esse termo de consentimento livre e esclarecido ficará registrada em vídeo, validando a utilização das suas repostas para a pesquisa aqui especificada.